

IDENTIDADES CONJUNTURAIAS X IDENTIDADE TRADICIONAL: COMPARANDO TRAJETÓRIAS DE FAMÍLIAS TEUTO- BRASILEIRAS NO PROCESSO DE INTEGRAÇÃO À SOCIEDADE BRASILEIRA.

SIMSON, OLGA RODRIGUES DE MORAES VON

97ST1231

RESUMOTendo estudado em pesquisa anterior um bairro rural criado por famílias de língua e cultura germânicas no município de Campinas, estamos analisando agora trajetórias familiares, ao longo de 3 gerações, de teuto-brasileiros fixados em zona rural e em habitat urbano neste município. Partindo do pressuposto de que o exercício de cargo público eletivo seria o ápice do processo integrador do descendente de imigrante à nova realidade, estamos acompanhando trajetória de famílias que conseguiram atingir esse objetivo e de outras onde tal não ocorreu. Trabalhando com o diálogo entre diferentes suportes empíricos (documentos escritos, registros fotográficos e depoimentos orais) e colhendo história de vida de três grupos geracionais, tendo o cuidado de observar certa proximidade etária entre pesquisadores e depoentes, já podemos discutir algumas estratégias utilizadas pelos grupos familiares, no passado e no presente, apagando ou reafirmando a identidade teuto-brasileira para possibilitar inserções vantajosas na estrutura da sociedade receptora. Quando se observa a grande imigração dos povos de língua e cultura alemãs, no final do século XIX e início deste para as Américas, alguns pontos merecem ser salientados para melhor entendermos esse complexo processo de movimentação populacional: quatro foram os países que receberam as maiores contribuições destes imigrantes: USA, Canadá, Argentina e Brasil. Destes, os USA foi o país que recebeu o maior número de famílias alemãs, enquanto coube ao Brasil o menor número de imigrantes germânicos. Argentina e Canadá receberam quantidades médias, mas significativas. Passados um século e meio do início desse processo é interessante examinarmos comparativamente como os contingentes que se fixaram nas novas nações em formação, interagiram com as sociedades locais e como isso se refletiu nas relações que hoje tais nações mantêm com a Alemanha, uma das potências econômica e politicamente mais fortes do Mundo Ocidental. Para a análise que nos propomos realizar vamos comparar apenas os países que receberam o maior e o menor contingente de imigrantes alemães - USA e Brasil, tendo como pano de fundo as políticas culturais que cada um deles construiu ao se constituir como nação e o papel dos imigrantes nestes projetos nacionais.

Os USA possuíam um nítido projeto integrador para os imigrantes de várias nações que, sob a hegemonia da língua e cultura anglo-saxãs formaram a grande nação americana, projeto baseado numa ampla educação pública homogenizadora, realizada nas famosas pequenas casas de tijolo vermelho, cognome das escolas públicas que logo se espalharam por todo o território nacional. O Brasil, embora desejando integrar os novos contingentes populacionais, não contava com meios, iniciativas que propiciassem uma ação integradora de semelhante efetividade. Aos imigrantes recém chegados foram concedidos postos de trabalho nas empresas agrícolas do tipo plantation ou lotes de terra em zonas desabitadas, ainda não efetivamente integradas ao capitalismo agrário da época. Não houve a criação de instituições sociais que cuidassem do processo de integração, como se observou nos USA

Na verdade, tanto no Espírito Santo quanto nos estados do Sul (Santa Catarina, e Rio Grande do Sul) e também em São Paulo, os grupos imigrantes foram praticamente deixados à sua própria sorte. Essa situação vivida na fase de fixação à sociedade brasileira gerou uma enorme série de dificuldades para os imigrantes, pois tiveram que buscar em suas raízes culturais as experiências de vivência associativa que lhes permitissem superar em conjunto os impasses de ordem material aqui encontrados, faz como a não existência de escolas para educar as novas gerações, nascidas no Brasil, de igrejas e casas paroquiais para receber ministros que continuassem a lhes fornecer algum serviço religioso, ou ainda de cemitérios próprios para enterrar seus mortos, que não podiam adentrar os campos santos católicos. Associativamente os imigrantes criaram todas essas benfeitorias e desenvolveram uma imprensa em língua alemã que permitiu alguma comunicação entre as comunidades teuto-brasileiras e socializou os conhecimentos adquiridos no processo de fixação à nova terra. Foi-lhes também permitido no Brasil, por todo um século, a manutenção da língua, cultura e tradição germânicas possibilitando assim a conservação do tão valorizado Deutschtum em terras brasileiras.

Não houve durante o primeiro século de vida no Brasil a obrigatoriedade de uma educação em língua portuguesa, nem um serviço de assistentes sociais que os obrigasse, como nos USA, a comer a comida local, a vestir-se à moda da nova pátria e a se integrar à vida social americana, pois nas zonas onde se fixaram, não havia nem escolas nem instituições sociais fortemente organizadas, mas apenas uma sociedade luso-brasileira muito rarefeita e primitiva.

Como resultado dessa situação acima descrita observamos que, diferentemente dos USA e apesar do número significativamente menor de teutos aqui fixados, foi entre nós que modos de ser, agir e pensar tipicamente alemães, conviveram por muito mais tempo com as características da sociedade local e talvez tenham deixado influências e persistências que mereceriam ser melhor estudadas.

A longa convivência de culturas, que se prolongou sem muitas restrições e normas rígidas, a não ser no campo religioso, de 1825 até meados da década de 1930, parece ter criado aquilo que a princípio estamos chamando de maior predisposição para parcerias bi-nacionais, as quais colocam o Brasil hoje como um dos parceiros mais importantes da Alemanha no exterior e uma das sociedades onde a influência germânica, no campo econômico e cultural, vem se processando de forma muito significativa.

A imprensa, entretanto, ao se referir a imigração alemã para o Brasil, geralmente focaliza as comunidades de Santa Catarina ou Rio Grande do Sul mencionando-as devido a existência entre elas de uma maioria da população de origem teuta e à capacidade de manutenção e até de recriação, dos hábitos, tradições e língua germânicos, o que lhes daria um aspecto *sui generis*.

Mas um estudo sobre o referido tema que se pretendesse mais acurado e deixasse de lado os aspectos folclóricos para focalizar, por exemplo, o grau de atuação de empresas germânicas ou teuto-brasileiras na economia local ou a existência de instituições sócio-culturais de mesma origem inseridas na vida social, teria necessariamente que voltar o seu foco para o Estado de São Paulo. Este estado, centro econômico da nação, desde o final do século passado, atraiu e integrou à vida local um número significativamente elevado, não só de imigrantes de fala e cultura alemãs mas também capitais, empresas e instituições culturais, filantrópicas e sociais de mesma origem.

Uma pequena publicação do consulado geral Alemão em São Paulo intitulado *São Paulo und die Deutsche* salienta, por exemplo:

- existem residindo na capital do estado cerca de 400.000 habitantes, os quais, devido à sua ascendência guardam identidade com os povos de cultura e língua alemã (alemães, austríacos, suíços, e seus descendentes)
- a maior escola de ensino paralelo (alemão / outras línguas estrangeiras) de todo o Mundo é o Colégio Visconde de Porto Seguro, fundado há 119 anos e que atende a 5500 alunos na cidade de São Paulo e outros 2.000 na sua filial de Valinhos.

- ele não é, entretanto, a única escola que, em São Paulo, transmite em seus ensinamentos uma visão de mundo germânico e ensino da língua teuta. Há ainda quatro instituições de ensino desse tipo sediadas na capital do estado de São Paulo.

A existência de uma importante influência econômica, social e cultural germânica no Estado de São Paulo é pouco percebida porque se faz entremeada ao tecido social local e resulta de um longo processo imigratório que, iniciado em 1829 com os 94 colonos que se fixaram na Colônia Velha de Parelheiros próxima à Santo Amaro, encontrou o seu auge na segunda metade do século passado, mas continuou ainda com picos elevados no período posterior às duas grandes guerras mundiais.

A significativa massa populacional de língua e cultura germânicas ocupou preferencialmente certos bairros da capital (Santo Amaro, Brooklyn, Tucuruvi, Tremembé, Vila Mariana), mas também deixou suas marcas em várias cidades do interior (Rio Claro, Campinas, Cosmópolis, Limeira), como se pode perceber pelo quadro elaborado em 1857 relacionando as colônias que receberam imigrantes de língua e cultura germânicas.

NOMES DAS COLÔNIAS SUÍÇOS/ALEMÃES	TERMOS		PROPRIETÁRIOS		ALEMÃES			
	Fam.s	Ind.s	Fam.s	Ind.s				
Senador Vergueiro 267	Limeira	Senador	Nicolau	Pereira de Campos	Vergueiro	51	227	62

Angélica	Rio Claro	Idem	4	20	28	129			
Cresciumal	Pirassununga	Senador Francisco Antonio de Souza Queiroz				
...									
S. Jeronimo	Limeira	Idem	72	306	6	42			
Sta. Barbara	Idem	Idem			
Morro Azul	Idem	Alferes Joaquim Franco de Camargo				1	9
Boa Vista	Rio Claro	Benedito Antonio de Camargo				3	18	7	28
Biri e Covetinga	Idem	Dr. José Elias Pacheco Jordão				3	15	22	115
S. Lourenço	Piracicaba	Comendador Luiz Antonio de Souza Barros				28	145	28	146
Boa Vista	Rio Claro	D. Ana Joaquina Nogueira de Oliveira				1	8
S. João do Morro	Grande	Idem	João Ribeiro dos Santos Camargo		
Tatu	Limeira	Candido José da Silva	8	34			
Capitão Diniz	Idem	Joaquim da Silva Diniz			
Boa Esperança	Campinas	Antonio de Camargo Campos				14	60
Tapera	Idem	D. Maria Inocência de Souza	9	45	6	22			
Boa Vista	Idem	Floriania de Camargo Penteado	1-	47	7	22			
Sítio Novo	Campinas	Antonio Rodrigues Barbosa				5	24	...	9
Sete Quedas	Idem	Joaquim Bonifácio do Amaral	8	37			
Laranjal	Idem	Luciano Teixeira Nogueira			
Boa Vista	Amparo	João Leite de Moraes Cunha	16	71		
Soledade	Campinas	Hércules Florence	2	18		
S. Francisco	Idem	Francisco de Camargo Penteado	8	36			
S. Joaquim	Judiaí	Joaquim Bento de Queiroz Teles	7	34		
Sto. Antonio	Idem	Comendador Antonio de Queiroz Teles	14	68		
S. José da Lagoa	Idem	Coronel Antonio Joaquim Pereira Guimarães	7	38		

(1)

Poucas são entretanto as pesquisas realizadas tentando dar conta desse tema, sob um enfoque de caráter histórico-sociológico. Com esse objetivo iniciamos em 1992 uma pesquisa que, tentando resgatar o processo imigratório de alemães para Campinas e região, nos permitiu perceber a abrangência e importância do fenômeno no Estado de São Paulo.

Nosso objetivo ao estudar os descendentes de alemães no município de Campinas foi o de reconstruir a história social do processo de imigração, fixação e integração desse grupo na vida local e tentar compreender como, na atualidade, esse contingente da população nacional vivencia sua identidade teuto-brasileira e se ela tem alguma importância nas parcerias bi-nacionais que Brasil e Alemanha vem desenvolvendo nos campos econômico, social e cultural.

A primeira pesquisa, apesar de ser apenas um estudo do contingente alemão na cidade de Campinas, busca iniciar uma reflexão mais ampla que procura avaliar como o grupo imigrante teuto, um dos primeiros a ser chamado para substituir o braço escravo nas grandes plantações cafezeiras paulistas do século passado, aqui se fixou, se reproduziu e prosperou trazendo certamente contribuições para a formação da sociedade paulista, e como hoje a base sócio-política e cultural criada a partir da imigração germânica de meados do século passado e enriquecida por levas posteriores quantitativamente menores, permite uma intensa relação econômica e cultural entre essa região do país e a Alemanha, uma nação que neste final de século se afirma novamente como uma das maiores forças econômicas e políticas do Mundo Ocidental.

Nessa primeira pesquisa foram reunidas as histórias de vida dos membros mais velhos das colônias imigrantes vivendo nas zonas rural e urbana procurando focalizar o processo de escolarização e as atividades familiares relacionadas ao lazer e ao consumo cultural. Também foram coletados documentos oficiais e privados relacionados ao processo imigratório dessas famílias, fotografias antigas e publicações com o intuito de orientar a coleta das narrativas orais e complementá-las.

A hipótese original que orientou a primeira investigação foi a de que os imigrantes alemães, quando comparados com outros grupos, já haviam chegado ao Brasil com padrões educacionais e culturais mais elevados. Este fato teria feito com que as famílias do contingente estudado tivessem maior cuidado com a educação de seus filhos, suprimindo mesmo com esforço próprio, as deficiências do meio social brasileiro. A vida em família incluiria também atividades de caráter cultural, como leitura e música e, pelo menos parte do

lazer dessas famílias, seja em casa ou em comunidade, seria dedicada às atividades culturais. Com tais atitudes as famílias estariam instrumentalizando muito melhor os seus filhos para enfrentar a vida na nova sociedade e permitindo aos mesmos realizar uma ascensão mais rápida na estrutura da sociedade urbana brasileira, confirmando o senso comum vigente na sociedade mais ampla que afirma que este foi um dos grupos imigrantes que deu mais certo.

A análise dos dados colhidos em arquivos nacionais e internacionais ou junto aos descendentes mais idosos pelo método biográfico, assim como o trabalho com um rico acervo de fotografias antigas em poder da comunidade, nos fez perceber que além do papel fundamental das famílias de cultura camponesa no processo de educação de seus muitos filhos também o movimento associativo, engendrado na pequena colônia de origem germânica, isolada no sertão de Campinas, foi decisivo para definir o tipo e a qualidade da inserção desses teuto-brasileiros na sociedade brasileira mais ampla da região de Campinas.

Foi a capacidade de criar e manter associações, trazida por esses imigrantes das suas experiências anteriores na Mãe-Pátria, que permitiu a eles superar as carências e dificuldades vivenciadas no período de instalação no bairro rural por eles criado . Ante a total indiferença manifestada nessa fase inicial, tanto pelo governo alemão (por quem eram taxados como traidores da Pátria, ao abandoná-la para vir tentar nova vida na América), quanto pelo brasileiro (que se interessava por imigrantes teutos, ou como mão-de-obra substituta para a escrava nas fazendas cafeeiras ou como contingente populacional utilizado para desenvolver áreas devolutas e de difícil ocupação pela agricultura de exportação) os imigrantes de Friburgo tiveram que buscar em vivências e conhecimentos trazidos da Terra-Mãe Alemanha ou adquiridos no longo período (10 a 20 anos) em que funcionaram como parceiros nas fazendas de café da região, as estratégias para sobreviver e prosperar no sertão sul do município.

Foi assim que a partir do último quartel do século passado e até a década de 30 deste século eles viveram como prósperos pequenos sitiantes que plantavam café (então o produto agrícola de mais alta rentabilidade) e puderam erguer e manter comunitariamente a escola, o cemitério e a igreja luterana locais, além de uma biblioteca utilizada por toda comunidade, grupos de canto coral e espaços de lazer cultural, como as peças de teatro encenadas anualmente na escola, e a festas em data marcantes para a vida local.

Mas o crescimento natural dessa comunidade teuto-brasileira, as transformações econômicas e sociais da região e a crise do café de 29/30 determinaram o início de um processo gradativo e cada vez mais acelerado de inserção dos descendentes dos pioneiros de Friburgo na sociedade urbana da região nas cidades de Indaiatuba, Campinas e Monte Mor . (2)

A presente pesquisa, acompanhando as trajetórias de três famílias de Friburgo e comparando-as com trajetórias de três outras famílias também de origem germânica mas fixadas em contexto urbano, procura entender como se deu esse processo de inserção e assimilação dos teuto-brasileiros na sociedade de Campinas e região.

Partindo do pressuposto de que o grau mais elevado de inserção e aceitação do imigrante ou descendente de imigrante na sociedade mais ampla local pode ser percebido quando ele assume uma participação política na vida do município (ou do estado, ou da federação), tentamos examinar comparativamente trajetórias de famílias onde esse fato pode ser observado e outras onde tal tipo de inserção não se realizou.

Assim, as famílias estudadas nessa segunda parte da pesquisa foram selecionadas dentro do nosso universo anterior levando em conta essa preocupação da pesquisa.

A comparação entre as famílias fixadas seja em zona rural ou em zona urbana e realizada por gerações levou em conta as seguintes categorias: educação (realizada na comunidade ou também em escolas urbanas), profissões exercidas ao longo da vida, casamento (endogâmico ou exogâmico) religião e identidade manifestada pelo entrevistado.

Posteriormente realizaremos uma comparação entre as trajetórias das famílias rurais com aquelas das famílias urbanas permitindo perceber quais as diferenças que a fixação desses imigrantes em um, ou outro habitat da região de Campinas, pode ter determinado no seu processo de inserção na sociedade local.

Finalmente tentamos examinar como foi construída e se é mantida entre eles uma identidade teuto-brasileira e quais as transformações que esta auto-identificação sofreu ao longo das duas grandes guerras e na contemporaneidade .

Neste trabalho vamos comparar as trajetórias de três gerações das famílias fixadas, a princípio em Friburgo na zona rural, para tentar perceber como cada uma delas enfrentou o desafio da integração à sociedade mais ampla brasileira e a construção de uma identidade no bojo da modernidade.

A primeira geração de entrevistados (hoje com 60 a 88 anos) sofreu influência do ideologia da liga pan-germânica (Alldeutscher Verband) atuante desde os anos 90 do século passado. Essa organização nacionalista radical com seu caráter expansionista esforçava-se por introjetar um forte sentimento nacionalista nos alemães do exterior (conceito por ela mesma inventado) como estratégia indireta de assegurar acordos econômicos naquelas nações (3), que haviam recebido imigrantes teutos. A liga financiou empresas de seus compatriotas mais abastados e colaborou também para a manutenção de escolas, associações, igrejas, bem como ampliou a imprensa de língua alemã. Apoiava a endogamia, veiculando doutrinas de cunho racial(4) .

Os instrumentos transmissores dessa influência eram os professores que vindos da Alemanha ou de colônias do sul do país traziam uma visão tradicional e nacionalista do papel do colono-imigrante e da importância da manutenção da língua alemã como instrumento de comunicação entre os colonos, além de enfatizarem, na sua atuação concreta, os hábitos e costumes de origem teuta.

Também a religião luterana, através de seus pastores teve um papel relevante nesse processo como denotam as palavras do pastor Wilhelm Rotermund que influenciou os alemães fixados em nosso país através do jornal Deutsche Post e dos almanaques Kelender für die Deutschen in Brasilien, por ele editados e difundidos pela Igreja Luterana em todo o Brasil. Dizia ele O cultivo da germanidade está no sangue da Igreja Evangélica que, com razão, foi designada de fruto da união do Evangelho com o espírito germânico - quem deixa de pensar evangelicamente, deixa de ser alemão e vice versa. Quem nega a língua e a índole alemã também se perderá muito possivelmente para nossa igreja(5).

O hábito da compra dos almanaques ou Kalenders se mantém entre as famílias residentes na zona rural como pudemos constatar em entrevista realizada em 1994 com a Família Böhn de Friburgo e essa obtenção é intermediada, ainda hoje, pela Igreja Luterana. A reserva precisa ser feita nos meses finais do ano, pois a edição parece ser limitada, não havendo número suficiente de Kalenders para todos os interessados.

Um indicador concreto dessa influência pode ainda hoje ser percebido pela carta que o último presidente da Alemanha antes de Hitler, enviou à comunidade de Friburgo, via Consulado Geral de São Paulo e que se encontra num pequeno quadro pendurado na sacristia na igreja local. Nessa carta o Presidente Alemão diz reforçando o sentimento de nacionalismo:

Der Reichspräsident

Berlim, 3 de fevereiro de 1933

Amor pela nova Pátria - fidelidade à velha Terra Natal - este é o sentido no qual os brasileiros de origem alemã sempre se reencontram

von Hindenburg

Essa influência vai ser reafirmada pela atuação de representantes do nacional-socialismo que na década de 30 freqüentaram a comunidade como a escritora e conferencista Maria Kahle, a qual, em sua viagem (financiada pela Liga Popular para a Manutenção do Deutschtum no Estrangeiro) visitou todas as colônias teutas do Brasil, tendo também passado por Friburgo, que assim foi por ela descrito: Os Holsacianos de Friedburg e os seus descendentes de Monte-Mór se tornaram abastados plantadores de batatas... A escola de Friedburg foi o nosso espaço de reunião, lá e também em Monte-Mór vieram adultos e crianças em grande número, muitos

com os cabelos claros de sangue holsaciano. As avós narravam em platt-deutsch os duros tempos iniciais e as associações de canto cantavam músicas populares alemãs. (6)

Também um serviço de filmes educativos foi montado nessa década, através de um financiamento do sistema ferroviário Alemão que se unindo à Zeiss e à Mercedes e contando com apoio da Agfa, exibia filmes culturais mostrando os progressos da Alemanha, sob o nacional-socialismo e pretendia filmar a resistência, o dinamismo e a coragem dos colonos teutos que, enfrentando todo tipo de dificuldades, levavam o bom exemplo de trabalho e disciplina e os ideais germânicos aos pontos mais afastados do globo terrestre.(7) Pretendiam assim fomentar a re-ligação dos filhos da Grande Mãe Alemanha, espalhados pelos cinco continentes com a Pátria de origem.

Todos esses fatores e mais uma educação ministrada em alemão e seguindo um currículo inspirado na escola primária germânica por professores importados ou nacionais, mas que haviam cursado a Deutsche Schule de Campinas resultou na construção de uma identidade de tipo tradicional de influência iluminista com sujeitos auto-centrados, do tipo que se forma em sua relação com os outros(8) e que valoriza a tradição e o nacionalismo e se consubstancia na expressão teuto-brasileiro (Deutsch brasilianer) querendo frisar a diferença em relação à sociedade brasileira mais ampla e se defender da assimilação e sua conseqüente miscigenação.

A segunda geração das famílias fixadas em habitat rural já apresenta diferença significativa entre os três representantes entrevistados, hoje com 50 a 64 anos de idade.

Aquele que permaneceu vivendo na propriedade rural (apenas ausente por um período curto de trabalho em indústrias multinacionais de origem alemã de Campinas) apresenta uma identidade semelhante à da geração anterior na qual a valorização da germanidade se encontra sempre presente e a reafirmação da capacidade de trabalho do teuto-brasileiro é uma constante.

... Eu entrei numa firma, a firma chamava ICM: Indústria e Comércio de Máquinas, era máquina pra madeira. Mas o chefe era alemão, quem me levou lá era filho de alemão, era alemão, mesmo, veio da Alemanha, só que ele veio pequenininho - tenho amizade com a família até hoje; o chefe era alemão, o engenheiro era alemão, o encarregado era alemão, o vendedor era alemão. Então a gente fica dentro daquele ritmo, que o alemão é difícil ele escorregar... Eu acho que... não vamos dizer assim certinho, certinho, mas o sistema que a gente tem já é mais certinho...(9)

Seus primos, gêmeos que tendo feito o curso primário em Friburgo, migraram para Campinas para continuar estudando em escolas brasileiras nas décadas de 50 e 60 tendo chegado à universidade nos anos 70, e hoje se encontram vivendo em habitat urbano e integrados ao serviço público e apresentam um outro tipo de identidade de caráter múltiplo na qual a construção do self, ao contrário das culturas baseadas na tradição, tornou-se um processo de negociação constante com o mundo exterior e de reformulação ou reciclagem do eu que, a rigor, nunca termina.(10) Parece que as transformações trazida pela modernidade, como diz Anthony Giddens, na sua extensão... serviram para estabelecer formas de interconexão social que espalmam o globo; em sua intensidade elas vieram alterar algumas das feições mais íntimas e pessoais da nossa existência cotidiana(11).

É interessante observar que esses dois irmãos, apesar de gêmeos e de haverem construído uma trajetória escolar idêntica, se diferenciam na maneira como construíram a identidade múltipla de caráter conjuntural. Ambos concordam que os anos 50 e 60 quando cursavam a escola secundária em Campinas, recém-chegados de Friburgo e com dificuldades para dominar plenamente o idioma português, foram anos muito difíceis que os levaram a negar a sua origem germânica e a procurar uma integração rápida à vida urbana brasileira.

O mais velho, sempre foi muito ligado à Igreja Luterana e aos movimentos de juventude por ela promovidos, se manteve mais germânico tendo buscado nos locais onde viveu estabelecer relações com contemporâneos de mesma fé e origem cultural e tenro talvez por isso se casado com uma jovem de origem suíço-alemã.

.... nós entramos na Universidade em Curitiba. Aí nós cursamos os quatro anos... O Ricardo sempre mantendo mais ligação com a colônia que eu... Não a colônia em si, mas a nível da Igreja. Ele sempre foi muito amigo do pastor, então ele tava sempre em contato com juventude, essas coisas. Ele foi viajar muitas vezes para o Rio Grande do Sul, mas... eu parti pro outro lado que era o futebol pra brincar.. era completamente diferente do que ele participava...

(Entrevista com Júlio Gübel, realizada pela equipe do projeto em 13/01/96 - p.7)

É êle que, na idade madura, vai liderar um movimento de reconstrução da tradição germânica na associação do bairro rural de Friburgo que preside pela segunda vez atualmente e tomar a iniciativa de buscar na Universidade o apôio necessário para realizar uma re-ligação (com bases científicas) do grupo de descendentes de alemães com a pátria de origem, através de uma pesquisa na qual o grupo pesquisado atuou efetivamente, colaborando com depoimentos, imagens fotográficas históricas e documentos pessoais.

O irmão mais jovem construiu, ao longo de sua vida escolar nas várias instituições que cursou seus grupos de relacionamento, através do esporte e conviveu, portanto, com amigos de diferentes origens étnicas e culturais, elaborando uma identidade muito mais próxima da brasileira o que o levou talvez se casar com uma descendente de italianos.

..meu irmão sempre jogava futebol de salão, uma ou duas vezes por semana ele ia pra cidade (Jaboticabal), eles vinham buscar ele pra jogar futebol, então ele se integrou dessa maneira..".

(Entrevista com Ricardo Gübel Jr., realizada pela quipe do projeto em 05/01/96 - p. 13)

Hoje, ambos participam ativamente da Sociedade Escolar do Bairro de Friburgo trazendo seus filhos adolescentes e universitários para vivenciar as tradições alemãs recriadas, via grupo de dança folclóricas, mas a inserção do mais jovem nesse processo foi mais lenta e gradativa como se a reconstrução do componente germânico da sua identidade precisasse de mais tempo e motivações várias para se processar. A terceira e última geração entrevistada é formada pelos jovens que tendo nascido e se criado nas cidades de Campinas e Indaiatuba e cursado as escolas brasileiras, pouca importância davam para Friburgo, vista muitas vezes como local de moradia dos parentes mais idosos e sem muitos atrativos que os fizessem optar por lá passar seus fins de semana. A ascendência germânica pouco significava para esses jovens que organizavam seu tempo livre entre as atividades dos clubes e os cinemas nos shopping centers das cidades interioranas, se negando a participar das comemorações, com apêlo étnico, que seus pais ou tios passaram a realizar no bairro rural desde meados da década de 80.

Foi a partir de 1993, através da criação em Friburgo de um grupo de danças folclóricas liderado por um casal de origem teuto-brasileira de São Paulo transferido para Indaiatuba, que esses jovens passaram a frequentar a Associação Escolar, uma especie de clube nos fins de semana, para a comunidade friburguense. Aprendendo a dançar as elaboradas evoluções que recriam os costumes do Norte da Alemanha, região de onde vieram seus trisavós, essa juventude foi desenvolvendo uma identidade teuto-brasileira e se interessando por aprender o idioma de seus antepassados.

Quando perguntados sobre as razões que os levaram a integrar o grupo de danças dois motivos aparecem como predominantes: o prazer da dança e a oportunidade de conhecer um pouco da cultura alemã tendo começado alguns deste jovens a estudar o idioma de Goethe.

Não se percebe entre eles, entretanto um culto à tradição, nem uma nostalgia de um tempo passado em que a germanidade imperava, mas sim um sentido muito pragmático que coloca um certo domínio da cultura e língua teutas como fatores positivos para a vida profissional futura.

Trata-se de uma volta ao passado, com as percepções do presente, mas visando um futuro relativamente próximo onde a forte competição no mercado de trabalho poderá ser enfrentada com trunfos extras, fornecidos pela identidade teuto-brasileira recém adquirida e usada estrategicamente. É assim que expressando sua germanidade através da dança dos ferreiros, originária das corporações de ofício medievais do norte europeu eles desenvolvem cordenação motora e flexibilidade que lhes permitem executar espontaneamente, alguns minutos depois, após o término da apresentação oficial, a dança da garrafa de origem baiana contemporânea, com muita habilidade e alegria, intercalando assim como diferentes faces de um caleidoscópio, as muitas características de suas identidades múltiplas.

Campinas, agosto de 1997

PROJETO: FAMÍLIAS IMIGRANTES - ALEMÃES

ENTREVISTADO (A/S): João Daniel Böhn

ENTREVISTADOR (A/S): Valquíria Augusti e Ialê F. Braga

DATA DA ENTREVISTA: 08.07.1997

LOCAL DA ENTREVISTA: na residência da entrevistadora Valquiria Augusti

INÍCIO FITA 1-A

i - Uma conversa com João Daniel. (Risos) O 3° da ... do clã (risos), dos Böhn; não sei se é o 3°, né. O 3° entrevistado do clã dos Böhn. Basicamente nós já conversamos com alguns, algumas coisas, né?

Jd - É, porque vocês já falaram com meu pai e com minha vó, né? Acho que muita coisa vocês já ...

v - Mas sobre você não, né? Na verdade, o que a gente tava conversando agora era um pouco sobre você ... Essa história sobre seu pai ... Que o objetivo nosso, assim, é isso também de estar entendendo ... você dentro dessa história da sua família.

Jd - Certo.

I - Ok?

Jd - Ok.

V - ... sua geração não é? Como que ela vive se relaciona com o trabalho, com a questão alemã, da educação alemã. Isso aí é uma coisa que você pode falar livremente, qualquer coisa a gente vai questionando ...

i - É, eu queria saber 1°. Você fez o primário no Friburgo. Qual sua trajetória escolar, só prá tá iniciando ...

jd - Bom, eu fiz o primário no Friburgo de 78 à 81, aí em 82, por não ter um ginásio próximo eu mudei prá Campinas, fui morar com meu irmão. Morei com ele, durante ... 5 anos e meio.

I - E ele tinha quantos anos? Ele já era casado?

Jd - Não, ele não era casado. Ele é 15 anos mais velho que eu, mas ele não era casado.

I - E ele estudava aqui?

Jd - Ele estudava aqui. Ele fazia PUCC. Nessa época tava fazendo Letras, né! Trabalhava no Aeroporto. A gente dividia um apartamento. Éramos eu, ele e mais 3 primas ... Por parte da minha mãe.

I - Você era novinho?

Jd - 10 anos eu tinha.

I - Já dividia um apartamento, deve ser um barato isso com 10 anos.

Jd - É porque, é interessante, porque era assim, eram 3 que eram mais velhos, era o meu irmão e mais 2 primas, e tinha uma prima que era 1 ano mais velha que eu, e tinha eu, e nós só estudávamos, então a

responsabilidade da casa era nossa, a gente tinha que cuidar da casa. Fazer a comida, e a gente tinha que se virar, daí moramos uns 3 anos juntos, meu irmão resolveu alugar uma casa, porque a minha irmã, entrou em idade escolar, aí ela ia morar com a gente, aí, mas também ela não se adaptou muito morando só com a gente, e ficar muito tempo longe do pai e da mãe, então começou a fazer aquela correria todo dia, né! (Ao fundo latidos de cachorro)

i - A Elaine?

Jd - É. Aí minha mãe ía e voltava todo dia com ela. Ela vinha, deixava a Elaine na Escola, ia prá casa onde a gente morava, ela ficava lá até dá a hora da Elaine ir embora, aí ela ía embora pegava a Elaine e voltava pro sítio.

I/v - Nossa!

Jd - Todo dia. E nessa época que nós fomos morar sozinhos, meu outro irmão foi morar junto com a gente, o Eurico. Aí nós 3 fomos morar juntos.

I - Então péra, Quem é o mais novo?

Jd - Eu. Dos irmão, dos homens eu, né?!

I - Você. E daí vem a menina ...

Jd - A Elaine.

I - A Elaine que é a mais nova.

Jd - É que a diferença de idade em casa é muito grande entre os irmãos né! Do 1° pro 2° ...

i - Qual o irmão mais velho?

Jd - Edgar ...

i - Edgar.

Jd - Do 1° pro 2° são 5 anos, do 2° pro 3° são 10 anos, do 3° pro 4° são 7 anos. Então quando a minha irmã nasceu, meu irmão já tinha 23 anos.

I - Puxa!

Jd - Essa é a diferença de idade. Aí, em 87 meu irmão casou. Ele casou e eu fui morar com uma tia minha. Morei mais 1 ano com ela.

I - Irmã da tua mãe, ou do teu pai?

Jd - Não, ela era ..., a gente chama ela de tia mas ela na verdade é irmã de criação da minha vó.

I - Da Herna?

Jd - É.

I - Ah é?! Quem que é? Como é que ela chama?

Jd - Cristina Welhenberger (?) acho que é.

I - Que legal!

Jd - Então, fui morar com ela, porque meu irmão mais velho já tinha morado com ela durante 9 anos.

I - e ela é solteira?

Jd - Não, ela é, ela é casada, ela tem uma filha só que a filha dela já era casada, e ela tava sozinha com o esposo na casa dela né? Como a casa era grande e eu fui morar com ela. Morei 1 ano lá. Aí eles mudaram para um apartamento menor, e aí eu voltei pro sítio. Na época eu tinha, acho que 17. 17 prá 18. Não tinha condições de, de, de dividir um aluguel, de cara. E também não tinha passado por tudo isso, né! Então já tava, tava no pique, mas a maioria do pessoal dessa idade, não ... Ainda não pensa muito assim em dividir apartamento, assumir uma responsabilidade. Aí eu voltei prá casa, aí fiquei mais 2 anos e meio em casa, no sítio lá.

I - Sem, sem estudar?

Jd - Não, tava estudando ...

v - Como você fazia?

I - Você ia e vinha?

Jd - Todo dia. Aí eu fazia o seguinte. Eu trabalhava no banco, eu já tava trabalhando nessa época, trabalha no período da manhã, entrava às 15 para as 7 e saía a 1 da tarde. E daí, daí eu ia prá casa, almoçava, dormia um pouco a tarde, porque eu levantava super cedo para ir trabalhar e a noite eu ia pro colégio, e chegava em casa tipo 15 prá 1 ...

i - Vida também hein ...

jd - E acordava também todo dia, mais ou menos umas 4 e meia, porque as 5 a gente já tava pegando ônibus prá ir trabalhar.

I - Ôh loco, você dormia 3 horas?

Jd - Por isso que eu dormia à tarde. Aí, quando ... Aí, com 17 eu já entrei na faculdade, é ...

i - Então sua formação escolar também. Foi assim, melhor possível, porque você veio estudar aqui, em Campinas, né? Assim, se, se diferenciava de tudo. Acho que não tem jovem dessa idade que ficou em Friburgo, né? Que daí né ...

jd - Na minha idade tem um primo meu por parte de mãe. Ele ficou ... (vozes sobrepostas) Ele, ele, acho que ... Não, da minha idade, né! Ele é 2 anos mais velho que eu, mas ele ficou, da minha geração, ele acho que foi o único que ficou. Entre, dentre todos os primos por parte de mãe, só ele e um outro que ficaram. Lá. Criaram. Aí ele ficaram (vozes sobrepostas). Mas eles pararam de estudar, eles fizeram só o primário e, acho que de todos os primos por parte de mãe que eu tenho, fora a gente lá de casa, só mais um, chegou a, terminou a faculdade. O resto todos pararam, casaram. E como lá em casa, a gente já vinha naquela né! Vamo que vamo. Então todo mundo foi fazendo.

I - Fazendo, e tinha o irmão daqui, o mais velho. Quando seu irmão fez, fez é escola, é assim, fez 1º, 2º grau, período militar. Seu pai tava aqui em Campinas ou não? Ele ...

v - Ele trabalhou na Bosch?

Jd - Trabalhou. Ele trabalhou na Bosch. Trabalhou na Wolkswagen (?) em S.P.

v - Cê lembra, ele me contou que ia de bicicleta, não foi?

Jd - Na Singer. Quando ele trabalhava na Singer, ele ia de bicicleta.

V - Ah, na Singer ...

jd - Mas, meu pai morou em vários lugares. (som de xícaras) Então, é, é ... a época correta eu não sei, porque não tenho conhecimento. Quando eu nasci ele já estava no sítio. Onde a gente tá até hoje, né! Mas ele morou em Indaiatuba, ele morou num sítio lá, quando meu irmão mais velho era pequeno. Ele .. Ah! Ele passou por vários lugares ...

i - Eu tava pensando assim; você, é ... veio, assim, tinha a segurança do seu irmão, porque cê veio com 10 anos.

Jd - Certo!

I - Só tendo alguém mesmo e tal. Mas o teu irmão, né? Como foi o 1º que veio né?

Jd - Então, aí que foi, eu não sei se foi com essa idade, ou se foi um pouco mais velho, porque assim; o Eurico, ele foi morar com a tia Martinha.

I - Hum, hum!

Jd - Que é a mãe do Ricardo e do Júlio (vozes sobrepostas).

I - Então o Edgar, o Eurico e você que ... ah! Tá bom.

Jd - O Edgar foi morar com a tia Cristina.

I - Hum ...

jd - Então eles moravam com as tias. Só que daí meu irmão mais velho, já tava assim naquela idade que, Pô! Não agüentava mais assim, morar na casa de, de, de outras pessoas, né? (Vozes sobrepostas)

i - Sei.

Jd - Porque é assim, por mais que você, pelo menos eu penso dessa forma, se você vai morar com uma pessoa assim diferente, na casa de uma pessoa, você tem que assumir as regras da casa, se comportar de acordo com a vida daquela pessoa, você não pode invadir a privacidade dela.

I - Não!

Jd - É! É diferente de você montar, uma casa, um apartamento, montar uma república com alguém porque daí, você tá juntando ... (vozes sobrepostas) Você tá criando regras, e se você for morar com outra pessoa, você tem que se adaptar às regras dela. Ele já tava de saco cheio, 9 anos morando dessa forma aí ele falou: não, não agüento mais. Então alugou apartamento 1 ano antes de eu ir morar com ele. Aí depois eu fui morar com ele.

V - E ele estudou em Friburgo também?

Jd - Estudou. Ele estudou ----.

V - E era forte lá a escola na época, que ele estudava? Não tinha diferença ou não?

Jd - Eu não sei, é assim: quando eu tava lá, meu irmão tava fazendo letras, e acho que ele já tinha uma formação de pedagogia, e ele ficava o tempo todo me ---- ... falava assim ó: tem que ser o melhor dos melhores aqui prá quando você ir prá cidade você conseguir acompanhar, né?

I - Hum!

Jd - Só que na minha, ... na época que, acho que eu fiz o primário lá o ensino já tinha caído muito. Então quando eu cheguei aqui, eu levei numa boa, levei numa boa.

V/i - (vozes sobrepostas/incompreensível)

v - Também com 17 anos na Universidade foi ... assim teve, teve uma base muito boa ...

jd - Não parei prá pensar, né?

I - É, nem ...

jd - Infelizmente não parei prá pensar, foi assim (estralos com os dedos) ... pauleira ... e depois que comecei a trabalhar, aí já me desliguei praticamente, totalmente da minha família. Aí as despesas eram minhas, e eu que me virava. Eu que me entendi, né! Terminei o colégio, é como eu tinha feito técnico em administração, eu tive várias disciplinas técnicas né! Vamos dizer assim. Aí eu tive noção de Direito, administração, de economia, de ..., um monte de coisa, né? E até então, eu queria fazer faculdade de administração, aí quando eu terminei o colégio, aí vi que não era administração que eu queria, fiquei fascinado por economia. Aí já tinha ficado com economia. Quando, quando eu fui sair do quartel, já tinha feito o 1º de faculdade. Não consegui ser liberado ... Tentei fazer durante 6 meses. Não consegui. Porque no começo é assim: como é muita correria, você tem horário prá entrar, mas não tem hora prá sair do quartel né?! E eu na época não tinha carro, não tinha carta, não tinha nada. E nessa época eu não tive muito apoio da família, assim prá

v - Hum!

Jd - ... prá eles falarem não, cê dá um jeito que a gente te ajuda, né! E todo mundo queria que eu trancasse. Até meu irmão que sempre me apoiou muito, na parte de estudo, esse com quem eu morei, aí, na época ele disse: tranca a faculdade! Mas eu não queria trancar. Que é barra! Você pára 1 ano de faculdade, você tem que ter uma vontade muito grande prá voltar depois, porque senão você perde o fio da meda, você perde o pessoal, você não tem mais aquele convívio, acaba. Eu acabei ficando 2 anos afastado. Porque depois que eu servi o quartel, uma das, aquela turma mais nova que morava comigo quando eu fui com minha irmã ela tinha casado, se separado e me convidou prá morar com ela. Eu topei. Aí a gente foi dividir o apartamento. Eu, ela e mais uma amiga dela. Aí eu morei com elas durante 1 ano e meio.

I - Morar com 2 mulhers, como foi? (Risos)

jd - Ai! Terrível, né! (Risos)

v - E seus pais? Numa boa? Algum problema? E sua prima?

Jd - Ah. Quanto aos meus pais não tinha problema, nem os pais da minha prima, agora a outra, a outra, a gente durante 6 meses conseguiu esconder.

I - Hum!

Jd - Não da família toda mas dos pais, do pai dela. Depois não deu mais prá esconder e o pai dela ficou sabendo, mais tudo bem. E era uma convivência legal, porque a gente saía junto, viajava junto, a gente fazia tudo junto, festinha! A gente morava num prédio, alí na ... sabe com aquela ---- de Campinas ...

i - Ham, ham!

Jd - ... Então a gente morava num prédio, num predio de 20 andares. E eram todos apartamentos de 1 dormitório, então a maioria era estudante ... O prédio tinha 80 apartamentos, e acho que tinha 2 famílias, que moravam, só. O resto era tudo estudante. E no meu andar só tinha eu de homem. O resto era tudo mulher (risos).

V - (risos)

i - Ah ... era terrível então ...

jd - No meu apartamento era eu e as 2 meninas, no apartamento do lado eram mais 3 meninas, no outro era 1 mulher solteira que morava sozinha, e no apartamento da frente eram mais 2 meninas. Todo pepino que dava naquele andar era eu que tinha que resolver, né! Máquina de, de, de, lavar quando quebrava elas me chamavam ...

v - E como se fazia isso?

Jd - Me virando né!

V - Ah, mas seu pai ...

jd - É. Porque eu tinha pouco contato com meu pai, apesar de voltar todo final de semana prá casa ...

i - Hum, hum!

Jd - É, eu tinha pouco contato ... quando eu não trabalhava meu pai cobrava muito, porque ele achava que durante a semana eu não fazia nada, eu coçava o tempo inteiro, né! Então ele achava que de final de semana eu tinha que tá lá prá ajudar. Época de férias, tudo né!

I - ---- Aí no trabalho do, do sítio?

Jd - É! Tanto que ...

?(v ou i) - Será que não ---- o ----?

Jd - Não! Não! Não tanto que, eu não me adaptei, qualquer trabalho no sítio, trator, essas coisas tudo, adoro lidar com gado, mas meu ramo é outro, né! (Barulho de xícara)

i - Hum~Hum!

Jd - Aí depois que eu morei 1 ano e meio com eles, a gente resolveu se, se separar, na época acho que minha prima ficou grávida do namorado, daí a gente ia morar sozinho, só nós 2, nós fomos procurar um apartamento, aí como, eu falei, Bom! Ela vai ter o filho dela com 4 meses ela vai ficar em casa de licença. Ela não vai ficar, aqui sozinha tomando conta da criança, ela vai querer voltar prá casa da mãe dela, e ela vai querer que eu banque o apartamento sozinho. Falei: não tenho condições ... Daí eu cheguei naquela encruzilhada, se eu continuasse gastando muito, eu não voltava prá faculdade, se eu não voltasse prá faculdade eu não ia ter chance de, crescer e de me desenvolver mais naquilo que eu gostava de fazer, ---- então eu resolvi voltar prá casa, voltei prá casa, eu tirei carta, arranjei carro, e comecei a ir e volta todo dia.

I - Ah! E daí, o resto ... os do, os 2 anos seguintes?

Jd - É, não, porque eu tran, eu fiz o primeiro.

V - Semestre ... 1º ano?

Jd - 1º ano. Aí eu tranquei no 2º. Fiquei 2 anos afastado, no, no 1º ano afastado eu não tive contato nenhum com a faculdade, no 2º ano eu voltei e fiz 2 adaptações, ...

v - Então que ano você entrou na faculdade?

Jd - 89.

V - 89.

Jd - Aí, em 90 eu fiz o quartel, em 91 eu fiz as 2 adaptações, 92 eu voltei prá valer, aí foi uma maravilha, né! Porque eu tava assim todo fresquinho, com a cabeça assim toda assim a vontade, né! Eu cheguei assim que engoli todas aquelas disciplinas assim! De Cálculo, depois as teóricas também. Passei tudo por cima assim, e vamo que vamo, aí no 3º ano já foi mais fácil, nessa época eu trabalhava no banco, eu entrei no banco em 87. Eu trabalhava, entrei como contínuo, eles falaram prá mim que 6 meses depois seria promovido, e tal, porque era assim, que tinha aquela hierarquia enorme, 420 cargos dentro do banco né! Entrei como contínuo então fazia de tudo dentro do banco. E conhecia todo mundo né, porque andava aquela fazenda de ponta a ponta.

I - Ah? Na fundação Bradesco?

Jd - É! Eu estudava na fundação Bradesco, mais aí eu comecei a trabalhar no Bradesco do sub centro, que era na fazenda. Aí eu fique 2 anos trabalhando como contínuo, passei a escriturário, e fiquei mais 6 meses, aó entrei de licença por causa do quartel. Fiquei 10 meses de licença, depois eu voltei, fiquei mais 1 ano trabalhando na fazenda, aí foi a época que eu trabalhava com o fundo de garantia, foi na época que o fundo de garantia foi transferido prá caixa econômica Federal.

I - Hum!

Jd - Como o sindicato tava muito em cima, eles não demitiram ninguém, eles passaram todos prá ... foram distribuindo, né? E como eu era velho de casa, todo mundo já conhecia meu trabalho, e tal né? Eles foram me segurando até surgir uma vaga em Campinas. Porque os outros foram mandados prá Paulínia, Araras, Cosmópolis, Monte Mor, foram distribuindo ... e a 1ª, das 1ª vagas que apareceram em Campinas eu fui encaixado. Foi na agência do Cambuí. Aí eu fiquei mais 2 anos lá. Foi aí que eu comecei a ter contato com o público e a lidar com o pessoal né! Aí eu fiquei mais 2 anos na agência. Aí, quando eu voltei prá faculdade, a minha prima, que a gente tinha dividido o apartamento, ela trabalhava na Bosch nessa época, quando eu voltei prá faculdade, ela me ligou mais ou menos nomeio do ano e falou assim: ó, abriram as inscrições pros estagiários. Você não quer tentar? Daó tudo bem! Fui lá tentei. Fiz a inscrição, fiz o teste. Passei no teste. Aí começou as entrevistas, uma em cima da outra ...

i - Ah! Então você tá acostumado com entrevista (risos)

jd Aí ...

i - Só que não eram assim tão agradáveis ...

jd É. Aí eles barraram assim, porque achavam que eu era muito tímido, que não tinha muita ...

i - Desenvoltura?

Jd - Desenvoltura ...

i - Mesmo trabalhando ...

jd - É.

I - Porque você tinha já um currículo né, de trabalho ...

jd - já ... já, mas aí é meio complicado - Multinacional grande assim, é complicado né? Então eu passei pela 1ª entrevista em dezembro de 92, a 2ª entrevista em janeiro de 93 porque tinha uma estagiária que eles haviam contratado e desistiu. A 1ª entrevista foi prá trabalhar com máquina na área de autopeças, a 2ª entrevista foi prá trabalhar com comércio exterior, e os caras são barra pesada na entrevista, e a, aí já tinha esquecido de tudo, já tinha passado acho que 8 meses, 9 meses já tinham passado, eu já tinha saído de férias no banco, tinha viajado. Tava numa boa no banco, né! Eu tava começando a assumir outras funções dentro do banco, porque era justamente a época que tava começando com a automatização, automatização não, mas a área de auto atendimento dentro do Bradesco.. Então eu tava coordenando toda a área de auto atendimento da minha agência. Minha prima me ligou e falou assim, olha: o RH ligou aqui prá mim e disse que tem uma vaga prá estagiário, e eles querem que você vá fazer uma entrevista, mas como era meio do ano eles tavam quase sem candidatos, então eles pegaram 2 ou 3 do ano, do, do ano de 93 e puxou mais eu de 92. Eu fui lá fazer a entrevista, sem pretensão nenhuma, cheguei assim fiz a entrevista e tal, o cara tava desesperado porque fazia já mais de 1 mês que ele tava sem estagiário. Aí o cara falou assim: ó daqui 2 dias eu te dou o retorno. Bom passou esses 2 dias, ele não falou nada. Continuei na minha, na boa né! No dia seguinte minha prima apareceu em casa à noite, eu tava na faculdade, né! Deixou o envelope lá prá mim. Minha mãe falou: ó a Fátima veio aqui e deixou esse envelope prá você. A hora que eu abri, eram todos os exames que eu tinha que fazer, exames médicos prá ser admitido né, com data de 2 dias antes, que eu tinha que entregar no dia seguinte de manhã. Aí foi aquela correria (risos) Ai, ai, eu fiquei assim, aí pintou aquela insegurança, né! Bom vou arriscar? Não arrisco, né? Vou arriscar? Não arrisco. Falei, não. Sempre quiz trabalhar na Bosch, né? Multinacional alemã, tal e não sei o quê. Se eu não tentar agora pode ser que eu não tenha mais oportunidade. E se eu não ... Acho que se eu desenvolver um trabalho legal, acabo ficando. Tá bom. Fui. O salário não era grande assim, porque eu não ganhava bem no banco. O banco não pagava muito bem. E o que eu ia ganhar como ajuda de custo lá na Bosch, era mais ou menos o que eu ganhava no banco. Só que eu ia trabalhar 8 horas, eu ia trabalhar 8 horas ----. Tá. E no banco eu trabalhava 6 horas apenas. Aí eu fui. Fiz tudo, comecei a trabalhar na área comercial de ferramentas elétricas. E era justamente prá fazer atendimento à cliente, não assim cara a cara, no balcão como eles falavam, mas assim intermediação, como eu trabalhava, eu trabalhava na área comercial dando, fazendo, a interligação financeira entre os clientes e o departamento financeiro da Bosch. Porque o departamento financeiro não tinha ---- nenhum prá fazer atendimento ao cliente. O negócio deles era n°, só, né! Então eu fazia a intermediação. Quando era, eles tinham problema com boleto bancário, problema de taxa, problema de falta de pagamento, entrava em contato comigo e eu resolvia junto com o financeiro. Aí foram aparecendo um monte de coisas, né? Coordenação de campanha de incentivo a venda interna, pagamento de campanha, pagamento de comissão, eu fui assumindo um monte de função lá, que não tinha nada a ver comigo né? Mas eu fui ... Acabei topando tudo. Aí fui deixando a faculdade de lado, né! Fui assim e tal ... Entrava na Bosch 8 horas da manhã, saía 10 horas da noite, adorava trabalhar lá dentro, né! Gostava, gostava do que eu fazia, me entregava mesmo, ... só que daí quando eu terminei o meu prazo do meu currículo normal da faculdade que eram 5 anos, eu fui renovando, renovando o meu contrato de estagiário na Bosch, e quando terminou não tinha vaga, eu passei por tudo aquela fase: implantação do plano ral, aquela euforia né! De contratação de tudo lá dentro, né! E como eu tinha tempo foram me deixando, deixando, deixando, aí no final de 95 quando acabou meu contrato, já tinha caído a fase daquela euforia, já tava com restrição de crédito, um monte de ---- coisa né, então tinha parado ... A ---- tavam meio em baixa, não tinha vaga prá mim. Eu acabei saindo apesar de desenvolver um projeto, um trabalho bom lá dentro. Todo mundo me falava e tal ...

i - Ih! Você fala Alemão? Você entende Alemão?

Jd - Muito pouco. Eu fiz 1 ano de alemão mas eu parei.

V - E lá não havia necessidade de língua?

Jd - onde eu trabalhava, na Bosch? Não, não porque ...

v - Cê trabalhava ... (vozes sobrepostas)

jd - Como eu fazia atendimento ao cliente só a nível nacional. Eu falava do Rio Grande do Sul ao Amapá, mas tudo ...

v - Ram, ram!

Jd - Sem problemas. E foi uma época muito boa, eu conheci muita gente, aprendi muito ... Aprendi muito lá dentro, consegui mudar algumas coisas, mas é muito pouco porque ...

i - Depois da Bosch, você foi prá onde?

Jd - Daí eu voltei prá casa ... E tô lá até hoje. (Risos) Não, porque foi assim: eu sai da Bosch, tá, tava pior o mercado de trabalho, do que está hoje. Tá! Mandeí currículo prá zilhões de empresas, ...

v - Currículo bom agora né? Mais ainda né ...

jd - É, depois de tudo né? ... Mandeí currículo prá várias empresas, fiz ficha em várias agências de emprego. Aqui em Indaiatuba. Aqui, aqui, Campinas né! E Indaiatuba é ... Aí não me chamavam, não sei porque motivo não me chamavam. Prá não dizer que eu não fui chamado nenhuma vez, me chamaram 1 vez prá trabalhar numa escola de Inglês sabe aqueles caras que ficam ligando assim, mexendo, torrando o saco pelo telefone prá você fazer curso de inglês. Então prá fazer aquilo ...

i - Aí você não topou ...

jd - Não. Pelo meu amor de Deus. Eu não ... não tá ... não tá dentro daquilo que eu quero fazer ... Uma agência me chamou prá concorrer a uma vaga no Citibank. Só que eu não pude participar da, da, dessa concorrência, prá concorrer a essa vaga porque eu já tinha terminado a faculdade, apesar de não ter concluído todas as matérias, de não ter feito a minha monografia, de não ter feito várias coisas, o meu currículo, de, de, ... tava completo de 5 anos passou, né? O resto é dependência, daí não conta prá, como tempo de estágio. Aí não pude participar da concorrência, aí ... um representante da Bosch entrou em contato com o pessoal da Bosch e me procurou, aí eu fui trabalhar com ele, ganhando metade do que eu ganhava como estagiário na Bosch, prá trabalhar 8 horas e desenvolver a área comercial dele, só que não deu certo porque ele tinha um outro funcionário lá, que era muito mais antigo de casa do que eu, e que se achava dono da verdade, primeiro absoluto, a gente batia de frente direto. Eu não podia fazer nada (vozes sobrepostas), a burocracia dentro da, da empresinha desse tamanho era maior que a da Bosch.

I - Hum ...

jd - E eu tenho um estilo de trabalho, quando eu, assim ... Eu gosto de bater-papo, conhecer o cara, prá saber com quem eu tô trabalhando, mesmo por telefone, e tal, né! Prá não ficar aquela coisa assim, cisuda, informal, e aquela ... assim ... regras rígidas, né? E lá eles não aceitavam. Então eu trabalhei 10 dias, pulei fora. Aí o outro, senhor também, com quem eu trabalhei na Bosch, aí esse senhor já era um caso à parte, ele tinha uma empresa de acessoria fora da Bosch, que prestava acessoria prá Bosch, e que conhecia meu trabalho, me chamou prá desenvolver um outro cliente dele que era uma empresa de autopeças, só que o cara achou que eu era muito novinho prá desenvolver a empresa dele, então também, não peguei ... Aí foi a época que eu voltei pro sítio. Tentei fazer alguma coisa, e aí não deu certo. E outra né, eu não sei se vocês foram prá Friburgo ultimamente, mas lá tá muito ruim, ruim assim, invasões, sem teto, a invasão dos sem teto é vizinha do sítio lá de casa, é divisa. Então não tem como. Plantar já não dá há um 10 anos. Porque você planta pros outros. Você acaba não colhendo nada, então dá prá você criar um gado lá, male male.

I - Por que que ... Como assim plantá pros outros, é ...

jd - É que a gente planta, e o pessoal rouba.

I - Rahm!

Jd - Então não tem como.

I - ---- tava falando prá gente que, ...

jd - É assim ... Então não ...!

v - Das famílias tem poucas que moram lá, ainda né? Tem o sítio com ---- lembrando do início com das 34 famílias, atualmente ...

jd - Que moram, que moram lá, tem a nossa família, que é Böhn, que na verdade não é de Friburgo ...

i - Que é ... de Joinville.

Jd - Que é de Joinville. A linhagem da nossa família que é de Friburgo é ---- que é minha vó. Tem a família da minha mãe, que são os Rink (?) que é aquela, que aquela família inteirinha, tá lá, os, irmãos da minha mãe, todos moram lá, acho que são ... Todos não, minto. Tem uma que mora em Monte Mor, e uma que mora aqui em Campinas, mas o resto moram tudo lá, são 4 irmãos.

V - E também trabalham com sítio?

Jd - Trabalham. Mas aí é que tá. Tem um primo meu, que ele tinha uma, uma, uma, um atacadista aqui em Campinas, então ele comprou o sítio do pai dele, e fez uma, um sítio de veraneio lá, sabe? Coisa assim de chácara, com piscina, campinho de futebol, vaquinha no quintal, e a maioria dos ... é ... e dois tios meus e um primo trabalham prá ele. Lá? Quer dizer, não, não trabalham com lavoura, trabalham prá ele, na manutenção, cuidando de uma coisa, cuidando de outra. Tem um outro tio meu que trabalho também trocentos anos na Prefeitura aqui, se aposentou, e agora tá lá cuidando das vaquinhas dele. E tem outro que tá lá, cuidou das vaquinhas dele até pouco tempo, agora vive de ... de vender grama ...

v - Como é que ele chama?

Jd - Esse que tá lá, e que ... tem o Eduardo,

v - Rum, rum! (Vozes sobrepostas)

i - (voz sobrepostas)

jd - Não, esses são Rink (vozes sobrepostas). Eduardo Rink (?), Hélio Rink, e Orlando Rnk. Esses 4 tão lá.

I - E o Stephan?

Jd - O stephan, que tá, não sobrou nenhum, ...

v - Só a sua ...

jd - Só minha vó?

V - Só sua vó.

Jd - Minha vó.

V - Ah é! Porque sua mãe já ...

jd - Minha vó também ...

i - ----

jd - É Cristina.

I - Cristina.

Jd - ---- é apelido.

V - É, nossa! ---- fizeram uma confusão ---- (risos).

Jd - É. Então, é ... agora das outras famílias de lá, deixa eu vê ... morando lá não tem mais ninguém. Porque tem os ---- (?) que são italianos.

I - Os ---- ainda tão lá?

Jd - Tão.

I - ---- lá, né?

Jd - Tinham. Eles tinham armazém, depois tinham uma oficina mecânica.

I - Ah! É! Funcionava lá em Friburgo?

Jd - É. O armazém, o armazém, se eu não me engano era aquele armazém do Isaías, que eles falavam né?

I - ---- que ---- né?

Jd - É.

I - Que era pertinho alí da escola, né?

Jd - Perinho da escola, modo de dizer, né?, porque ficava assim uns 3 Km no meio do mato lá, né? E tinha oficina, se eu não me engano. Não sei se era do ... Acho que era do Isaías, não sei se era do irmão dele. Ou do sobrinho dele que também era alí, era alí próximo. Eu não sei se vocês já tiveram alí naquele pesqueiro, que fizeram ---- lago bem grande?

I - ----.

Jd - Então, era alí a oficina dele. E ...

i - E, você tem contato com eles assim ...

FIM DA FITA 1-A (30 minutos)

INÍCIO DA FITA 1-B

jd - ... outro que mora lá também, só que ele é Nielson (?).

i - N, I, E, L, S, O, N ...

jd - É, Nielson.

I - Isso não é alemão?

Jd - É, só que assim aahh, a vó dele era irmã da minha vó, era ... Se eu não me engano era Maria Ester, o nome dela.

I - Hummm!

Jd - E ele tá lá, ainda também, inclusive ele é que, de, é que, é que conseguiu até agora manter a maior, a, a, a maior ----.

I - ----.

Jd - É, porque a gente já ... a gente já foi assim com o tempo os ---- foram perdendo, saiu prá frente ...

i/v - (vozes sobrepostas).

Jd - É ... divisão de família, na minha, na ... no meu caso não teve porque minha avó tá viva ainda, vai ter agora né!

I - Rum, rum ...

jd - Mas sei, eu não sei, porque aquela época que meu avô foi morar na praia.

I - Rum, rum ...

jd - Que eles foram prá praia, a gente tinha um outro sítio, de quase 20 alqueires, que era próximo aquele, ao primeiro bairro, ---- é um pouquinho prá frente, meu pai naquela época, vendeu o sítio prá construir a casa do meu avô na praia, então a gente vendeu prá construir a casa na praia, e o resto a gente, se manteve lá, então tem esse, esse que é o Marcos Nielson ...

i - Então, prá ... ele é ... ele é neto da Maria ---- ...

jd - ----.

I - E é filho, você não sabe, ele falava o nome do pai dele?

Jd - O pai dele morreu, faz acho que mais ou menos 1 mês, era o ----.

I - Ahhh!

V - Rari, Rari ...?

jd Rari.

I - Rari.

V - E, e você se relacionou com esse pessoal, quando era criança? Tipo assim, um ---- alguma coisa, ou não? Assim, tipo assim ... você falou agora, ó: não, a gente não vai na casa mas quando você era criança, vocês costumavam fazer isso?

Jd - Não muito, porque assim, eu sou ... eu e minha irmã somos os últimos, assim, os últimos que nasceram em Friburgo, da nossa geração ...

i - Você nasceu em Friburgo então?

Jd - É, Campinas, e já tava morando em Friburgo, né! Nós somos os últimos da nossa geração ...

i - Vocês tiveram mais contato mesmo com a ... eu não sei se eu tô enganada, a Moema, que falou que ...

jd - Depois ...

i - Vocês entravam na praia ...

jd - É ...

i - Por que a Martinha e a Herna era muito ami ... muito próximas né?

Jd - É, depois, a gente passou a ter contato com esses que eram mais novos que a gente, e que começaram a crescer, porque a nossa geração era muito mais velha ... A diferença de idade mínima prá minha geração era de 7, 8 anos ...

v - Então seu irmão mais velho, ele conviveu com o pessoal?

Jd - Ele conviveu um pouco mais do que eu. Meu irmão do meio, meu irmão do meio, acho que mais ainda. Porque ele tem mais ou menos a mesma idade que os ... Os Pesofane (?) Ele tem mais ou menos a mesma idade do Marcos Nielson, tem o, o ... ali prá cima de casa também tem os outros agora que são os anga, anga - -- (?) que também, a mãe deles é prima do meu pai né? ... Também é filha de uma irmã da minha avó, que o nome ...

i - Todo mundo ----

jd - O nome correto dela ...

i - (risos).

V - ----.

Jd - Não.

V - ---- é uma outra.

Jd - É uma outra família ... O nome correto dela eu não lembro, mas a gente chamava ela de tia Mina (?).

i - Mina (?)?

v - Mina (?)? É Mina?

Jd - Mina.

I - Mina.

V - Que é um dos nomes tão ...

i - Será que não é ...

jd - Talvez, pode ser, eu não ... mas eu não conheço, é que a família da minha vó, acho que a maioria eram mulheres, é ... ô ô ô ô ... Acho que o único irmão dela que casou, e que teve filhas, é o ____ que hoje a família dele tá quase toda em Indaiatuba.

I - Teve dois que ficaram solteiros ...

jd - Teve 2 ... é o tio João e o tio Bertoldo, ficaram solteiros. O tio Bertoldo era o meu padrinho, a tia Martinha também.

I - Então, eles ficaram solteiros, a maioria eram mulheres, né?

Jd - Então tinha a, a tia Maria, Tia Mina, a tia martinha, minha vó, e elas não levaram o nome da família, né?

V - E o tio Bertoldo, Como que ele era? ---- Ele foi teu padrinho?

Jd - Foi, com ele eu tive bastante contato, porque era assim eu ia, eu era molequinho, né? E eu ia ficar com a vearada na casa dele, né? Era legal porque é assim! Cê vai na casa vearada, e els deixam cê fazê tudo que cê qué, né? Quando é pequeno. (Risos) Então eu ia passá férias com eles, com a tia Martinha, com ele, e com a ..., com essa outra tia de criação também, que é a Tereza, com quem eu deixei minha avó hoje, né. Porque ela tá sozinha agora, depois que a tia Martinha morreu ela tá sozinha. Então eu deixei minha vó lá com ela agora.

I - Mas não é essa que você morou?

Jd - Não.

V - Ele morou com a Cristina.

Jd - eu morei com a Cristina.

I - Que também é filha de criação.

Jd - É. Aí ... Eu ia lá ... ele era todo assim: gordinho, carquinha, mas tinha um restinho de cabelo ruivo aqui.

I - ruivo? Ah! Que legal! ----.

Jd - Aí, era engraçado porque ele falava assim: Martah!, Martah!, Martah! ---- tia Martinha, né!

V - E ele falava alemão?

Jd - Ah sim, minha vó ... minha avó ...

V - Ele estudou na Escola alemã.

Jd - Estudou. Minha vó ...

i - Todos eles da geração.

Jd - É ... da geração anterior, do meu pai, dos pais do meu pais, todos estudaram naquela escolal, né! Meu pai fala alemão, minha mãe não fala, mas meu pai fala. Meu pai fala, entende. Minha avó fala também.

I - Eles falam entre eles, lá?

Jd - `Falam, de vez enquanto eles falam.

V - Então, mas cê conviveu com o Bertoldo e elas, falavam alemão com você?

Jd - Não.

V - Não?

Jd - Não.

V - Ah!

Jd - O português começou a ser introduzido, na, na ... lá em friburgo na geração da minha avó. Minha avó contava que ... que dizer, conta até hoje, né? Que era assim: quando eles ... eles saiam prá brincar, eles acabavam brincando com os filhos dos colonos, dos empregados, e tal, né! E eles, na maioria falavam português, então eles acabavam aprendendo a falar Português também. E eles chegavam em casa, quando eles iam falar em português, a mãe batia (risos). Então em casa eles tinham que falar alemão, e assim foi, né?

I - Ah! Então, ---- quando o professor Ricardo ---- da aula lá, porque o ensino ----.

Jd - Rum, rum!

I - Então, na escola mesmo o professor era obrigado a lecionar ...

jd - É, meu pai e minha mãe tiveram aula com o professor Ricardo.

I - E a sorte, é assim, a gente entende, né? A vinda do professor Ricardo como uma é, possibilidade de Friburgo ainda manter assim, a tradição Alemã, porque ele era de formação da língua portuguesa, né? Mas a - - - é uma cultura alemã, então ... (vozes sobrepostas)

jd - Ele fe ... (vozes sobrepostas) Ele fez ---- muito bem né?

I - Ele fez isso muito bem.

Jd - Prá ser feita a tradição a tradição muito bem, porque ele era ... digamos assim, a pessoa ideal prá fazer isso ...

i - É.

Jd - Ele tinha contato com as duas culturas, o conhecimento das duas línguas e, eu não sei ..., eu não sei como ele foi parar lá, mas acho que ele já conhecia o pessoal mais ou menos né? Então acho que foi perfeito. Agora dali prá frente eu não sei ... Que nem, quando eu tive aula lá já era ...

i - Daí, daí quando seu pai foi estudar lá, na escola de Friburgo. Não, quando teu pai já era menino, a ---- língua portuguesa já tava muito mais ...

jd - Já, aí, o que ... parece que o que manteve algumas coisas, era assim, o professor faziam eles cantar em Alemão, o professor, é ... eu não sei, algumas vezes ...

v - Peças de teatro ...

jd - É ... algumas coisas eles faziam em alemão.

I - A igreja?

Jd - A igreja também ajuda a segurar bastante, né?

V - E você freqüentava a igreja luterana?

Jd - Freqüentava.

V - Ah! É? Seus pais também? (Barulho de xícaras)

jd - Também ... freqüentavam, então ... mas e assim ...

i - Daí foi indo, e o alemão não foi sendo, assim, exigido da maneira como era né? Assim de chegar em casa e o pai bater ...

jd - É ...

i - Teu pai nunca te bateu por causa disso. (Risos)?

Jd - Não ... (risos) Não tanto, que, que ... minha, minha mãe não fala né, e meu pai não teve paciência prá, prá ... ensinar a gente ... Então a gente ...

i - Mas vocês devem ter mais facilidade também, né? Porque ouvindo todo dia, as pessoas falarem, coisas que alemão tem ... tem muito jeito de falar, né?

Jd - É, mas eu tenho muita dificuldade na pronúncia, várias coisas aí, quer dizer ... esse um ano que eu fiz de alemão foi assim, o básico do básico, né? Mas das poucas coisas que eu aprendi, eu tinha grande dificuldade na pronúncia ...

v - E por que você foi aprender alemão? Cê ...

jd - Ah! Eu não sei. Eu sempre tive vontade ... O Alemão, nunca, o inglês nunca me encantou. Não sei porque, eu sempre ... eu sempre tive vontade de fazer alemão.

I - Não sei porque. (Risos) Sabe sim ...

jd - É, eu sei sim, né?

V - Por que será?

Jd - É ... Eu tava lá, a curiosidade e tal, né? Aí ... também, já tava trabalhando na Bosch, já falei: já posso, sei lá ... ampliar meus horizontes lá dentro né? Só que aí era uma loucura. Porque eu fazia ... eu trabalhava de dia, estudava à noite, tinha aula no sábado, domingo fazia alemão e ainda participava do grupo de dança.

V - Em ----?

Jd - Não, em friburgo.

V - Em Friburgo mesmo? Isso em que ano? Ah! É. Por aí. Alemão, a Bosch?

Jd - É.

V - Estudava, e o grupo folclórico?

Jd - É.

V - É isso? Tá ... na época que você estudava.

Jd - Então, era aquela correria ... Eu tava ficando assim alucinado.

V - Onde você fazia alemão?

Jd - Lá em Friburgo mesmo. Na época a gente ... tinha arranjado uma professora que dava aula prá gente lá ...

v - Quem que era ela?

Jd - Ah! Ai. A gente chamava ela de Cidinha, mas o nome dela inteiro eu não sei.

I - Brasileira ela?

Jd - Brasileira. Ela passou 2 anos na Alemanha, casou com um Alemão, e voltou pro Brasil.

V - E quem que tava dirigindo o grupo folclórico? Não prá o ---- né?

Jd - Não. Era a Tatyana.

V - Tatyana?

Jd - Tatyana Aschenbrenner.

I - Fala de novo ...

jd - Aschenbrenner.

I - Aschenbrenner (risos).

V - Como que escreve isso ... (risos) ----

jd - Então, aí o ...

i - Daí o grupo articulou a contratação dessa pessoa? Todo ..., todos ...

jd - O grupo de dança foi uma virada na sociedade. Uma virada muito grande! Mas muito grande mesmo.

I - Por Quê?

Jd - A sociedade tava muito parada.

I - Aí ... Posso perguntar uma coisa?

Jd - Pode.

I - Quem que era o presidente da Associação?

Jd - Na época?

I - Na época.

Jd Jair ---- (sobrenome). Eu não sei, se era ele quando, quando ... quando ... o grupo começou. Mas na época que eu freqüentei, ele era o presidente.

V - Mas era prá que fim? O que tava rolando? O quê que rolava? O quê que não rolava?

I - Prá gente é meio estranho porque a gente não conhece, né?

Jd - Que assim: eles não tinham nenhuma atividade prá jovens, o que eles faziam lá era, era se reunir de domingo ...

i - Por causa do bocha, tinha aigreja ...

jd - Eles se reuniam, os homesn prá jogar truco, e a mulherada prá fofocar ...

i - Na escola?

Jd - É.

I - Era no espaço da escola.

Jd - E a molecada ficava lá. Baaaaaa ...

i - E eles faziam almoço??? Faziam ...

jd - Às vezes, não era sempre.

I - E a que horas? À tarde assim?

Jd - Aí à tarde eles ficavam jogando truco, e a mulherada jogando conversa fora, e ficavam lá, né? E a molecada que naquela época tava crescendo ... Que na época tinham tudo 14, 13, 12 anos tava sentindo necessidade de fazer alguma coisa, de mudar, né! E eles não tinham nada, nada, nada, nada!

V - E quem que veio com a idéia do grupo?

Jd Eu não sei. Aí parece que alguém foi procurar a, a, minto. Parece ... eu não tenho certeza, mas parece que foi o Ricardo, e o ... o Wanderley ...

v - Wanderley ...

jd - Isso ... foram procurar a Tatyana que era descendente direta de Alemães e que na época tinha acabado de sair do grupo de danças do --- que ela dançava lá prá montar alguma coisa lá, a respeito de grupo folclórico ... Deixa eu ver quanto tempo ... Uns 6 meses depois que eles tinham começado. Que eu não botava fé. Tinham falado prá mim que o grupo tinha começado, mas eu não botava fé.

I - E como você era dali também, acho que você não ia sempre com seus pais prá escola ...

jd - Meu pai, minha mãe não freqüentavam a sociedade ...

i - Ah!

Jd - Como não freqüentam até hoje, né!

I - E eles eram os que estavam mais próximos, e eles não iam lá?

Jd - Não. É aí que tá, né?

I - Acho que tá meio ...

jd - Os meus tios e os meus ... meu, meu pai e minha mãe que são assim a família que ficou basicamente não freqüentavam. Quem freqüentava era o pessoal que vinham de Indaiatuba.

V - Por saudade talvez, né? Alguma coisa assim.

Jd - É! Porque não tinha um lugar em comum, entendeu? Eu acho, eu não sei porque. Eles que freqüentavam mais, e aí acabaram montando um grupo folclórico.

V - Mas seus pais então não, se relacionavam com o, o pessoal?

I - Assim, porque são mais jovens, né?

Jd - Quem os meus pais?

V - sim.

Jd - São. O Júlio também não, não, não ...

FIM DA FITA 1-B (30 minutos)

INÍCIO DA FITA 2-A (ainda não transcrita em 02/09/97)

PROJETO: FAMÍLIAS - IMIGRANTES ALEMÃES
ENTREVISTADO (A/S): FAMÍLIA ASCHENBRENNER
DATA DA ENTREVISTA: 30/07/1994
LOCAL DA ENTREVISTA:

E: Ernst Aschenbrenner
C: Carla Aschenbrenner
T: Tatiana Aschenbrenner
J: João Daniel
O: Olga von Simson
S: Dettloff von Simson
D: Denise Quitzau

FITA 1-A

(Risos)

E: Primeiras coincidência, viu... foi sem querer.

(Risos)

E: ...coincidência.

(Risos)

C: E foi mesmo porque, não aí nós tivemos que trabalhá numa fábrica que num tinha nada a vê com ale...com alemão. A Volkswagen.

E: É mesmo.

O: Não. (Ironiza)

(Risos)

O: Num tinha nada a vê com alemão.

E: Não, tivemos não. Hã, você porque era o orgulho da família trabalhá na Volkswagen.

(A professora Olga ri)

E: Eu vo...eu voltei da Alemanha eu falei: "Ô, eu passei quatro anos na Alemanha

estudando eu vô fazê o que? Eu vô trabalhá numa fábrica japonesa ou sei lá?"

O: Tem que... (Fala rindo)

E: Deixa eu procurá aonde, né?

O: ...tem que fazê valê.

(Risos)

E: Eu vendo meu "know-how" aqui do, com o alemão incluído, né? Tem que ser aonde? Na Volkswagen ou na Mercedes.

(Risos)

C: Agora foi mesmo. Foi Volkswagen mesmo, né?

(O entrevistado continua rindo)

O: É.

C: O orgulho do, da alemãozada. "Volkswagen", então vamo lá.

O: É.

C: E foi assim. `Tá vendo meninos? É isso aí.

O: É.

C: E assim vai indo.

E: É, meus pais nunca foram muito assim de ligado à, assim à, às sociedades alemães.

Eles tinham a panela deles, grupo deles, né, de amigos, né. Meu pais, meus pais nunca freqüentaram assim, tipo, tipo assim o, a sociedade, na Alemanha `tá cheio.

O: É.

E: É, "ts" (corrigindo-se), em São Paulo `tá cheio, né?

O: "Clube Transatlântico".

E: "Clube Transatlântico".

O: É.

E: A única coisa que eles...

(Uma fala estranha ao fundo)

E: ...eles entraram de sócio uma, no, na, no, no "Iate Clube Santo Amaro" ...

O: "Amaro".

E: ...mas a, eles mesmo não freqüentavam, foi só prá...

O: Pro `ceis terem? (Falas paralelas)

E: ...prá mim, pro meu irmão.

O: Daí prá ficá...

E: Aí conmpraram um velerinho prá nós, a gente ia velejá todo fim-de-semana, né?

(Alguém está cochichando ao fundo)

E: Mas eles mesmo não frequentavam. Era difícil. Às vezes eles iam junto, às vezes meu pai ia junto, mas ele tinham a panela deles, né? Então todo mês festinha na casa do

um, né, "festinha de arromba", né?

(A pesquisadora Olga ri)

E: Entre a comunidade deles, né? Em comunidade particular, não era uma sociedade, né?

O: Mas os teus pais em Sumaré também tinha, né?

S: Tinha. Agora, meu pai trabalhô muito ligado a empresas alemãs, né? Mas, o corpo, o grupo de amigos, os amigos dele, nem sempre, nem obrigado...nem sempre obrigatoriamente era alemães.

C: É. (Pigarreia)

O: Ah, era pa...

E: É, eles também tinham a panelinha alemã...

O: Petersen... (Falas paralelas)

E: ...mas sempre te...tinha assim...

O: Nitzlein?

E: Os Schnitzlein. (Ri)

O: Eth. Que que, que que não era alemão? (Fala rindo) Não era, Aischbann não era alemão o que?

S: Aischbann não era alemão.

O: Não era alemão por que? Porque era tcheco.

S: Então.

(A pesquisadora Olga ri)

E: Bom, tcheco por tcheco o...

O: É.

E: ...meus pais também são sedetos, né?

D: Hum, hum.

E: O pai da, a mãe do meu pai era tcheca, né? E a, a, a v... a vó, a vó materna, da

minha mãe também era tcheca.

O: `Cê vai fazê as contas, quem que não era de ori...de, de fala germânica...

S: Ah, de fala germânica. (Fala paralela)

O: ...amigos dos seus pais. Era.

E: É.

O: A Dona Mariquita, que era brasileira, e os Albanos.

S: É, tá certo. Agora, é gozado que tem, `cê também pega os amigos alemães, poucos moravam, não todos moravam em Santo Amaro. Acho que eles não morava em Santo Amaro.

O: Schnitzlein...não, ninguém morava em Santo Amaro.

E: O Petersen acho que morava.

O: Só o Petersen.

S: Mora lá na, ainda mora.

O: Só o Pentas.

E: Ah bom, concentração alemã era...

S: Ele morava lá em Santo Amaro?

O: Quando eu conheci não.

E: Concentração alemã era na zona sul, né?

S: Ele sempre morô acho que lá. (Falas paralelas)

E: Moema, Higianópolis, Santo Amaro...

O: É.

E: Interlagos etc. Aí tinha um pessoal também do, hã, Santana...

C: Tucuruvi.

O: Tucuruvi.

E: Tucuruvi e Moinho Velho, aquelas banda ali é outro grupo, né? E me pa...
O: E tem a Vila Mariana.
E: ...me parece que socilmente eram, digamos...
O: Nível diferente.
E: ...tinham suas divisões, né, também tinha suas frescuras.
S: É, alguns, né?
E: É.
S: Tem alguns lá de Santana que eram bem...
E: É.
S: ...bem...
E: Não, não. Não digo que os Santana eram pobres, não. Mas socialmente entre eles...
S: Há discriminação. (Falas paralelas)
C: É.
E: Tanto faz de Santo Amaro ou não sei da onde, eles tinham suas discriminações

tamém, né?

O: Nunca é homogêneo.
E: É.
O: Né?
E: Nunca é homegênio, né?
C: É, isso tinha muito.
O: Tinha muito.
S: É, eu `tava no "Porto Seguro", estudava no "Porto Seguro" ainda na, no antigo, lá na, na...
O: Na Olinda Schule.
(Muitas falas paralelas)
S: E, na rua Olinda no começo, quando eu comecei a estudá lá. E lá tinham os alemães que vinham de todos os cantos, né? A maioria de Santo Amaro. Os Berge também era do sul, não era?
E: Os Berge sim.

D: Tatiana fecha as janelas, os mosquitos...
E: Mas o Olinda Schule, já naquela época era...
S: Já era -----?_(Fala incompreensível)
E: ...era nível, era nível, digamos, social melhor. Que eu lembro quando, quando meus pais imigraram no Brasil em 49, né...
C: Alguém mais qué café?
D: `Brigada. (Fala sussurrando)
E: ...meu pai chegô aqui, digamos, com uma mão na frente a outra atrás, então o meu irmão era mais velho, então vamo procurá...
O: Qué Carla?

(Estão servindo-se de café)

E: ...escola alemã, né?
O: `Cê qué Denise? (Falas paralelas)
E: Então o Olinda Schule, então chegô...
D: Não obrigado. `Cê qué Coca-Cola? (Falas paralelas)
E: O Olinda Schule na época vetô.
C: Na caixa ali de gelo tem. (Falas paralelas)
E: Diz que não tinha vaga, num sei o que. Af depois que meu pai já tinha consquistado o...
O: Ah, meu Deus. (Fala paralela)
E: ...o espaço social dele, era gerente na, na, na...
O: Ih.
E: ...-----? (Fala paralela) de ouro num sei o que, nã, nã, nã...

O: Aí tinha vaga.
E: Aí veio convite prá colocá o filho lá.
(A professora Olga ri)
O: `Tá vendo?
(Risos)
S: Era muito comum essas coisas.
E: Tudo bem.
O: Não, agora `cê imagina...
E: Ham, ham.
O: ...eu como quatrocentona brasileira...
(O entrevistado Ernst ri)
O: ...cheguei lá, tamém não tinha vaga.
E: Olha. Aí então, naquela época quando veio o convite, meu pai deu aquela resposta bem germânica da Bavária prá eles: Ich mit alle (Fala em alemão)
(Risos)

S: Fez ele muito bem.
O: Ai, ai.
E: Né?
S: Pro `cê também falaram, pro `cê e pro seu irmão, né?
O: Prá mim tamém. (Fala paralela)
S: Aí trouxe o secretário da educação.
O: Aí me...primeiro foram, meus pais foram diretamente à secretaria da escola: "Não há vagas. Só prá filho de alemão ou descendente, não, ou alemão que esteja aqui a serviço de alguma...
E: Empresa, coisa assim.
O: ...empresa". Aí, a nossa vizinha do lado estudava alemão com o, o vice-diretor da

escola, o Doutor Ackmann. Aí veio uma carta do Doutor Ackmann nos recomendando. Mas coitado do Doutor Ackmann depois que acabei entrando em Porto Seguro, vi que Doutor Ackmann num va...num valia nada lá dentro, né.

E: Não apitava nada lá dentro?
O: Não apitava nada lá dentro. Continô não...
(O entrevistado Ernst ri)
O: ...não havendo vagas nem prá mim nem pro meu irmão. (Fala rindo)
E: Certo. (Também rindo) O cartuchi Akmann não adiantô nada?
O: Nada.
E: Não, coitado do Fritz!

O: Era bola furada.
(Falam rindo)
O: Aí meu pai falô: "Ah, é? Os Queiroz Filho , secretário da educação é meu amigo. Vamo lá na casa dele".
T: Tem algum refrigerante (Fala ao fundo).
O: Aí ele morava no Sumaré, ali pertinho de voceis. Aí o Queiroz Filho fez uma carta ótima "os alunos com boas notas só vão elevar o nome o colégio de Porto Deguro", não sei o que. Na mema hora apareceram as duas vagas, prá mim e pro meu irmão.
E: É mesmo? Mas não é só entre a alemãozada, não. Em todo lugar é assim, viu?

C: Como a turminha é fogo, né?
O: E eu era, acho que uma das únicas ali.
S: Mas era, mas era mesmo. Não tinha mais nenhuma.
O: Tinha a, a sobrinha da Leila, porque era sobrinha da professora.
C: Tira aquele vaso de cima da Olga e põe nesse... aqui, nesse prego aqui.
O: Vão tirá minha coroa?

C: Esses são os vasos que...
(Muitas falas paralela)
O: Não, eu ponho a cadeira prá frente, pronto.
C: `Tão te acomodando. É que esses vasos já era prá tê, ser tirados daí...

E: E...e...e...
C: O Ernst tinha que tê tirado.
E: Já tô desde ontem aí, já tô brigando. Eu tô ajeitando aqui, cada vez que eu passo ele "pimba", a cabeça no vaso. Eu falei tem...

(A professora Olga ri)
E: ...tem tanto lugar prá pindurá o vaso, bem na passagem, né?
(Risos)

E: Mas são as lógicas femininas que a gente num, num...

C: Pronto, já começô já.

E: ...entende nunca.

O: Não é lógica, é estética.

(Risos)

S: `Cê fez a passagem onde tinha vaso.

(Interrupção da gravação)

E: Hum, hum.

S: Então se...

(Interrupção da gravação)

C: ...jogla realmente eles usam muito jogla, mas assim mais é mais chorado...

(Som estranho do gravador que atrapalha a compreensão das falas)

C: ...é mais prá's músicas mais, hã...

E: Mais sério... (Falas paralelas)

C: ...nos dias mais sérios.

E: ...mais sei lá...

C: O alemão já gosta do iogo assim quando já tem dois barril na cabeça...

O: Já se... (Ri)

C: ...e vomo que vamo, né?

E: Vamo lá.

(Risos)

T: Ó, `cê qué vê uma coisa que acho que marca um pouquinho a diferença, a gente pode vê que a maioria das danças, o nome "Moinho de nun sei o que", "Moinho de nun sei que lá", "Num sei o que do moinho", aí os, acho que a música suíça já é mais "A procissão da cidade tal", "A prossissão dali", "O Ritual de num sei o que", não é?

O: Mais fundo religioso?

C: Sim. É, tem muito.

T: E, e isso...

O: Então um é dança... (Falas paralelas)

T: ...acho que também transforma.

O: ...dança de trabalho, outro é dança religiosa.

C: É.

E: É, mas são...

(Muitas falas paralelas)

O: Ou música de trabalho e música religiosa.

T: É um tipo de música que é mais sério.

E: Eles são católicos fanáticos.

O: Hum, hum.

T: Ai, tinha uma dança também que era, era, a gente chamava, era...

S: Ah o...

O: Nós somos bebedores fanáticos. (Falas paralelas)

T: ...era dança mais pesada que é a masurca que a gente fazia até de um jeito, tem um jeito di...suíço de fazê masurca. Os passos são os mesmos, mas muda assim, levemente...

D: Hum, hum.

T: ...como se faz, né? Nossa masurca já pisa com o pé da frente, levanta o pé de traz, deles não, é um passo com o pé da frente, levanta um pouquinho o outro pé, é passo diferente.

E: É mais delicado, assim, mais suave.

C: É mais delicado, é mais delicado.

T: Aí essa dança a gente dançava assim um pouquinho mais assim pesado porque era a dança que era desfile das máscaras, né, que eram feitas de madeira...

C: Ah, era uma máscara...

T: A história que dá a dança. (Falas paralelas)

C: ...a história do, do, do, do, do, do, dum pássaro. E esse pássaro, hã, foi feito uma, uma máscara, hã, e essa máscara foi na época...

O: Medieval.

C: Medieval. E pelo fato do, de quem usava aquela máscara e...

T: `Tava perdido.

C: ...como era muito pesada, então ele não podia se movimentá com tanta facilidade. Então a dança em si mostra a dificuldade que ele tinha em dançá aquela dança. Entendeu?

O: Hum, hum.

C: É, é muito interessante também. O folclore suíço é interessante. Se a gente for

procurá aí tem coisa, mas isso também nós viemos a aprender no ano passado, né, quando o Martin e Anna vieram da Suíça e trouxe todo esse trabalho, né?

T: Mas é interessante.

C: É muito bonito também.

T: Eu gosto.

C: É bonito.

E: Quando `cê falô de católicos, né, os alemãozada do sul é tudo católico...

T: É.

O: Verdade. (Falas paralelas)

E: ..e totalmente diferente. Os caras têm um embalo muito mais bagunçado assim, né?

T: Ham, ham.

E: Eles são assim mais alegres, festeiro, né?

O: Mas eu acho que também é o, é o meio ambiente que é mais montanhês, mais isolado, pequenas comunidades e tudo mais. É uma ilha.

E: Mas os bávaros tamém tem a parte dos, das montanhas deles lá que eles parece que vive na idade da pedra ali, né?

(Risos)

O: Eu vi.

(Risos)

C: Ali no meio da montanha.

D: Eles faziam as farras deles isolados, né?

E: É.

(O entrevistado Ernst ri)

C: Mas , muito interessante a história, viu? Se você for procurá sabê assim o folclore

deles é muito interessante. Eu...

O: Nós assistimos... (Falas paralelas)

C: ...eu gosto.

O: ...um carnaval numa cidade que ficava o que? Uns 50 quilômetros de Stuttgart. Nem isso.

S: Nem isso.

E: São os Schwarman.
O: Que são...
E: ...os Schwarman já não é alemão. (Ri)
O: ...que são luteranos, não têm carnaval. Mas há 50, 60 quilômetros....
E: Os Stuttgartat não tem carnaval.
S: Não, em Werlistein, nós fomo, né?
O: No...nós fomo, foi Werlistone? É, foi Werlistone.

S: Werlistone.
O: É. Ficava há uns 30, 40 quilômetros que já era na zona católica e já tinha todo carnaval. E o carnaval era tradição medieval. Então eram os desfiles, todos com máscara de madeira...
C: Olha.
O: ...com roupa de pele, um frio de rachá. `Tava acho que --1, -2, nevando. Mas eles desfilando na rua com, com aquelas fantasias que passa de pai prá filho, né?
C: Hum, hum.
O: E era o grupo das bruxas...
S: É.
O: ...o grupo do, da, do, do, das cerejeiras, depois eu tenho até as fotografias, depois

posso mostrá prá voceis. Interessantíssimo. E o carnaval era completamente, a visão de carnaval era completamente...

C: Diferente.
O: ...diferente do nosso.
E: Certo.
O: Porque lá é a tradição do rural que vem prá cidade, e é a...afastá os espíritos malignos que vão impedi a fertilidade.
C: Foi isso que eu pesquisei na "Geográfica".
(Risos)
E: Não, Bascas, Bascas tem uma, hã...
O: É, tem toda essa, essa...
C: Tem...
O: ...essa... (Falas paralelas)
C: ...tem, é muito interessante. É muito interessante. Tanto é que eu quis trazê. E tem o,

o suíço também tem.

O: Ah, lógico.
C: Então teve uma época...
O: É toda cultura... (Falas paralelas)
C: ...que as meninas vieram pedir prá mim. Elas falaram: "Vamo fazê o carnaval?" Eu falei: "Meu Deus, fazê o carnaval. E agora?"
E: Inclusive tem, tem muita coisa da, assim, é uma mistura assim de Cristianismo com, com festas pagãs, assim tudo.
O: É, esse é o carnaval anterior ao Cristianismo.
E: É.
O: E na verdade eles se, come...começa o carnaval no norte da Europa, hã, nas

comunidades que se escondiam ou nas cabanas ou nas, nas cavernas, ainda antes do período cristão, pro, prá se encondê do frio. E levavam toda a carne, toda a gordura que eles co...conseguiam reuni no verão e na primavera, porque na época do inverno...

S: É.
O: ...com toda neve, não se podia caçá. E aí ficavam controlando essa comida e essa gordura da carne prá durá o tempo suficiente...
C: Nossa.
O: ...do inverno. Aí na primeira lua cheia de fevereiro saíam prá vê se os ursos tinham

saído da toca. Se o urso tivesse saído da toca era sinal que a primavera vinha chegando, que ia esquentá o tempo...

E: Certo.

O: ...que eles tinham saído da ibernação, e aí então...

E: Eles buscavam a caça?

O: ...se eles não comessem toda a carne que eles tinham guradado, que ti...tinha sobrado, apodrecia. Então tinha uma grande festa e se comia toda a carne, toda a gordura, daí "carnaval", e a...e também a, havia maior liberalidade nos costumes...

S: -----?(Fala ao fundo)

O: ...no intercurso sexual e tudo mais. E a partir dessa data...

S: Fica com fome tamém, né? (Falas paralelas)

E: É. (Ri)

O: ...é nessa época não se podia mais comê carne porque era época que os animais começavam a procriá.

E: Corta um pedacinho prá ele.

(Falas paralelas e incompreensíveis ao fundo)

O: Se num, se caçasse, se comesse carne então não teria caça pro futuro. Por outro lado os rios e os lagos degelavam então se passava a com, peixe. Porque aí podia voltá a pescá

então passava a consumi o peixe. Então isso `tá intrincado na cultura muito antes do Cristianismo. Aí o Cristianismo vem, e era a grande festa da fertilidade, porque era a volta da...

E: Páscoa?

O: É a Páscoa. A grande festa de, de, do degelo, da volta das plantas, da volta de tudo.

E: É a pa...a ploriferação.

O: É.

E: A preservação da espécie. (Ri)

O: A expressão da vida, né?

C: Preservação.

O: E aí então o Cristianismo vem com a, com a influência romana e tudo mais, mas não

consegue vencê esses ritos, esses costumes então transforma. E aí...

E: Até a própria árvore de Natal é uma absorsão da época da, das festas pagãs, não é?

S: É.

O: No Cristianismo.

C: Ia. (Sim em alemão)

O: Porque é a única que pe...permanece. (Falas paralelas)

E: Por as velinhas e num sei o que, né?

O: E aí, e aí que o, que o carnaval é redesenhado dentro do esquema cristão com outro significado de morte de Cristo, de quaresma e de tudo mais.

E: Aí misturaram, né?

O: É, porque não consegue vencê, né...

C: -----? (Fala paralela)

O: ...então transforma. E, e isso `tá vivo ainda nas pequenas comunidades. `Cê...cê ainda vê as bruxas correndo, e é goza...gozadíssimo, porque elas atacam o público...

C: É.

O: ...de vassorada.

(Risos)

O: Tem pé de galinha, assim, quando elas vêm te pentear com aquele pé de galinha seca.

(A entrevistada Carla ri)

O: Catam as moças, carregam pelo meio do, do cortejo. Mas é muito divertido isso.

S: Ali na realidade chama "consul", né, "mudança"?

O: É. Ou "Fastnacht".
E: "Fastnacht", "Fastnacht".
E: É, "Fastnacht" é a última quarta-feira de cinzas, né?
O: Não, mas tem...
(Ouve-se cachorro latindo ao fundo)
E: Inclusive tem uma, tem um carnaval famoso, hã, em Mainz, Mainz Fastnacht
(Fala em alemão), né, que é o último dia do carnaval lá...
O: É.

E: ...né. Diz que um dos carnavais mais famosos da Alemanha, né?

S: Tem a noite em que começa o jejum, né? Mas o desfile mesmo eles chamam de Unssuck.
O: É, e é naquela zona que nós fomo, depois é na, a zona de colônia, e aí prá cima. Aí no, na outra zona católica. Porque aqui no meio todo da, do Schwablann não tem carnaval.
C: É isso que... (Falas paralelas)
E: Aliás os Schwablann são um povo à parte, não é?
S: Nossa senhora!
O: Oh povo!
(Risos)
S: Nós não podemos falar mal da...
C: A gente tem uma dança de lá.(Fala paralela e incompreensível)

S: ...da cidade natal lá, das nossas matrizes, né?
E: Ah, eu não sou de lá dos Schwablann, lá do... (Ri)
O: Mas ele é um quarto Schwablann. (Ri)
S: Eu sou um quarto Schwablann. Mas é da onde, a minha vó materna, é daquela região...
O: Besinger. (Fala paralela)
S: ...um lá se Stuttgart, de Besinger.
E: Hã. Eu tinha uma tia de Eslingen.
O: Ah, também do lado.
(Risos)
C: Não vai tê como escapá.
E: É, mas ela não era...
O: Foram umas três, quatro vezes prá Eslingen.

E: ...ela não era nascida lá. Eles eram também sudetos, né, alemães daquele lado...
O: E foram prá lá? (Fala paralela)
E: ...e por causa da guerra...
(Risos)
C: Ah mais com o convívio, meu bem.
(Risos e falas paralelas)
E: Meu primo...
C: Conviveu, ó...
E: ...mas meu primo é o próprio mesmo, né. Eles fala gro...os Schwablann são os -----
-----?(Ri)
(Risos)
E: Muquirana que só eles. Ah, bom, eu morei seis meses lá e o lema dos Schwablann é "Schafle, schafle, haisen bower."

O: É.
E: "Trabalhá, trabalhá, construí casinha", né. (Ri)
S: Num pode pará.
E: Num pode pará.
S: Mas eu tive sorte porque a minha vó saiu de lá pequeninha e compensô com o meu

avô que era da Halsácia, né?

E: É.

S: E se os dois, eles casaram e foram pros E.U.A..Ela acabô se criando lá. Então...

O: Já...

S: ...deu prá neutralizá.

(Risos)

S: Um pouquinho.

E: Mas os halsacianos hoje eles vivem uma situação muito difícil lá, né? Que hoje eles pertencem à França, né, e o, e eles não, não são aceitos como franceses, né, e...

O: E tamém já não são mais alemães.

E: Mas eles também já não são mais alemães, né? Então...

O: Mas em termos culturais são os mais ricos.

E: É.

O: Ficava uma hora e meia lá de Stuttgart, mas a gente ia quase todo fim-de-semana prá lá. (Fala rindo) Que era muito melhor do que a Alemanha...

S: É.

O: ...e muito melhor do que a França.

S: É verdade.

O: Porque juntava as duas.

E: Halsácia, Halsácia Lorena hoje, né, toda aquela região.

O: Strassburg, é lindíssima...

E: Strassburg.

O: ...a capital.

E: Oh, eu mo...eu morei, os quatro anos que eu fiquei lá, eu morei em Ofenburg, que é do outro lado...

O: Do outro lado do Reno.

(Risos)

E: É, tem Strastburg, tem Lard, Ofenburg, né? E depois mais pro sul, Lard não, é, Köen. E...era Ofenburg, Köen e Strassburg, e mais pro sul era Lard, depois vinha Freiburg...

(Muitas falas paralelas)

O: É, nós, vira e mexe, íamos prá lá.

C: A sua vizinha -----? (Fala incompreensível)

E: Eu também ia de fim-de-semana prá lá porque a gente comia barato lá do outro lado.

(Ri)

O: É, nós íamos fazê super-mercado na França.

S: Ô.

C: `Tá vendo.

E: E depois ainda tinha a culinária já é uma, uma...

O: É, é muito gostosa.

E: ...um misto de francês com alemão, né...

O: Gostoso. (Fala paralela)

E: ...e você tinha as especialidades francesas e as especialidades alemãs...

C: Se viu?

O: É.

E: ...e bem mais barato do que do lado alemão.

C: Ah sim, o Seu Ernst vivia pegando o bonde prá ir prá França.

D: Ai que chique.

S: Nós íamos fazê super-mercado lá.

E: Sopinha de cebola em Strassburg.

C: O duro era o super-mercado. (Fala paralela)

E: ...na, extrato, né? (Ri)

(Risos)

C: Ficava mais barato.

(Risos)

S: Nós saíamos de Stuttgart prá fazê super-mercado em Köen.

O: Não.

E: Não, não é não.

O: Prá cima.

S: Não, não. Prá cima.

O: Ai, esqueci o nome agora.

C: Vale a pena ainda ir prá Eu...prá Europa e...

E: Talvez sim, né?

C: ...estudá, trabalhá e fazê a vida lá.

O: Eu num faria.

C: Não?

E: Fazê a vida não. Talvez prá estudá, se especializá sim. Mas...

O: É, mas passá um tempo prá estudá. Prá vivê não.

E: Prá mim não dá mais.

S: Se formá aqui e depois ir lá trabalhá um pouquinho prá fazê especialização...

E: Também. (Fala paralela)

S: ...pós-graduação é interessante. Hã...

E: Ou através de uma firma ir prá lá.

S: Também.

E: Ficá um tempo assim, né?

S: É.

E: Nem que `ocê não aprenda nada...

T: Você viu o Franz... (Fala paralela)

E: ...de especial.

T: ...desculpa você viu o Franz fazendo a faculdade por correspondência. Seria o...

E: `Tá fazendo um...

T: Graduação.

E: ...um pós, né, um p...pós, alguma coisa -----? correspondência. Eu num sei, é, ele num falô comigo ainda.

T: Eu sei que é por correspondência, lógico que ele tem que constá, fazê as provas no consulado?

E: Sim.

C: Ou na, "Deutsch Bank" ou no consulado assim.

O: Ah, mas não é a mesma coisa.

C: Não, né?

E: Não.

O: `Cê tem que convivê lá, senti a cultura...

E: É o... (Fala paralela)

O: ...vê as possibilidades.

E: ...o gostoso é na fase de estudante, né?

O: É.

E: Você ir prá lá, convivê uma época ali com eles.

S: Estudá em Berlim, né?

E: A cultura. Curti lá. Tirá tudo o que `cê pode tirá mas prá, pro dia-a-dia do jeito que nós `tamo acostumado hoje com a nossa vida aqui. É...

C: Pros jovens vale a pena.

S: Acho que só prá passá uma temporada, viu?

E: É.

O: Pros meus filhos foi muito bom, viu?

S: Bom.
O: Foi muito bom. Primeira coisa que é desmistificá o Primeiro Mundo. Prá vê que tudo que pintam de lindo-maravilhoso não é tanto assim.
C: Não é tanto assim.
O: Segundo porque eles tiveram a oportunidade de convivê com gente do mundo inteiro, porque eles faziam curso de alemão...
E: Hum, hum.
O: ...num instituto prá estrangeiros. Então eles tinham colega do Nepal, da Austrália...
S: É, foi.
O: ...da França, dos Estados Unidos. Então a riqueza cultural que eles puderam

vivenciá e percebê, a minha filha ficava boba de vê a dificuldade que e...eles tinham prá entendê certas coisas, porque a cultura da pessoa não permitia que ela entendesse aquilo. Então é uma vivência essa diferença cultural.

E: É.
O: E, e tamém prá experiência, porque os dois trabalharam. A Mirian trabalhô num, num consultório de veterinária, seis meses, então ela teve o concreto da, da profissão. Primeiro o veterinário não queria aceitá-la, aí como não era prá pagá nada ele aceitô,

depois não queria que ela saísse, não queria que ela viesse embora.

(O entrevistado Ernst ri)

S: E acabô pagando.
O: E acabô pagando. E o Jorge como qué abri uma oficina- mecânica-lar, foi trabalhá na, na concessionária, na área, aqui, né, foi trabalhá na concessionária...
S: Jaguar.
O: ...Jaguar, lá em Stuttgart, e depois fez vários cursos técnicos na, na Bosch lá. E aí também ele viu, porque ele já tinha trabalhado aqui, ele pôde compará muito bem o que, o

que era bom aqui com o que era bom lá...

E: Certo.
O: ...e quais as desvantagens dos dois lados.
E: Não, nesse aspecto assim de, de experiência de vida...
O: É.
E: É fabuloso.
O: E por outro lado eles viram o quão fechada é a sociedade alemã. Porque fazê amizade com alemão, apesar da gente tê parentes lá e tudo mais, difícilimo.
E: Mas tamém tem uma, tem uma coisa, Olga, eu, tudo bem, eu vo...tamém tenho minhas experiências negativas até com familiares lá mas, hã, o alemão tem uma grande

diferença com o latino, né. Ele, o latino hoje, que nem, vamo supor, você chegô aqui hoje pela primeira vez, né, então nós já `tamo ao...aos abraços e beijos, né? Lá isso não existe.

O: Não existe. De longe.
E: Nós trataríamos "senhor e senhora" e depois daqui por, por vários meses ainda "senhor e senhora", né?
O: Frau von Simson. (RI) Nem o nome não é.
E: Sie pra lá. Sie pra cá...
O: É verdade.
E: Möchten Sie; wollen Sie... Não é du, né?

(A professora Olga ri)

E: Não é tu, né?
O: Nem você.
E: Pra tratar du com eles lá é...
C: É.
E: ...demora. Mas também quando eles falam olha: "Vamo deixá o Sie de lado, vamo se chamá de você", né, aí, porque realmente ele aceitou e você tamém tem o direito de

aceitá o Sie ou o du.

C: É.

E: Aí tamém é amizade prá valê, prá sê de verdade.

O: É, é uma relacionamento muito mais profundo.

E: É.

S: Não, fizeram uma comparação uma vez muito, muito interessante, né. Diz que tem

uma, parece uma noz. O alemão diz que é uma casca muito dura de penetrá, mas uma vez que você consegue penetrá naquela casca, você entra num, num miolo bastante mole. É...

O: Só que por causa dessa dureza, dessa dificuldade de penetração, as possibilidades que ele tem de vivenciar de experimentar...

E: Sim.

O: ...e de conhecer se reduzem muito.

E: Ele é muito bloqueado o alemão.

O: Bloqueado. Na verdade...

E: Não aproveita nada a vida, né?

O: Nós ficamo lá um ano, nós fizemos amizade com pessoas alemãs que num tivessem

uma ligação anterior com a gente e com o Brasil, ou que não fosse, vamo dizê, apresentado por alguém e tudo mais, com três famílias. E quais eram as três famílias? Uma que não era de Stuttgart, que tinha mudado pro, pra casa em frente da nossa, e tinha uma necessidade...

S: Trabalhavam em _____ (Fala paralela)

O: ...tremenda de fazê...

C: Amizade.

O: ...de fazê amizade. Ela tamém `tava se sentindo isolado.

(Falas paralelas e incompreensíveis ao fundo)

O: Um outro que...

S: Não, mas pera aí. Conta um pouquinho mais. Eles chegaram, um casal com uma criancinha pequenininha que lá na Alemanha você, criança pequena já é um problema, né...

E: É.

S: ...porque vizinho não gosta...

O: É.

S: ...você não pode emprestá nem isso nem aquilo.

O: É.

E: Frios, frios.

(Muitas falas paralelas)

C: Parece que é uma coisa do outro mundo. É.

S: `Cê vai num restaurante com um cachorro tudo bem...

O: É.

S: ...num é chamado. Num hotel, `cê leva cachorro num tem problema, num trem, no

bonde.

E: Criança todo mundo olha feio.

S: Entrô com criança todo mundo olha feio.

O: Porque vai fazê barulho, vai gritá.

(Falas paralelas)

E: Vai fazê barulho.

C: É.

O: Vai se comportá mal.

S: Eu lembro um dia, entrô uma menininha...

E: O cachorro é descartável, a criança não.

S: E esse menino, esse vizinho tem uma menina lindinha, lindinha. Muito pequenininha...

O: Bonitinha, um ano e meio...
S: ...quando `tá começando a andá, sabe naquela idade que começa a andá e eu não, e

eu detesto criança.

(Risos)

S: Então eu fiz amizade foi com a menina, né? Aí através da menina a gente conversava muito. Bom, no fim ele era do departamento pessoal da Bosch, né.

(Risos)

S: Descobri isso...

O: Por isso que ele `tava lá também.

S: Ele era tão distante assim na sétima, oitava conversa assim por cima...

(A entrevistada Carla ri)

S: ...do, da cerca, né...

(Risos)

S: ...eu acabei descobrindo que ele trabalhava na Bosch. Os outros dois também.

O: Porque eles tinham experiências estrangeiras.

S: Tem experiência estrangeira.

O: Qué dizê... (Falas paralelas)

S: Um que você já tinha conhecido antes, né? Quando...

O: Não, uma foi aquela do, do inter...do seminário da, internacional da Bosch.

S: É.

O: Que era casada com um alemão retornado, daqueles que tinham mudado pro, pra Europa Central e que agora tiveram direito de retorná prá Alemanha.

C: Certo.

O: E que são vistos, são péssimamente vistos pela, pela colônia alemã.

C: A maioria é.

O: A maioria porque são os, os "ost", e que tem, tem todo um jeito de comportá uma cultura que é muito do século XIX ainda.

C: É.

O: Porque o que eles conservaram no, na Europa Central foi uma outra organização.

E: Conservaram não, estacionaram simplesmente...

C: Estacionaram.

E: ...estacionaram no tempo, né? Não é que eles quiseram conservá, eles pararam no tempo, né?

T: E é ruim que essa geração...

E: `Tá uma sucata a Alemanha Oriental, né?

T: ...nasceu e cresceu nesse...

S: Acho que ele não era daquela região...

T: ...ne...ne...nessa _____? (Fala incompreensível), né?

S: _____? (Fala incompreensível)

R: Não.

S: Eles já eram conservadores antes, né.

C: É. Na verdade...

O: Mas culturalmente muito rico.

S: Muito.

E: Então. Então, né...

S: E ela não se...

E: ...talvez nesse aspecto preservô a cultura, porque os muito ocidentalizados, muito americanizados eles, hoje perderam...

O: Perderam, perderam. (Falas paralelas)

E: ...completamente esse...

C: O alemão ficô muito americanizado.

E: Os pe...perderam suas raízes...
O: É.
E: ...no, talvez aqui em Santa Catarina, ou até aqui o mo...o trabalho que nós `tamo fazendo em Friburgo tudo, talvez até `teja, hã...
O: Mais século XIX do que hoje, né?
E: É mais, mais...
O: Né?
E: ...assim, hã, dentro do, das origens do, do que...
O: É.
E: ...muitos lá nas metrópolis. Nas metrópolis isso já acabô, né?

O: Não tem mais.
C: E foi, foi, porque já falaram prá nós: "Isso não existe mais na Alemanha".
E: Tamém o pessoal do...
C: A gente tem mais folclore aqui do que na Alemanha mesmo.
E: Do, do Lyra em São Paulo, né, quando eles..
T: Vieram da Alemanha.
C: Vieram.
E: O Thener, o Thener, eles foram fazê uma turnê pela Alemanha tudo, né. Hã da, aqui se pratica muito mais a parte folclórica de dança de tudo do que na própria Alemanha.
C: Fizeram um sucesso enorme quando fizeram a turnê na Alemanha.

E: Mas é só pequenas cidades, né?
C: Porque a alemãozada acho, adorô, lindo-maravilhoso. Falaram: "Mas comé que pode, nós `tamo, nós `tamo trazendo, trazendo coisa de voçeis prá cá".
O: É, mais é...
C: `Magine.
O: ...coisa que já não existe mais lá. E é o grande problema dos que voltam prá lá hoje, né. Eu encontrei uma mu...uma moça que `tá fazendo mestrado em Berlim...
C: Hum.
O: Quando eu fazia palestra na Universidade lá e me fa...e eu comecei a contá a história

de Friburgo, tudo mais, a experiência da pesquisa, e comé que eram os costumes, quando ele vieram de lá. Ela falô: "A senhora `tá descrevendo as histórias dos meus avós em Santa Catarina". Aí depois que terminô a palestra e tudo mais, ela veio conversá comigo e contô que os, como ela `tava na Alemanha já fazia dois ou três anos, os pais vieram visitá-la. Mas vieram visitá-la com a idéia da Alemanha que eles receberam dos avós.
E: Ah. Eu conheço essa história.
O: Com a imagem toda construída daquela Alemanha que eles iam encontrar.

E: Eu conheço essa história.
O: Aí diz que chegaram em Berlim, `tiveram uma decepção tremenda, ficaram muito infelizes, aí diz que ela ficô com tanta dó deles, diz que ela foi prá Alemanha Oriental com eles. Aí diz que lá eles já se sentiram um pouco melhor. Era mais parecido com aquilo que eles `tavam esperando. Aí diz que ela levô prá Polônia. Aí que quando chegô na Polônia que eles adoraram. E aí era aquilo que eles esperavam. (Ri)
C: Era a casa deles.
O: Era aquilo que eles tinham esperado.

T: Mas tem. lá. (Falando com a mãe)
C: Voçeis ligaram as luzes lá na frente -----?
T: Eu só liguei uma vez.
C: É bom ligá.
T: Vô ligá a do terraço também.
C: Acho por causa do carro lá fora.
O: Então foi interessante.

T: E, mais é verdade, né.

C: Ah, eu contei...

E: Meu pai tamém. Ele veio em 49 prá cá, se bem que a situação deles foi um pouco diferente, né, eles eram, foram refugiados de guerra, né, eram alemães já erradicados na Tchecoslováquia, quando houve a invasão russa ali, né, e, aí eles caíram fora então eles

era ale...alemães refugiados na Alemanha, né. Qué dizê, pro alemão `tava negro, prá eles `tava negro duas vezes, né. Aí veio a imigração prá cá, e depois 49, aí a primeira vez que o meu pai voltô prá lá foi em sessenta e, sessenta e oito, eu acho.

C: Não, 68 foi você. Quando seu avô. (Falas paralelas)

E: Não, eu fui em fim de 68.

C: Quando o seu avô `tava doente.

E: Antes de mim, é, mas antes de mim foi meu pai. Foi pro aniversário do pai dele. Foi aniversário de 80 anos. Foi um ano antes que meu pai foi. Aniversário de 80 anos de pai

dele. Então ele foi prá lá pela primeira vez depois de todo esse tempo, né. No mais foi só contatos por carta, né?

O: Cartas.

E: Aí ele, ele não reclamô, né, mais não voltô animado, assim tipo "devia ter voltado antes"...

O: Hum, hum.

E: "Num devia ter continuado aqui", ou coisa parecida, né. Num `tava, num `tava digamos feliz com a bagunça aqui, mas tamém num tinha nada que o atraísse de volta prá lá.

O: Ele já `tava no processo de integração aqui.

E: Nunca se queixô assim de depois ele tê querido voltar prá lá. Minha mãe sim, ela

teria voltado, mas o meu pai não. Ela até falô: "Olha, prá voltá pro Bra...", a única coisa que ele falava era: "Poxa vida, chegá na Alemanha, tudo limpinho, arrumadinho tudo". Mas uma parte do pessoal dele `tava na Áustria. E na Áustria `tava um pouquinho mais, digamos que nem a relação de São Paulo prá Rio de Janeiro.

O: Hum, hum.

E: O austríaco é um, um é, um carioca alemão.

O: Hum, hum.

S: É mais, mais livre, mais...

E: Mais a vontade.

S: ...mais solto, mais, mais... (Falas paralelas)

E: Mais solto, né. Então, vamo dizê, lá por Viena entra num café assim, você entra lá num, tem um cara sentado numa mesa, pede licença `cê senta do lado.

(Falas paralelas ao fundo)

E: Daí a pouco `cê `tá puxando prosa. O alemão já é mais seco, `cê pode fazê isso na Alemanha também, mas só que o cara não puxa prosa com você. Você come na, na ponta da mesa ele come na outra...

O: Na outra...

E: ...e...

O: ...e não tem conversa...

E: ...e cada com seu jornalzinho, não tem conversa. O austríaco não. O austríaco já é

mais solto, né, ele é mais...

O: Procura se relacioná.

E: ...então meu pai... (Fala paralela) Meu pai sempre falava "prá voltá pro Brasil depois de um tempo com os alemães, `cê tem que passá uma temporada...

(Som de pratos e talheres ao fundo; também há fala paralela)

E: ...na, na Áustria, é, prá acostumá um pouco com a sujeira em com a bagunça que também não é mais tudo tão perfeito e arrumadinho que nem na Alemanha, daí `cê vem

pro Brasil".

(Risos)

O: Faz estágio intermediário.

S: É, mas é fato é que muito dos alemães que vêm pro Brasil e ficam com o tempo não querem mais voltá.

C: Num querem, é, e eu já ouvi falá muito disso.

O: E aqueles que são obrigados a voltá ficam na eterna saudade. Lá em Stuttgart tem três clubes de brasileiros. Tem o "Cabral" que é "Clube dos Amigos do Brasil" do Leon Berg, tem o clube de brasileiros de "Unterturkrein", e de, quando nós `távamos lá criaram o terceiro, né, dos jovens.

E: "Unter", "Unterturkrein", né? Conheço esse pedaço Eslen, Enk, Eslen e Stuttgart.

O: De Stuttgart, esse mesmo. (Ri)

E: Baderkanstadt. (Fala em alemão)

O: Isso. (Ri)

S: Em Baderkanstadt tinha Baderkan... Volksfast, uma vez por ano que faz um -----
-----?

(Risos)

S: ...que agora `tão inventando aqui também. Acho que foi no, não sei se foi no "Globo Rural" onde eu vi, `tavam começando aqui também.

C: Ah sim, `tavam começando.

S: Taca o boi inteiro no espeto assim, né?

(Muitas falas paralelas)

E: Em Vacanza eles fazem todo ano lá no, na festa, lá o boi...

FIM DO LADO 1-A

INÍCIO DO LADO 1-B

E: Agora eu vejo.

C: Tanto é que quando ela... (Falas paralelas)

E: Se fosse algum conheci dáva até prá por, né?

T: `Cê vê numa Mercedes.

(O gravador emite um som estranho que atrapalha a compreensão das falas)

E: Morreu faz três semanas.

C: Teve um...

S: Tá brava por que?

O: "Eu tô".

(Ouve-se o latido de um cachorro)

C: ...uma vaca ou um cachorro. Ela `tá no cio, né.

(O cadela continua latindo)

(Risos)

C: Tine, `tá bom.

E: `Tá mostrando serviço...

C: E...

E: ...ela `tá justificando a razão dela.

C: ...veio advogado uma vez em Friburgo, o ano retrasado... (fala parecendo meio

incerta). Foi logo no início, quando nós `távamos começando a mexê. Foi, nós já `távamos com o grupo folclórico; acho que não. Não.

T: Acho que não. E...

C: O Ernst convidô o pessoal do consulado prá ir a Friburgo, prá conhecê Friburgo.

E: Ano retrasado?

C: É.

O: Consulado de Campinas?

E: `Qui, aqui da...

C: É, aqui é o posto. (Falas paralelas)

T: Da Mercedes.

O: Da Mercedes.

C: É.

E: Conhecê. Ah, ela não é...

C: É o posto. (Fala paralela)

E: ...não é funci...não do con...

C: Foi advogado.

E: ...consul... (Falas paralelas)

O: Do consul, consul-honorário.

E: É, não ela apenas presta serviço na Elf.

O: Hum, hum.

E: Só que na verdade é funcionária da Mercedes...

O: Hum, hum.

E: ...Elke na verdade é funcionária contratada mas ela `tá lá. Ela tem o posto dela.

Então veio ela e o...

C: E a...

E: ...uma, uma advogada que presta serviços prá...

C: Prás colônias.

E: Prás colônias. Comé que era o nome da advogada mesmo?

C: Eu num gravei o nome dela.

E: Deve `tá marcado em algum, bom...

C: Então ela fez uma série de perguntas prá mim sobre Friburgo, na época eu não podia ajudá muito porque eu mesma não sabia muito bem.

O: Hum, hum.

C: E, aí ela falô: "Nossa, eu tenho o mapeamento de todas as colônias, prá mim era o Brasil inteiro", ela falô.

(A professora Olga ri)

C: "Mas eu cheguei à conclusão que não é. Porque eu nunca ouvi falá de Friburgo".

O: Ham, ham. (Ri)

C: Eu falei "lindo, maravilhoso". Aí conversa vem, conversa vai, ela perguntô comé que começô Friburgo, eu falei: "Ai, eu não como foi".

(Novamente som estranho do gravador)

C: E foi justamente Reveillon...

E: Isabel? (Fala paralela)

T: Isabel.

C: Eu acho que é Isabel.

E: Isabel.

C: Foi justamente Reveillon, todo mundo trabalhando, ninguém...

O: Tinha tempo de conversá com ela.

C: ...num momento prá sentá e...

O: Conversá com ela.

C: ...dá e, explições por ali. Ficô meio desagradável, porque eu num sabia...

D: Hum, hum.

C: ...respondê... Hã, aí ela falô que um, a colônia mais rica `tá no Rio Grande do Sul.
(Ouve-se alguém mexendo em talheres)
C: É uma colônia inclusive bem grande...
O: É. Essa é a antiga.
C: ...e é a mais ri...mais rica e, do mapeamento todo que ela tem ali. Qué dizê, ela falô:
"Mas agora eu já vi que meu mapa `tá furado".

E: É, inclusive naquela vez que eu `tava em São Paulo, lá no, no clube suíço lá, hã, eles
`tavam, era uma, é Associação das associações. É, de todas as, as sociedades de, de língua
alemã. Alemães, austríacos e suíços da Alemanha, né?
(Fala paralela ao fundo)

E: Eles também `tavam falando que até de, de, até de Santa Catarina eles tinham pouca
informação, mas do, do, do Rio Grande do Sul...

C: Do Rio Grande do Sul... (Fala ao mesmo tempo que Ernst)

E: ...as comunidades germânicas lá são bastante ativas, mandam os programas prá eles

tudo.

C: Bom, essa, essa reunião foi por causa do, esse ano são 170 anos...

O: 170 anos.

C: ...de imigração...

E: É.

C: ...né? E essa reunião foi mesmo prá vê o calendário de todas as regiões de
comemoração a esses 170 anos. E eles...

O: Que se refere a 170 anos do Rio Grande do Sul.

C: Hã.

O: Que é 1825.

C: É, aqui eles colocaram como imigração Brasil-Alemanha, né?

O: É, pois é. Mas a data é na verdade é uma data que foi marcada a partir da
experiência do Rio Grande do Sul. Porque 1825 é quando vem pro Rio Grande do Sul,

porque prá São...

E: Foram as primeiras imigrações, né?

O: Não...

E: Não?

O: ...a primeira ainda é a no, é no...

E: Não sei onde.

O: ...é no, no Rio de Janeiro, com o Langsdorff que traz os primeiros colonos da
Alemanha prá fazenda da mandioca.

E: Hum.

O: E aí, mil oitocentos, deve sê 1820, ou 21.

T: Hum.

O: Ou 18.

C: Eu acho que nós viemo na outra leva, não?

(Risos)

O: Não, vocês são 1846.

(Alguém tosse)

E: Não, em 50.

O: 1846 o primeiro prá fazenda Ibicaba. Em Limeira.

C: Em Limeira.

E: 950 foi o pessoal da Sete Quedas?

O: Não os co...eles vêm prá, vêm prá fazenda Ibicaba em 46, depois alguns deles de,
da, da Ibicaba passam prá Sete Quedas, daí eles se reúnem todos em Sete Quedas e a
partir de Sete Quedas é que eles vêm prá Friburgo. Então em Sete Quedas reuniu gente de
várias regiões da Alemanha, gente da suíça, e depois que eles pagam a passagem e o, e a
instalação e as dívidas que eles têm com o, com o senhor da, d...do café é que eles têm

dinheiro suficiente prá comprá as terras. Aí a...

S: Hum, hum.

O: ...e aí sai pro sertão procurando terra e acha essa região aí.

E: Cadê aquele...

C: O meu avô, em que época veio?

E: ...cadê aquele documento, daquelas terras de, de Cananéia lá?

C: Ah.

E: A colônia de Santa Maria. `Cê deu pro teu irmão ou..

C: Isso voltô lá prá minha vó.

E: Prá sua vó? Com quem `tá aquilo?

C: Ah, aquilo lá...

E: O avô dela uma vez comprô uma, uma, um sitiozinho, um pedacinho de uma terra,

é, aqui em Cananéia, teve a colônia de Santa Maria...

C: Santa Maria.

E: E foi...

C: Mas aquilo ele comprô em 1938. (Falas paralelas)

E: ...também uma, foi também uma colonização alemã.

C: É.

E: Agora eu acho que hoje não tem mais nada lá.

C: Provavelmente.

O: Acho que é muito antiga. É porque tem diferentes tipos.

E: Assim continua a, hã... (Falas paralelas)

O: Tem, tem, tem grupos que vêm, hã, com terra cedida pelo imperador, e eles vão ser pequenos proprietários.

E: Ham, ham.

O: É a turma do Rio Grande do Sul e Santa Catarina é tudo desse tipo.

C: É.

O: Eles já vêm...

E: -----? (Fala incompreensível)

O: ...recebem uma terra, uma terra numa zona onde ninguém se interessava porque era zona de serra, difícil de sê cultivada e tudo mais, mas eles têm as terras deles. Então eles já vêm como pequenos proprietários. E a turma de São Paulo é completamente diferente, porque eles vêm como parceiros do café. Eles não tem o dinheiro prá pagá a passagem,

então por isso que eles não vão pros Estados Unidos, também não têm dinheiro prá comprá terra. Então eles vêm, trabalham pro senhor, pro chefe fazendeiro do café...

E: Hum, hum.

O: ...prá pagá a passagem, prá pagá os primeiros gastos de instalação na terra e, e no sistema de parceria. Eles cuidam de um pedaço do cafezal, tem o direito de plantá entre as, os pés de café, feijão, o que quiserem pro seu sustento, até prá vendê na cidade o que sobra, mas eles têm que comprá tudo na venda, ou na...

E: É...

O: ...da própria fazenda.

E: ...não ganham dinheiro, ganham vales prá comprá no...

O: É.

E: ...na mercearia do próprio dono, né?

O: E aí só com muita economia, com muito esforço, todo mundo trabalhando, é que conseguem ainda guardá um dinheirinho a mais. Por isso que leva 10, 15, 20 anos prá se livrá. E aí quando se livram é que eles vêm e se tornam proprietários em...

E: É.

O: ...em Friburgo. Agora a diferença é a seguinte, a turma que vai pro Rio Grande do

Sul sabia plantá e vivê num sistema de campesinato da Europa, que é aquele campesinato de pluricultura, planta um pouquinho de cada coisa.

C: É o...

O: E eles transportam isso pro Rio Grande do Sul, ou quando muito a vinha. Se bem que a vinha são mais os italianos. A turma de, de, daqui de São Paulo, como trabalha 15, 20 anos tratando do café, aprende a plantá e cuidá café. Então quando eles se tornam pequenos proprietários...

E: Qué dizê, eles desaprendem o, o que os seus...

O: Eles a...

E: ...ancestrais trouxeram?

O: Não, não é que desaprendem, é que eles aprendem que existe uma cultura altamente rentável, nessa terra aqui, e a forma como plantá nesse tipo de terra com esse tipo de clima e tudo mais. Então quando eles vão sê pequenos proprietários eles vão sê cafeicultores. E aí eles têm um sucesso muito rápido, do fim do século XIX até 1930. Por isso que eles constróem boas casas...

C: Hã.

O: ...chegam a comprá carros, caminhões e tudo mais, porque eles são pequenos

plantadores de café.

E: Só que depois, na época do Getúlio eles dançaram tudo, né?

O: Não, aí vem a crise de 29, que o café perde o preço e tudo mais, daí eles dançam. Mas então eles têm...

E: Aí dançam tudo? (Fala paralela)

O: ...um sucesso econômico mais rápido e mais efetivo do que os camponeses do sul. Durante um curto tempo. Mais dife...diferente do Rio Grande do Sul.

E: Então foi em 29 a primeira queda do café?

O: É fo...é. A primeira crise foi em 29.

C: Aí acabô o café.

E: É mais depois na época do Getúlio também teve uma grande...

O: Não.

E: ...queda da, da...

O: Tri...trinta já `tá o Getúlio no poder.

E: É porque o Vale do Paraíba onde nós moramos, lá no Vale do Paraíba, em Taubaté, naquela região...

C: Sim, foi a época que ele mandô queimá tudo. Isso foi quando?

E: É, também, ali era uma região... (Falas paralelas)

O: Na década de 30.

E: ...era uma região...

C: Ele mandô queimá tudo.

O: É verdade.

E: ...era uma região cafeeira, hã...

O: Mas que deca...mais que decai antes disso. O Vale do Paraíba já decai no século XIX. E aí...

E: Então, foi na época da queda internacional do preço do café.

O: Não, decai com o cansa...cansaço das terras.

E: Hã.

O: O tipo de terra que tinha lá, e a exploração muito forte, qué dizê, sem repor as...

E: É.

O: ...os minerais e tudo mais. (Falas paralelas)

C: E isso acon...

E: Destróem a terra tudo.

C: ...e isso ficô até hoje, né?

O: E aí o café vem prá essa zona de Campinas aqui...
E: Foi.
O: ...pro oeste paulista e aí então a, toda a riqueza da cafeicultura `tá nessa região.
E: É, o Vale do Paraíba, a única coisa que sobrô hoje foi o arroz do Banhado do Paraíba e...
O: Que são os chineses que ensinam a fazê os "polders", e plantá o arroz lá.
(O entrevistado Ralph ri)
O: É a técnica chinesa.
E: E o mineiro, o mineiro que desceu...
O: É desce prá cá.
E: ...pro gado, na época que o, o cafeicultor lá foi à falência, então eles compraram a

terra barato lá e soltaram o gadinho. E o mineiro foi praticando aquela queimadinha todo ano, não sei que, com gadinho vira-lata. Então você tem na, no Vale do Paraíba a plantação de cupim.

O: Certo. A terra `tá muito mal usada.
C: `Tá horrível.
E: Que é sinal de terra ácida...
O: É.
E: ...e estragada.
O: É.
C: Estragô o vale até hoje.
T: Hoje é uma terra tudo abandonada.
C: Isso é o Vale.
E: E tanto é que a Redenção da Serra foi a primeira cidade onde abo...aboliram a

escravidão, né, que os escravos eram livres naquela região.

O: Os...
E: Que eram os escravos da época do café.
O: É, que o café, não tinha mais café prá cuidá...
(O entrevistado Ralph ri)
O: ...ia ficá muito caro mantê os escravos sem café.
S: E sem escravo era, era duro.
E: É interessante até no, no caminho prá Redenção ainda hoje você aqueles morros também é tudo meio serra, `cê tem a Serra da Mantiqueira de um lado e a Serra do Mar do outro.
O: Do outro.

E: É, fim da tarde assim, quando, quando bate o sol assim de relance, algumas encostas assim, você ainda vê hoje o local, as covas do...
O: Do café.
E: ...do café que `tão cobertas pelo capim, né, mas forma aquela...
O: Sombrinha.
E: ...aquela, aquela depressão, forma uma sombrinha. Então `cê vê certinho o lugar onde `tava o café.
O: É verdade.
E: E hoje é pasto, gadinho do mineiro, gadinho vira-lata, que é um gadinho que não precisa de trato.
O: É.
E: Ele produz o que, cinco, seis litro de, de leite por dia, mas também não precisa dá

nada prá vaca que ela se vira, né?

T: Não, porque ela fica na beira da estrada.
E: É.
T: Ela come na estrada.
C: Mas é, mas realmente...
O: A vaca que fica na beira de estrada... (Falas paralelas)

C: ...a gente...
O: ...o nêgo suja e joga.
C: ...realmente na época a advogada viu e...
(Alguém fala ao fundo)
C: ...ficô um pouco espantada, né...
(A professora Olga ri)
C: ...porque realmente...
E: Não, naquela época é, a frequência de...
O: Mas, mas eu acho que...

E: ...Friburgo era muito heterogênea.
C: É, e...
E: `Tava assim baixa, né.
C: ...também pelo fato também do povo `tê se afastado, do povo tê saído.
(Falas paralelas ao fundo)
C: Aí foi realmente na época. Eu acho que nós `távamos começando a fazê...
(Muitas falas paralelas; falas incompreensíveis)
C: Então eu comentei com ela que a gente `tava tentando formá o grupo de dança tudo.
E (pigarreia), prá vê se pelo menos a gente trouxe...trazia
O: Trazia de volta. (Fala paralela)

C: ...os jovens de volta, né, e pelo menos trabalhá com jovens, né.
E: Bom, eu...
C: Prá mantê já que tem 200 anos, quase 115 anos o...
E: Bom, na época que nós conhecemos Friburgo foi numa feijoada. Que um amigo aqui, o Gerd...
(Há falas paralelas ao fundo)
D: Hum, hum...
E: ..."vamo", um dia chegô aqui, qué dizê, nem sabia da existência de, de Friburgo, naquela época até a Tatiana...
T: `Tava em Helvetia.
E: ...`tava em Ovêssia dançando num grupo de dança aqui tudo, né? Eu nem sabia da existência de Friburgo. Aí um dia o Gerd chegô e falô: "Oh, tem uma feijoada em Friburgo, lá no, da alemãozada lá". Eu falei prá ele: "Alemãozada, né? Vamo, né?"
(A professora Olga ri)
E: Foi assim que nós conhecemo, né, Friburgo, né.
T: A primeira olhada... (Falas paralelas)
E: ...começamo a freqüentá...
T: ...chocante. (Ri)
(Risos)
E: É foi, foi chocante. Não foi lá muito animadora.
C: Não foi.
E: É, realmente eu...
C: Não foi.
E: ...não é demagogia nada que acho que, num leva à nada, né?

O: Quando foi isso?
E: Há uns três anos atrás, mais ou menos, né?
D: 91 mais ou menos, não foi?
C: Foi em 91
T: Isso, início de 91.
S: Ainda `tava um pouquinho melhor, né?
E: É.
C: Noventa...noventa e um. Foi, foi na...
E: Quanto à feijoada tudo bem. Mais depois começamo a voltá umas vezes lá...

(Falas paralelas ao fundo)

E: ...a gente ficô meio decepcionado assim, né?
T: -----? (Fala paralela e incompreensível)
E: É, num tinha nada...
T: Ai. (Ri)

E: ...tinha meia dúzia de, de home que se reunia lá prá jogá truco. A, as mulheres e crianças que eram obrigados a acompanhá o pai ficavam lá sentado na escada da Igreja lá assim, lamentando assim: "Oh, será que o, será, quando é que termina o jogo de truco aqui, né?" E num saía disso, né? Era assim, né, Denise?

D: É. Todo mundo na escada.
E: Todo mundo na escada.
O: Ou fazen...ou cozinhand o almoço pro, pro, pra eles, né?
D: É.
E: É.
C: É, como não se tinha o que fazê, então "vamo cozinhá", né?

J: Ou se tivesse acontecido alguma morte todo mundo falava, né?

(Risos e falas paralelas)

C: E, porque na verdade quando nós mudamo prá Indaiatuba...
T: ...na escadaria da Igreja...
C: ...nós viemos de Taubaté prá cá, já quando eu saí de São Paulo então já me desliguei de, de colônia, né. Nós casamos tudo, Taubaté não tem nada disso, não existe.
E: Tem os alemães lá, mas não existe uma...
C: Mas não existe uma sociedade, e nossos filhos...
E: ...porque são tão poucos, né. (Falas paralelas)

C: ...e Ernst foi criado dentro de uma sociedade, já o contrário como eu fui criada, eu fui criada desde de pequinininha -----?(Fala em alemão), né, no, no, no austríaco. E, aí nós viemos prá Indaiatuba, um ano em apartamento, num conhecíamos quase ninguém ainda e mudamos prá chácara aqui. Conhecemos esse Gerd, era vizinho nosso no apartamento mais ele já tinha a chácara dele aqui. Aí ele se mudô.

E: É, ele tinha a chácara e ele tinha o apartamento.
C: É, aí ele se mudô definitivo prá chácara e nós compramos a outra lá em cima.

E: Aí transferimos as crianças no...
C: Aí...
E: ...São Nicolau de Flüe que era mais perto de casa porque nós...
O: Hum, hum.
C: Do...
E: ...estadual -----?
C: Aí a Tatiana foi convidada...
E: A Tatiana fez amizade e foi convidada prá dançá no... (Falas paralelas)
C: Prá entrá no grupo folclórico.
O: Hum, hum.
C: Eu falei "bom, falam alemão também, os costumes são semelhantes", né?
O: Hum, hum.
E: É, come chucrute, Einsbein do mesmo jeito.

(Risos)

C: Então vamos.
E: Vamos lá.
C: Tatiana começô e começamos a freqüentar. O Henrique gosta muito de ir, hã, tiro então, entrô sócio no, no...
D: Clube de tiro.
C: No Clube de tiro. Prá ele foi muito bom, então o final de semana Helvetia. Aí

comecei a trabalhá um pouco junto com os jovens ali, e com o pessoal de lá. Foi quando apareceu...

T: Aí veio a Dona Mônica.

C: Hã?

T: Aí veio a Dona Mônica.

C: Ah sim, aí veio a Mônica trazê material, a Mônica era contratada por Helvetia,

porque Helvetia na época não tinha...

E: Eles não usavam o folclore deles. (Falas paralelas)

C: ...não tinha folclore suíço.

O: Hum.

C: Então...

O: O folclore que eles tinham do que, da onde que era?

E: Alemão.

C: Era alemão.

O: Alemão.

C: Eles usavam o folclore alemão. Então eles contrataram a Mônica, lá de São Bento que era a coordenadora de grupos de dança lá.

E: Prá ensiná dança tudo, mas alemã.

C: Então a Mônica ve...veio um final de semana, duas vezes ela veio, né? E trouxe o

folclore alemão, danças.

T: E o, a primeira vez que eu, que eu vi a Dona Mônica foi quando me convidaram prá entrá, que ela `tava aí.

C: Isso em 91.

T: Isso.

C: É.

T: Aí a outra vez, isso acho que no ano seguinte, que foi prá montá o grupo infantil.

C: Ah `tá. Bom.

T: Um grupinho que juntô tanta crianças que no fim tinha 101, né?

D: Nossa!

C: 101.

T: Numa roda só apertada naquele salão. Aquele salão pequeno.

C: Eram 101. E aí...

T: Pro fim sobrô prá mim.

(Risos)

T: Tive de ajudá.

C: E nesse meio tempo aí veio esse convite da feijoada. São alemães então, "vamo lá, né? Nós `tamo aqui no suíço, mas tem alemão aqui, que que nós `tamo fazendo aqui".

O: Entre suíço e alemão `ceis foram caí. (Ri)

C: Pois é.

J: Quase deu tiroteio, né?

C: Pois é. "Tá bom, vamos a Friburgo".

E: Nós fomo caí no fogo-cruzado das duas colônias, né?

C: É.

O: Das duas.

(Falas paralelas)

E: E o pior é que a gente não sabia disso, viu?

O: Ó, e é velho!

E: E é fogo-cruzado velho, viu. (Ri)

D: Velho.

C: Bom...

O: Desde o século XIX, desde o século XIX.

(Risos)

S: Oh, tadinha dela.
C: Aí...
(Risos)
C: Não, o pessoal de Helvetia eu num, num posso dizê. Nós...
(Alguém bate sobre a mesa)
C: ...sempre nos trataram muito bem, `tivemos sempre muito bem. Tem uns e outros...
E: Aí teve.
C: ...como em toda sociedade tem...
O: É lógico.
C: ...uns e outros que sempre, né, so...são sempre sociedade assim, como diz o Ernst.

E: Aqui tem, o principal problema... (Falas paralelas)
C: Quando tem mais de um prá pensá o negócio é meio duro.
E: É, o, o principal problema que nós tivemos assim, hã, foi que depois que, quando a Mônica veio formá o grupo das crianças, na verdade não era nem prá Tatiana. Mas a Tatiana ia lá, e queria ir lá olhá, acompanhá, não sei o que, mas na verdade lá a Mônica tinha que formá monitoras do Helvétia para acompanhar o grupo, só que as monitoras do Helvetia...

C: Não apareceram.
E: Sumiram.
T: Aconteceu que a Mari pediu ajuda porque a Mônica sozinha com 100 crianças...
O: Num dava conta.
T: Num dá...
E: As monitoras... (Falas paralelas)
T: ...prá controlá legal.
E: ...de Helvétia que deveram `tá lá ajudando a Mônica sumiram.
T: Mas precisava `tá lá prá, alguma, alguma das antigas `tá lá prá depois continuá o que `tava acontecendo, né?
E: É.
T: Então, e eu `tava junto.
(Falas paralelas)
E: Há, há. Pera aí que eu vô trazê um copo prá você. Não, ih, fazê um joinha prá você.

Não qué?

C: É, foi realmente quando a Mônica começô a í...
E: Eu sô tomador de cerveja mas tem que sê no copo certo. (Ri)
C: Quando a Mônica esteve aí, não, não, nenhuma das monitoras Mor de Helvetia...
T: Não...
C: ...acompanharam.
T: ...foi sim. É que eu `tava junto prá, por causa de duas meninas, né. Eu não era monitora de nenhum grupo mas `tava lá, né. Aí ela falô assim: "Ajuda também". Entrei na roda. E algumas outras monitoras participaram, mas foi aquele negócio assim: "Ai, dançá

com criança. Ai, num sei o que". Acabaram achando coisa melhor prá fazê, ainda mais que alguns do sul `tavam lá também.

(Risos)

D: É o intercâmbio, Tatiana.
T: Intercâmbio.
D: Intercâmbio.
T: Aí eu fiquei lá.
J: Elas se intercambiavam o tempo todo.

(Risos)

C: É, realmente.
(A pesquisadora Denise ri)
C: Aí foram os outros dois dias, aí a Tatiana sozinha acompanhô a Mônica.

T: Aí quando a Mônica ia embora "E agora? Com que música?" Eu fui lá com uma fita

virgem eu falei "grava aí". (Ri) Fiquei, né. Aí as meninas: "Ah, você pegô? Que bom".

Ficô. A Dona Mônica foi embora e ficô parado um tempo, não foi?

C: Não. Não. Aí antes da Mônica í embora ela foi a, a presidente que é a, a...

J: Maria Antônia?

C: ...Maria José. Mais conhecida como Mari, né

J: Mary José para os íntimos.

(Risos)

C: E, e falô prá Mari: "Olha, deixa a Tatiana tocá tudo que ela me acompanhô e ela tem jeito".

O: Hum, hum.

C: E deixô. Cento e poucos prá ela.

(A professora Olga ri)

C: "Tá bom, e agora? Faz o que com esses cento e poucos?" (Ri)

O: Tem gente que "gostia"! (Ri)

C: E era um, olha, era um de, 16 anos, isso?

T: O que?

C: Até cinco anos de idade, né? De cinco prá cima?

T: Seis.

C: É, seis anos...

T: De seis a...

C: ...até... (Falas paralelas)

T: ...a Nina tinha dezoi...Hilde de vinte e cin...vinte e treis. (Ri)

C: É. Até isso.

T: De 6 à 23 anos.

C: Ela falô bom: "Então vamo dividi por idade aqui". E aí safú desses cento e poucos

saíram três grupos.

T: E lógico, né, a empolgação vem, vem a tia do sul, né, tia Mônica do sul, lógico que vêm crianças até, e prá começá mesmo fiocaram sesse...sessenta e oito, n, ?

C: Ah tá. Dois meses depois, aí vem junho, julho, agosto...

D: Hum.

C: ...agosto, aí a...

E: -----? (Fala em alemão)

C: Dois meses depois...

S: Ah.

E: Hã.

C: ...a Mônica vem com o grupo dela prá apresentá na "Faici" aqui. E Helvetia tem a tenda que eles montam, né, os suíços. E a Tatiana tinha que apresentá os três grupos dela,

com as danças que ela tinha aprendido dois meses antes. Com todo aquele bando de pirralho dela lá.

O: E uma, e ensaio uma vez por semana?

C: Não.

E: `Cê já experimentô a Kaiser da Boch ou não? (Fala paralela ao fundo)

T: Eu ia todo dia. (Ri)

S: A Kaiser com a Boch é a mesma coisa.

C: A Tatiana dividiu os três grupos...

(Falas paralelas ao fundo; conversa sobre cerveja)

C: ...então eram duas vezes por semana cada grupo. Ou chegava, bom, o Ernesto nós levávamos na segunda a domingo. Toda noite. Cada noite era um grupo que ela...

T: Dançava de manhã, no -----? mesmo. Aí...

E: E a Boch mesmo. Ah, a Boch da Alemanha é mais...

S: Ah...

E: ...mais pãe a Kaiser no bolso.
(As falas das mulheres ficam incompreensíveis)

T: Fica desagradável, né, porque justamente a falta de ensaio, aquele começo...

S: Não eu tô procurando, tô procurando. Eu não achei por aqui, na cidade universitária não achei. Não achei... (Falas paralelas ao fundo)

T: ...é, a apresentação não foi boa. Eu falei: "Pera aí, a gente precisa de ensaio, né".

E: Agora uma Boch eu não experimentei ainda, a Brahmma Boch, a Skol Boch.

T: Então "Pode? Pode". Então na segunda-feira era o grupo dos...

E: Eu desconfio que a Skol Boch deve sê a Brahmma Boch, porque a Skol `tá na mão da Boch. (Fala paralela ao fundo)

T: ...grandinhos, terra era dos médios e quarta dos grandes.

E: Tanto um como a outra já existiam suas Bochs.

T: Depois quinta dos médios, e sexta dos grandes.

E: A questão é que elas nunca exploraram comercialmente.

T: Os pequeninhos quando tinha apresentação tudo, era uma -----? Ah, não, eu fazia junto com o vermelho, junto, é, de uma outra, de outro dia da semana, né. Então eu saía mais tarde ainda. Tinha vez que saía, começava às seis, saía às dez da noite.

D: Ham, ham.

E: E a Brahmma Boch, eu lembro do meu pai, sabe, ele fazia. Jogava numa panela, porque naquela época no Brasil no começo, ainda nas época das vacas magras... (Fala paralela)

T: Por causa disso, né. E em sábado e domingo se não tinha ensaio com eles, tinha ensaio com o outro grupo que eu dançava.

C: E assim foi.

E: ...sabe, ele botava um ovo assim tudo...

C: Aí ela gostô, n,..

E: ...açúcar e a cerveja boch, a gente a boch...

C: ...e com isso também fui aprendendo um pouco, né?

E: ...batia no garfo assim, porque não tinha batedeira lá.

C: ...acompanhando. Orientando porque...

E: Fazia prá gente.

C: ...ficô sozinha.

O: Dividiu a tarefa com a mãe?

T: No começo -----?

C: E aí também ficô porque... "Prosit!" Olga, não qué uma cervejinha?

O: Não. Obrigada.

C: E foi porque ela tinha o que? 14 anos, na época. Ainda ela era a mais nova monitora. Até mesmo em São Bento do Sul quase todo mundo conhecia ela como a "professorinha". Porque monitora prá eles lá era sempre um, uma pessoa já com maior, mais idade, né, mas nunca uma menina de 14 anos.

T: Não, era mais idade tamém na dança.

C: É.

T: E tinha um ano de dança, os outros tinham oito.

E: Aí, aí começô, né.

C: Aí começô. Aí...

E: "Ela não é suíça, ela é alemã".

C: Aí começô.

E: Fofquinhas por trás dos bastidores. "Ela não é suíça, ela é alemã", não sei o que.

C: Aí as outras monitoras...

T: Eu tinha um ano de dança, as outras tinham oito.

E: É.
T: Eu só tinha um ano de dança, as outras tinham oito.
C: As outras monitoras se sentiram ofendidas.
E: Ah num, num foram nem as monitoras. Foi, hã, sei lá, fazerem fuchiquinho por trás.
É o tal negócio, quando você começa a conquistá o espaço de algum lugar...
C: Eu acho que em qualquer lugar acontece isso, né?

O: É.
E: ...é, em qualquer lugar é assim, né? Mas aí eu tamém, aí eu tamém falei olha: "Eu vivi 46 anos sem brigas..."

T: Meu irmão voltou?

C: Não sei.

T: Aluz do banheiro tá ligada.

T: Tá ligada.

O: Não faz falta nenhuma.

(Falas paralelas)

E: ...eu `tô aqui de bom grado", e a gente ajudava ali onde podia tudo, né? Quando chegava, uma vez foram...

C: Quem?

(Falas paralelas)

E: ...foram um bingo lá que a Mari fez, eu, eu consegui na Mercedes uma época...

C: Alguém esqueceu. (Fala paralela)

E: ...100 miniaturas de, de caminhãozinho, monte de coisa assim pro bingo tudo, né, mas sabe, eu me empenhava...

D: Hum, hum.

E: ...falava "não é uma comunidade? Vamo participá, sabe, de", eu num `tava preocupado se eles eram suíços ou não.

O: Hum, hum.

E: Falava ", suíço, é qua...é a mesma coisa que a gente".

C: A nossa preocupação era com os outros, né?

E: São às vezes nas origens, são germânicos também, né. "Vamo ajudá, né, nós `tamos

aí, bom prá Tatiana, ela `tá no grupo de dança, é uma atividade boa, sadia, né". Hã, pô, você lá trabalhando, ajudando, se empenhando, não sei o que, depois começa esses fuchiquinhos por trás, né. `Cê já fala: "Qué sabê de uma coisa? Eles que vão pros quinto dos inferno", né.

C: É, mas antes disso, já era ge...hã, já era, hã, Wanderley...

D: Nilson e Ricardo. Wanderley e Ricardo na diretoria.

E: E Ricardo. Era Wanderley e Ricardo.

(Falas paralelas)

C: Era Wanderley e Ricardo. Aí, mas antes disso, qué dizê, tinha os fuchicos mas entra

aqui, sai por ali...

E: E a Mari falava...

C: ...e vamo que vamo. E a presidente...

E: Deixa rolá. "Dá cotovelada e conquista seu espaço". Nesse ponto, olha, a Mari...

C: Sempre, sempre protegeu.

E: ...tem muita mágoa mas eu, a gente não, a gente...

(A entrevistada Carla ri)

E: ...tem que dá, hã, quando uma pessoa é positiva tem que admiti. Olha, a Mari...

C: É.

E: ...é fora de série, `tá?

C: Mas é, até, até agora a gente entendeu porque que a, tem Austraus (fala em alemão),

sabe de vez em quando...

E: É.
C: ...ir prá frente porque senão uma sociedade não vai prá frente. Se não tem um que (bate na mesa) é enérgico, não adianta porque...
E: Tem que, tem que, o, o, dá coice de vez em quando...
C: É.
E: ...até ofendê se for necessário prá fazê a turma acordá e, e...
O: Reagi?
E: ...tocá o barco prá frente e reagi, né?
C: Aí na época a Maria Emília e Wanderley nos procuraram em casa...
O: `Ceis já tinham ido à feijoada?
C: Já. Já o Ernst já tinha convidado...

E: Já era sócio.
C: ...é, convidaram o Ernst prá entrá como sócio mas a gente só freqüentava como sócios, só, nos eventos assim. Não tinha envolvimento.
O: Hum, hum.
C: Tal, esporadicamente ia num baile, num almoço. Aí Maria Emília e Wanderley uma hora vieram em casa e colocaram na mesa: "Oh, nós `tamos preocupados com os nossos jovens, que se afastaram, ninguém freqüenta (bate na mesa), e com as mulheres. Porque os homens têm o truco deles lá e...
O: Tem a bocha. (Falas paralelas)

E: Bocha, truco e...
C: ...o truco...
E: ...que se dane o resto.
T: Não é resto as mulheres.
C: ...e os jovens...
O: Não `tão...
C: ...sumiram". `Tá bom, eu falei "oh". "E nós `tamo querendo, já que a cidade inteira conhece Friburgo como uma colônia alemã, então vamos mostrar que é uma colônia alemã.
Vamo mexê nisso".
(Silêncio)
C: Na época ainda olhei pro Ernst.
E: Aí nós falamo, ficamos até numa situação constrangedor.
C: Ficamo numa sinuca porque apesar da fofquinhas em Helvetia...

E: Mas Helvetia tinha aberto as portas prá gente.
C: Tinha aberto e tinha dado...
E: Eu falei "agora eu cai fora", e pro Friburgo, é, é uma sensação que `cê `tá traindo o pessoal daqui, né? E agora, que faz, né? (Ri)
C: Aí nós deixamos ainda a Maria Emília e Wanderley de molho.
(A professora Olga ri)
C: Falei: "Olha, deixa eu pensá nessa história aí". Aí acho que passô um ano ainda. Aí este ano que Maria Emília veio e, com o Wanderley tem a outra da FAICI. E a Mônica e o pessoal do, do, da sociedade Lyra de São Paulo vieram apresentá o grupo deles.
E: Ah é.
C: Era o Therer e a Dalva...
E: E a Dalva, né?
C: E o pessoal de São Bento.
E: Hum, hum.
C: Sentaram a nossa mesa e conversa vem, conversa vai...
E: Eles deram a última pitada prá gente decidi, né? (Ri)
C: É, deram o último empurrão. Aí, falando em colônia de Piracicaba e "pa, pá, pa, pá, pa, pá, pa, pá" falei tem um e...em Friburgo. "Friburgo? No Rio?" Eu falei: "Não, aqui".

D: Do lado.
C: Aí do lado. "Comé que é?" Eu falei: "É assim, assim, assim, assim, assim, assim.
Tem quase `trocentos' anos, mas `tá difícil".
(A professora Olga ri novamente)
E: `Tá mal o negócio lá".
C: `Tá feio. Aí ela falô: "Ah, Carla...
E: "É um rabo de foguete".
C: ...é um abacaxi...
E: "Mas não deixa morrê".
C: ...mas não deixa morrê".
O: E a Mônica é o que? A Mônica e do, de São Bento?
E: São Bento, é. (Falas paralelas)
C: A Mônica é São Bento.

T: Hum, hum.
C: E ela trabalhava com a prefeitura e...
E: E a Dal...e a Dalva também.
C: ...montava todos os eventos festivos...
O: Hum.
C: ...que tem em São Bento, na época. É que agora ela saiu, ela se afastô.
(Risos ao fundo)
C: Depois de mais de 10 anos que ela trabalhava com isso.
(Risos)
E: Que que foi?
C: Acharam o fantasma ou não?
(Tatiana ri)
T: Fiz maldade. É o pai que foi no banheiro e esqueceu de desligar a luz.
(Risos)
C: Aí um dia...

(Falas paralelas e risos)
O: Eles pensaram que tivesse alguém lá dentro.
(Risos)
E: Ficaram duas horas fora esperando.
(Risos)
D: "Abro ou não abro?"
T: "Vai pela frente, vai pela frente". "Não João é o pai que esqueceu de disligá a luz."
(Risos)
C: Aí, aí, hã, a, aí o, o...
T: Também eu faço drama, né? (Fala paralela)
C: ...o Teuer é também do Lyra...
T: Deixô aqui comigo coitado. (Rindo)
C: ...aqui de São Paulo. Ele falô: "Olha, Carla, o que você precisá a gente te ajuda".

E: Certo.
C: "E São Bento também. O que precisá eu ajudo".
O: Hum, hum.
C: `Tá entendendo?
E: "Não deixa morrê, é gente nossa".
C: "É gente nossa, não deixa morrê".
(Ouve-se alguém se movimentando)
C: Aí, Wanderley, Emília, outra vez vieram em casa em visita. Falei: "Tá bom. Tatiana,
quando é que monta o grupo? Marca prá Fevereiro, ajunta todo mundo.
T: Mas Janeiro já `tava comé já `tava trabalhando". (Ri)
J: Com comichão, né?

T: Ai, `cê acha que eu aguento?

O: E comê que fo...que foi a explicação prá Fri...prá Helvétia?

E: Não, Helvetia a retirada foi estratégica...

(Risos)

E: ...diplomática.

(Risos)

O: É isso que eu quero sabê...

E: A, a coisa...

(Falas paralelas)

D: Ai, ai, ai.

O: ...comê que fo...trabalharam os suíços. (Fala rindo)

T: Muito...

J: Vamo tricotá. (Falas paralelas)

E: Tinha uma até...

C: Tricotá como diz o, a, o João Daniel fala: "Vamo tricotá", então é as fofquinhas.

T: Mãe, `cê contô a despedida.

E: A Tatiana tinha entrado, prestado exame na Fiec...

C: Lógico. (Fala paralela)

E: ...prestô na Fiec. E no Helvetia os grupo dela...

C: O meu também, eu também `tava vendo.

E: ...era durante a semana, os grupos que ela cuidava. E os ensaios do grupo que ela dançava era de sábado.

O: Hum, hum.

E: No sábado e no domingo era os grupos antigos, o bordô, o azul e o camponês.

C: É.

E: Era de fim-de-semana.

C: São os mais velhos.

E: Ela não tinha espaço prá ela...

J: Que `tá gravado aí? (Fala paralela)

E: ...ensaiá os grupos que ela monitorava.

J: `Cê `tá com a sua cabeça cheia. (Fala paralela)

D: É pro trabalho, prá pesquisa.

(Algumas pessoas estão falando baixo ao fundo)

E: Então era durante a semana. Então era...

(Falas paralelas continuam)

E: ...hã, a, a segunda, terça, quarta, quarta e quinta era...

T: Até que não é muito, depois eu explico. (Fala paralela)

E: ...quase a semana inteira. Era à noite.

J: Tem que gravá tudo isso na cabeça.

E: Era a semana inteira à noite eu levando a Dona Tatiana prá Helvetia prá ela ensaiá o grupo dela.

(Falas paralelas ao fundo)

D: Prá tê o prazer de transcrevê!

O: No tempo do colégio esquecia tudo.

(Risos)

E: Aí ela entrô no, na Fieq, e a Fieq é perído integral.

O: Hum, hum.

E: Aí nós viemo e falamo "boa desculpa". "Olha", aí a...avisâmo com antecedência "a fraternidade da Fe...a Fieq `tá de confraternização no fim do ano.

T: A confraterni...confraternização virô despedida. (Ri)

E: Confraternização, despedida, não sei o que, né?

T: As mães acabaram fazendo, né?
E: Organizô tudo.
T: Depois em cima de outra mancada, né, mama? A gente queria fazê...
E: É, tudo bem.
T: ...uma confraterniza...

FIM DO LADO 1-B

INÍCIO DO LADO 2-A

O: ...era numa escola que exigia muito mais...
E: Exigia muito mais. (Fala paralela)
O: ...que exigia mais tempo.
T: Nesse dia... (Falas paralelas)
E: Que à noite ela podia fazê curso de alemão, que num sei o que...
T: Mais assim, diretamente...
O: ...que podia, né?
C: E foi, foi realmente. Que ela entrô na Fiec...
E: É, até dava.
C: ...era escola o dia inteiro.
E: Dava.
C: E.
E: Dava, mas eu, usamo essa desculpa e pulamo fora.
T: Mas, mas nesse dia, diretamente, as pessoas não `tavam sabendo ainda. Só um

pouco assim do, das crianças sabiam.

E: Eles sabiam só os fuchicos.
O: Que voceis `tava indo prá Friburgo?
E: Não...
T: Que a gente ia acabá saindo. (Falas paralelas)
C: Que nós estávamos saindo...
O: `Tava saindo.
E: Saindo.
T: Nesse dia...
E: Eles sabiam os fuchicos assim, tipo assim "não , suíço, é, alemão, num sei o que", mas, agora, depois sabiam que a gente saiu e `cabô. Mas porque nós saímo ninguém sabia.
O: Sabia. Ham, ham.
T: Só que nesse dia...

E: E deixamo no ar. (Fala paralela)
T: ...eles fizeram churrasco.
O: Ham, ham.
T: Nós, o pessoal do grupo de dança...
E: E aí o pessoal perguntava... (Falas paralelas)
T: ...fizeram churrasco.
E: ..."Calma, agora não dá mais porque..."
T: Então encontrei com a monitora do meu grupo e nesse dia eu falei assim: "Olha, eu `tô saindo do grupo azul. Quando você me faz uma reunião prá mim falá e entregá o traje?" "Cê vai saí? Mas por que você vai saí?"
J: Com, que `tava? Os dois grupos num mesmo só?

T: Não, eu ficava nos três.
E: Ela dançava no azul...
O: E monitorava as crianças.
E: ...e monitorava os três grupos: o verde e o...
O: Mas comê que `cê tinha entrado no bordô?
T: Porque...
E: Não... (Falas paralelas)
O: Ah, pera aí...
E: ...foi depois.
C: O bordô foi depois.
E: Calma, a novela, a novela não terminô ainda não.
T: "Por que você vai sair?" Eu falei assim: "Olha, eu entrei na Fiec, eu vô estudá, vô estudá o dia inteiro, num vai dá. E eu num `tô largando só o azul, eu `tô deixando o

infantil também, prá você vê que num é (ri), num , maldade, de que não quero dançá no azul". Falô assim: "Tá bom". Então num, entreguei o traje, normal. E as crianças, aí foi um, foi um dia terrível.

O: Choraram.
T: As crianças choravam...
E: É.
T: ...me abraçavam, abraçavam a mãe.
E: É, foi emocionante, né.
T: Me deram uma correntinha, né, e à mama deram um vaso de porcelana tudo. A...
C: Foi muito bonito, inclusive alguns, entre os mais velhos, hã, que ouviram, né, que a

gente `tava indo prá Friburgo, falaram assim "Ah", que são suíços, "se você for, nós também vamos".

E: É, tem uma parte do grupo...
C: E tem uma parte do grupo...
D: Que é de lá? (Falas paralelas)
E: ...na Helvetia tem o...
C: ...que é de Helvetia, que foi dela, que vieram e acompanharam ela.
E: É tem a, a Li...a Lina. Tem o...
D: O Wagner, o Beto...
E: ...Wagner, o Beto...
D: ...a Cris...
E: ...a Cris...
D: ...a Hilde.
E: ...a Hilde.
D: O Paulo veio com a Ilde.

C: O Côco.
D: O Côco.
J: Aline e Raquel.
D. e T: Aline e Raquel.
C: Que são...
E: Aline e Raquel. Então, se bem que a, a Léa é também nascida no Friburgo, mas a origem , suíça, né, a mãe da Aline, a...
D: É, minha tia.
O: Hum, hum.
C: Lá a filha da, é, irmã da sua mãe, né?
O. e D: É.
E: Mas era o, dançava no, no grupo da Tatiana lá.
C: Começaram com a Tatiana lá.
E: E quando a Tatiana foi prá Friburgo soberam, né, "vamo prá lá".

T: Ai, pode contá outra, tricota.

(Carla ri)

T: A Eli...a Elisa encontra comigo e diz que muito dos infantis, do infantil, do pequenininhos, as mães `tavam ameaçando ir prá Friburgo. (Ri)

(Risos)

D: Agora isso?

O: Ai, meu Deus!

T: Parece que não `tá dando certo lá a...

D: O vermelhinho?

T: ...as outras monitoras, hã, não, o antigo azulzinho que hoje é verdinho.

(A pesquisadora Denise ri)

T: Acho que tem duas monitoras que não `tão dando certo, não `tão...

D: Até já sei quem são. (Fala rindo)

T: Mas as mães `tão ameaçando mudá prá Friburgo.

E: Não é, não é questão de, não, não, assim jogá confete na Tatiana nada mas...

(Tatiana ri)

E: ...é tudo, é isso aí, o que a Tatiana faz e a Carla faz, isso aí não, não, questão de competência, é questão de, de alma.

O: De jeito de lidá com a...

E: É, e querê fazê as coisas.

O: Ham, ham.

E: Tá?

O: Ham.

E: E, a Tatiana gosta prá burro, né? Assim, quando ela começô em Helvetia, hã, entrô, se envolveu, gostô, a Carla também gosta, né? Então elas tocam com alma.

O: Ham, ham.

E: Não tocam assim tipo...

O: Por obrigação.

E: ...por obrigação e por querer aparecer.

C: É.

O: Hum, hum.

E: O trabalho é feito por quem gosta.

O: Hum, hum.

E: Né? Tanto é que eu de lambuja me ferro porque...

(Risos)

E: ...aqui em casa não consigo fazê mais nada quando, a não ser ficá levando pro grupo de dança.

(Muitas falas paralelas)

C: Ai coitadinho, ele chora, mas bem que ele gosta também.

O: Isso mesmo.

E: Mas eu gosto também, né?

C: Sabe, Olga, o negócio é...

E: E lá no Helvetia, desculpe Carla, depois que a Tatiana saiu, ela fazia sozinhas os três grupos, depois colocaram duas em cada grupo, em seis...

O: Não consegue.

E: ...não conseguiram fazê o trabalho. Por que? Faziam por obrigação, porque a Mari falô: "Você vai fazê, você vai fazê, você vai fazê".

T: E eu vi que é bem isso porque semana passada...

E: E é um trabalho que você não manda fazê.

O: Lógico. Ou faz porque gosta ou não faz.

E: É um trabalho voluntário... (Falas paralelas)

C: E...e...este, este , o tipo do trabalho que tem que fazê prá gostá.
E: ...e voluntário tem que gos...voluntário tem que gostá do que `tá fazendo.
T: Uma das monitoras que dá pro meu grupo...
E: Não é competência. (Fala paralela)
T: ...virô e falô na minha cara...
E: Esse é um trabalho que tem que gostar de fazer, né? (Fala paralela)
T: ...eu larguei, prá eles não ficarem largados ela pegô.
O: Hum, hum.
T: Ela falô aquilo prá mim assim eu "ai, o que eu respondo agora?"

D: "Ficá quieta".
C: Eu acho, Olga, prá mim, prá com, trabalhá com eles com os adolescentes eu, eu acho... isso prá eles, prá mim foi, `tá? O que eu aprendi quando eu era menina, na minha adolescência tudo, isso , um, uma herança prá eles, uma lembrança prá eles que nunca mais eles perdem.
O: Lógico.
C: Então eu acho isso importante prá eles. É um pedaço da juventude deles que eles tem alguma coisa.
E: E eu, eu vejo isso também como um trabalho social. Eu, eu, digamos, a minha parte da colaboração, eu, eu vejo um trabalho social nisso também. É, pros meus filhos...
O: Hum, hum.
E: ...e pro meio, o, onde meus filhos convivem.
O: Hum, hum.
E: Porque hoje é freqüente, acho que voçeis devem `tá acostumado de ouvi assim amigo de voçeis falá "não sei o que, drogas, o meu filho anda não sei aonde...
O: Hum, hum.
E: ...porque não sei o que", não é? Mas o pai se limita a chegá no fim do mês e jogá um monte de dinheiro em cima da mesa e acha que o...
O: Fez o que, o que era a obrigação.
E: Obrigação dele, né? Eu acho que se, se o mundo aí fora `tá hoje violento e tem drogas, tem não sei o que é porque os jovens realmente `tão desorientados e não têm prá onde ir.
O: Hum, hum.
E: E não adianta ficá, há, uns criticando, então eu acho que você tem que fazê algo por eles, mostrá prá eles, fazê. Em vez de eles ficarem num, num botiquim ou numa discoteca onde rola drogas, não sei o que, então você tem que formá...

T: Tili, sai daí. (Fala paralela)
E: ...formá um local prá eles, onde eles se encontrem tudo, há uma atividade sadia...
O: Hum, hum.
E: ...uma ocupação.
O: Hum, hum.
E: Aí, ainda tem o lado cultural que eles `tão aprendendo.
O: Lógico.
E: Né?
C: Porque prá mim foi bonito que, o que eu aprendi.
O: Ham, ham.
C: E eu procuro passá pros meus.
O: `Ceis cresceram junto com o grupo também. Qué dizê, não foi só voçeis que deram, voçeis tiveram que aprendê prá podê dá alguma coisa.

T: Hum, hum.
E: É, é gostoso trabalhá com eles.
O: Hum, hum.

E: Tem um monte de pepino e rolo no meio...
C: Porque ainda a gente aprende. (Falas paralelas)
E: ...mas é gratificante.
T: Ai, vivendo e aprendendo, né?
O: É. (Falas paralelas)
C: Ainda a gente aprende.
E: É, é melhor...
T: Depois que tem que lidá com -----? (Fala incompreensível)
E: ...eu prefiro trabalhá com eles do que com a velharada lá dentro.
O: Ham, ham.
S: Ah, é preferível.

T: Tinha um de sete anos.
E: Já tem, já tem seus vícios, suas manhas, tal, quando você qué fazê uma, uma inovação lá dentro, então vo...o, o outro acha que você `tá querendo aparecê lá dentro mais que ele.
C: É, é muito difícil.
E: "Ah, vá, vá, voceis nunca foi do Friburgo aqui de repente...
C: É.
E: ...você vem aqui junto à gente aqui dentro."
O: Chegá e tomá conta. (Fala paralela)
D: Invadi o espaço de...
E: "Há cerca de 15 anos nós tocamos isso aqui..."

(Falas paralelas ao fundo)

E: ...e de repente vem um bico de fora que qué metê o bico, sabe?"

(Falas paralelas ao fundo)

E: São os preco...preconceitos dos...
T: `Cê sabe como que ele é, né? (Fala paralela)
E: ...dos adultos.
T: É, é aquele capeta.
C: Ham.
E: E com os jovens não tem isso.
T: Malcriado, mandão. (Falas paralelas)
E: Com os jovens você senta...
C: Hã.
E: ...ele ouve...
T: Daquele jeito, né.
E: ...conversa com eles, debate, deixa eles se abrir...

T: "Olhe, pare com isso, olha para aqui."

E: ...falá o que ele acha, porque de repente ele tem uma idéia genial, então você adota aquela...

O: Hum, hum.

E: ...idéia genial, né, aquilo foi pro, pro emblema do grupo, né, o logotipo lá. Então foi lançada a idéia, o que que é? "Fripurt", "O castelo da paz", não sei o que. O castelinho, uma pomba, o Brasil, a Alemanha, não sei o que. Então, "bolem um logotipo aí", então foi feito um concurso. Cada um trouxe seus desenhos, num sei o que, né? Então, aí foi votado

entre eles o melhor desenho...

C: O melhor de todos.
T: O logotipo deve `tá aí. (Fala paralela)
E: Né?
C: É, e foi o Paulo que, é.
E: É.
O: Deixa eu vê.

C: E foi, foi eles que, que bolaram...
O: Hum, hum.
C: ...e foi eles que fizeram e saú isto. Agora...
T: Gostoso vê tamém como, como cada um que entra se desenvolve, né, não só na dança, mas seu próprio jeitinho, né? O Henrique era um...
C: Muito no comportamento, a gente vê como eles...
O: Hum, hum.

C: ...modificam.
T: O meu irmão.
C: Muitos entram muito tímidos "não, não..."
E: É, eles têm...
T: A Denise, é o exemplo vivo. (Ri)
E: ...às vezes...
C: A Denise é o exemplo vivo.
T: A Denise. (Ri)
C: A Denise.
E: ...a, a, tem os seus problemas dentro de casa...
J: A Denise descambô de vez. (Falas paralelas)

(Risos)

E: ...então tem um comportamento um pouco...
D: Depois que eu andei com você.

(Risos)

C: A Denise é um exemplo assim vivo.
E: ...pouca conversa, de repente ele se abre com você quando você...

T: Agora o meu irmão é mais próximo, né?
E: ...você conversa com ele, então faz ele vê a coisa de outra forma.
O: Bonitinho, né? (Fala paralela)
T: Hum.
E: Então ele passa a se comportá de um modo completamente diferente.
C: Então era "Friedburg"...
E: É uma coisa, né, mais é importante. (Falas paralelas)
C: ...era a antiga escola chamava assim.
O: É, o lugar chamava assim.
C: É, né?
O: Aí foram os, os agrimensores de Campinas, a mando da prefeitura que vieram fazê

as mediações e estabelecê aí acho que estradas, num sei o que, e "Friedburg" era muito difícil prá eles escreverem. "Friburgo" era...

E: Pega uma camiseta lá dentro prá mim, por favor. (Fala paralela)
C: Era, é.
O: "Friburgo" era mais fácil...
C: "Friburgo" era mais fácil.
O: ...porque já era conhecido "Nova Friburgo" e tudo mais e aí eles escrevem todos os mapas da cidade "Friburgo".

(Falas paralelas ao fundo)

C: É.
O: E aí eles têm que mudá o nome. São forçados a mudá de nome por causa da

prefeitura.

(Falas paralelas ao fundo)

C: E aí eu fu...o Ernst falô: "Bom, nós temos que resgatá isso aqui...
O: Hum, hum.
C: ...já que a gente qué começá a mexê, então vamo começá a mexê mesmo lá do fundo do baú."

E: As meninas... (Falas paralelas)
O: Hum, hum.
E: ...deram presentes prá meninas...
C: Mas até a gente descobri tudo isso...
E: ...com o nome delas embaixo, né?
C: ...olha, levô tempo.
J: Não, elas deram prá nós, nós demos... (Falas paralelas)

C: Aí, Dona Léa ajudô um pouquinho, né?
J: ...nós demos...
C: Ela é...
O: É, ela é a historiadora...
C: É.
O: ...é a historiadora nossa.
C: Comé que foi? "Foi assim, foi assado." Aí você conversa com o outro "não, não foi assim." Aí o outro já puxa a sardinha pro lado dele, né: "Não foi bem assim, foi assado", não sei o que.
O: Krähenbühl que tem outra história porque ele é o lado suíço.
C: É.
D: Hum.
C: Ai...
(Risos)
O: É gozadíssimo.
C: Aí eu fico muito, eu falei...

O: Agora s...
C: ...tanto é que, num faz muito tempo eu falei ainda:
"Denise, pergunta prá Olga se realmente...
T: É de Schleswig-holstein.
C: ...é Schleswig-holstein porque eu ainda tinha minhas dúvidas. Porque chegava prá um "não, não é". Aí vinha um com nome lá da Suíça "ah, não é".
E: Vindo de Berna, não é?
O: É.
D: É, dos...
O: É Cantão de Berna...
E: É.
O: ...porque os Krähenbühl...
D: Krähenbühl.
O: ...são de, de...
E: É.
O: ...Cantão de Berna, e o resto é do norte da Suí...
C: É.
O: ...do norte da Alemanha.
C: E assim no, o Ernst lançô...
O: E nós descobrimo que o primeiro deles, o Tamerus, que é o que vem e abre e co...e so...ocupa a primeira casa, a primeira propriedade aí, vem em 1846 prá Fazenda Ibicaba. Nós `tivemo em Limeira, quando é que foi?
C: Tili, vem aqui.
D: Fa...
O: Um mês.
D: 25 de, de junho a gente foi.
C: Deita lá sozinha no cantinho vai. (Fala paralela)
D: O dia da festa.
O: Nós fomos na, na casa de um descendente, é, ficô bonitinha aí (referindo-se à

camiseta com o logotipo do grupo do folclórico), um descendente de...

T: Ficô bom, né? (Ri)

C: Isso foi o grupo que...

E: Mais ou menos, porque já tinha falado antes. (Fala paralela)

C: ...com a idéia do, é antes deles desenvolverem.

O: É descendente de ouros dos antigos parceiros lá da fazenda de Ibicaba que depois se enriquece e compra a fazenda.

S: Foi isso.

O: E aí eles têm os livros onde eles registravam os gastos e os pagamentos de cada, cada colono. E aí tem o Fred...Frederich Thamerus, que é o que vem e abre a primeira, a

primera propriedade aqui. Chegô lá na Fazenda Ibicaba, em Limeira, em 1846. Então a data que eles têm de 1856...

E: Pô, 100 anos depois que eu nasci. Qué dizê, antes...

T: Antes. (Ri)

E: ...que eu nasci.

(Risos)

S: Aaô...

(Risos)

(Muitas falas paralelas):

O: 1846!

C: Ele é mais ou menos...

D: Dinossauro...

C: ...Matusalém sim.

D: ...né? Dinossauro.

T: Bruxo.

(Risos)

E: Eu não sou o Nicolaus Flamel não.

(Risos)

C: Mais olha que interessante.

O: E aí...a mexendo lá no, no livro nós conhecemos cinco famílias, né?

D: Cinco famílias.

O: Cinco famílias de Friburgo, que passaram primeiro por Ibicaba, provavelmente depois vieram prá Sete Quedas, porque era o senador Vergueiro que trazia esses alemães e distribuía prá fazendas de café, passaram pela Sete Quedas...

D: Schäffer. (Fala paralela)

O: ...e da Sete Quedas vieram prá cá.

D: Schafer, Fahl, não tem Bohn! _____

E: Isso aí foi pós a libertação dos escravos...

(Risos)

O: Hã? (Falas paralelas)

E: ...que começaram a trazê os europeus.

O: Antes.

D: Não tem -----? Schafer, Fahl.

O: A libertação dos escravos é em 88.

C: É. (Fala paralela)

E: É.

O: Quando começa em 1850...

D: Thamerus. (Fala paralela)

O: ...foi a proibição do tráfico negreiro. Aí já não pode mais trazê escravo da África.

D: Ai, só essas duas eu lembro.

O: Escravo começa a ficá caro. E aí, antes disso eles já `tão trazendo os primeiros...

D: Ts, ts, ts.

O: ...europeus.
E: É que eles `tavam, já devia `tá sabendo que a coisa ia mudando.
O: A coisa `tava apertando, não. Já `tava, os ingleses `tavam forçando o, a interrupção do tráfico.
D: Schafer, Fahl, Thamerus...
O: Então ele como `tava precisando de muita mão de obra pro café que `tava desenvolvendo aqui...
E: Começaram a atrair...
(Risos paralelos)
C: Krähenbühl? (Fala paralela)
O: Resolve atrair.
D: Krähenbühl num, num `tava lá, nesse registro.
E: Só que nessa aí, traíram também muita gente lá che...lá eram prometidos terras e

num sei o que, chegava aqui eles...

O: Não eles...
E: ...não tinha nada disso.
O: ...eles pintavam a coisa como...
E: Comé que foi com o teu avô que, hã, quando ele veio prá cá, lá prometeram mundos e fundos, chegô aqui...
C: -----? (Fala incompreensível) É.
E: O do, véio Masath tamb, m. E o...
C: Ah, o Masath também. Masath que eu não tenho muito, não lembro muito bem da história.
E: Ou foi a parte da sua mãe lá que...
C: Agora o Hoffmman veio. Prometeram mundos e fundos lá, veio como contratado,

lembra? Com negócio de carvão. Lá no sul.

J: Santa Catarina.
O: Crisciúma, lá aquela zona?
J: É.
E: O Hoffmman, não, foi o, o, o Kimberl, o, do, tinha um padastro, também, o teu padastro também o, o, o avós, a, o, pai veio também...
C: Também veio com a mesma história do carvão.
E: E tamém ele era técnico lá de, de minas e num sei o que na Alemanha.
J: Mas o Hoffmman também, veio com a mesma história.
O: Mas mais tarde isso.
E: O Hoffmman tamém.
S: -----?(Fala paralela e incompreensível)

E: Ah bom, os Hoffmman também lá eram...
O: Hum?
E: ...comerciantes de carvão lá, né?
C: Eles tinham...
E: É.
C: ...lembra, ainda tinha fotografia lá do...
E: Ham, ham.
C: ...Halfmman lá do civil.
E: Eles tinham comércio de carvão lá...
C: É.
E: ...né?
C: Eles vieram prá cá por causa do negócio do carvão. Agora, o por quê eles ficaram...
E: É, era freqüente assim eles prometerem terras prá eles...
O: Sabe que tem um...
E: ...aqui tudo e -----?(Falas paralelas)

O: ...tem uma turma de descendentes de italianos na zona onde eu nasci, mais ou menos em Jabotical ali perto de Ribeirão Preto que resolveram também escrevê a história. Contrataram um, um historiador de Araraquara _____? (Fala incompreensível) prá escrevê a história dele. Dessa família, que hoje tá riquíssima. São usineiros de cana lá em, lá em Jaboticabal. E o nome do livro é "Aqueles que dizem Adio", o que, diz que eles vinham achando que era "Arrivederci", que eles vinham, faziam a América...

C: É.

O: ...e voltavam prá, prá Itália. E quando chega o momento em que eles chegam à conclusão que não tem mais "arrivederci" que eles têm que se fixá aqui, formá as famílias dele aqui, então é o momento do "adio". Então quando eles dizem "adio", que eles aceitam a terra brasileira e resolvem se fixar nessa terra.

C: E foi mais ou menos isso aí, viu?

O: Então é um livro muito bonito...

C: Porque eles vieram... (Falas paralelas)

O: ...com o título "Aqueles que dizem Adio", quando resolvem que vão realmente se...

C: Ele é...

O: ...se fixá aqui.

C: ...porque eu sei que meu avô era técnico, alguma coisa em negócio de carvão e veio contratado, e dali prá frente eu não entendi mais.

O: É, depois que acabô o contrato resolveu ficá.

E: Eu tenho um avô também, o, o, eu tenho um avô Masatck também. Ele também não teve quando ele veio, hã...

C: Nossa! Meu...

E: ...ele trabalhô na fazenda e passô os apuros que ele era eletricista, uma coisa assim.

C: Ah sim.

E: Depois ele se mandô de lá, depois foi prá São Paulo. (Falas paralelas)

C: Eles vieram prá fazenda. Quando eles foram prá São Paulo, meu avô foi ser eletricista da antiga Casa Alemã, onde...

O: E a fazenda era de que cidade?

C: Num sei.

O: Deve ser fazenda do interior.

E: É pena que a avó já morreu.

O: Morreu, é.

E: Meu avô também morreu...

C: Isso eu não sei. (Fala paralela)

E: ...faz tempo, né?

C: A minha avó veio também... (Falas paralelas)

E: Na idade dela também num, quando tem, quando a gente tem uma certa idade a

gente num, num fica cavocando...

C: Hã, hã.

E: ...as informações, né, do... (Ri)

C: Se bem que a gente conversava muito, mas eu não gravava muito os nomes. Então...

O: Hum, hum.

E: É, quando a gente, criança a gente não dá importância prá esses fatos.

D: Hum.

C: Então eu sei que ele, ele trabalhô na Casa Alemã como eletricista, lá ele conheceu minha avó, também veio nas mesmas condições, mas isso foi, antes da Primeira Guerra?

Pós Primeira Guerra.

O: Vinte, vinte e pouco.

C: Pós Primeira.

E: Teve até um, uma fase lá que ta...to...to...teu avô quase foi vendido aquele da, da ----

----?

C: Sim, ela era adolescente...

T: Quase -----? não foi?

C: ...então existia, ela contava que existia no, Praça da Sé, existia um...

E: Praça da Sé ou no Largo São Bento?

C: Pode tê sido, é, eu acho que foi o Largo São Bento. Tinha um tablado, onde as, hã, essas adolescentes de, filhas de imigrantes eram colocadas naquele tablado e aquelas senhoras com monóculos, né, olhavam, olhavam e compravam essas meninas que, prá trabalhá.

O: Como empregadas, né?

C: E ela foi trabalhá numa família italiana. Na época, muito rica que tinha um negócio de café.

T: Tilli vem cá. (Fala paralela)

C: Na época. Esses queriam levá-la de volta prá Itália, porque eles voltaram prá Itália.

O: Hum, hum.

J: Boa Noite.

D: Boa Noite.

(Chegam Henrique e João Ricardo Gübel)

C: Voltaram, voltara...

D: Oi Joãozinho, `tá bom?

C: Ué, `tá perdido?

(A professora Olga ri)

C: Boa Noite.

O: Boa Noite.

C: Então, esses então...

E: Êpa!

C: ...foram prá Itália e queriam que ela fosse com eles. Aí ela...

(Falas paralelas ao fundo)

E: Dinheiro não tem.

C: E segundo ela contava diz que a família era muito boa. Então deixaram ela ficá. Ela ficô...

(Falas paralelas ao fundo)

C: ...ela conheceu meu avô naquela Casa Alemã, onde ela foi trabalhá de caixa no salão de chá, que existia no...

O: Que é num salão chiquíssimo, com orquestra...

C: ...na Casa Alemã. É.

O: ...com piano de cauda e tudo.

C: Foi lá que ela o conheceu.

(Falas paralelas ao fundo)

C: Depois eles foram trabalhá numa outra fa...aí saíram de lá, já casados, foram trabalhá numa fazenda que também eu não sei onde era. Não deu certo...

O: Hum, hum.

C: ...aí voltaram prá São Paulo. Aí meu avô trabalhô na...

(Falas paralelas ao fundo continuam)

C: ...ai, comé que chama? Era uma metalúrgica.

E: ...às duas horas tem, tem reuniões. (Fala paralela)

C: Ai, agora esqueci como chama a metalúrgica.

O: Matarazzo, não era?

C: Não, não. Não era. Era uma metalúrgica...

(Falas paralelas ao fundo)

C: ...e depois com o tempo ele mesmo tentô montá uma pequena metalúrgica, não deu certo. Aí ele trabalhô como artesão.

O: Hum, hum.

C: Fazia lustres, abajoures estas coisas, mesmo como autônomo...e assim...

O: Ferro fundido.

E: Não.

C: ...nós...

E: Latão.

C: E assim com...

E: Latão pobre.

C: ...ele nos criô, qué dizê, é o filho, que era meu pai, uma filha adotiva e eu. Eles nos

criô assim, né, como artesão.

D: Hum.

C: 50 anos de Brasil.

O: E tinha muito naqueles, deste, que fez as grades lá pro seu pai assim. Aischenbach também era famoso na colônia alemã.

S: Também era gozado, porque ela dava aula de piano e ele a, trabalho de ferro. Tendo piano dentro de casa e...

D: Martelo lá fora.

O: Martelada do lado de fora. (Ri)

(Risos)

S: Martelada do lado de fora.

C: E como ele era austríaco o meu avô, então a gente freqüentô. Ele fazia parte da

diretoria que também na época, muitos anos. Então a gente freqüentô, viveu lá dentro, né? Então era...

O: Lá não tinha grupo folclórico?

E: Tinha. Já tinha...

O: Tinha.

E: ...grupos folclóricos mas, minha irmã fazia parte de um, de um, de um grupo de dança do -----? na época. Eu me lembro, tinha uma senhora que dava aulas de bale, eu acho que é da época do Matusalém naquela época.

(Risos)

C: Magrinha, ela usava aquele...

T: Sequinha. (Ri)

C: ...aquele bambuzinho pequininho, e...

E: Varinha de marmelo.

C: Dona Selma. Ainda me lembro o nome dela. E, minha irmã fazia, hã, parte do bale e tanto ela quanto eu, nós tínhamos aulas particulares de acordeon com o senhor Grinaüa.

Era um alemão que ia toda semana na casa dos alunos e dava aula na casa dos alunos.

E: Aproveita que `tá falando de acordeon, se vocês souberem de alguém que tem...

(A professora Olga ri)

E: ...um bom acordeon em casa eu `tô comprando.

(Risos)

C: Aí nós fazíamos apresentações. Então a gente reunia todos os alunos prá fazê uma,

uma apresentação. Então era assim, tipo, 40 acórdiões tocando sobre um palco.

O: Era moda naquela lá.

C: É.

O: Adelaide Quioso que tocava muito bem.

E: Tinha até na ginca...na gincana Kibon, lá na televisão, né, com aquele chapa lá que...

C: E eu sei lá.

E: Você nunca tocô na gincana Kibon lá?

C: Isso é do meu tempo...
T: Ai pai!
C: ...do teu tempo, não do meu. Gincana Kibon. (Ri)
(Risos)
E: `Cê se lembra aquele programinha da Kibon?
O: Eu lembro.

C: Ah, ai Olga!
O: Eu lembro.
(Risos)
O: Vicente Devoratto.
E: Vicente Devoratto.
(Risos)
E: Achava tão chato aquela turminha: "funhê, funhê, funhê".
C: Mas assistia, né
E: Todo mundo que vai lá tocava...
(Risos)
E: ...todo mundo que ia lá tocava "Aquarela do Brasil"...
O: ...do Brasil...
E: ...do Ari Barroso...
C: Mas ele assistia, né?
E: ...na sanfona.
C: Era chato mas assistia. Então aí...
E: E tinha outra coisa? Nós ficava lá em frente a televisão, né?

(Ralph ri)
C: Aí ia era...
O: Era "Cirquinho do Arrelia".
(Risos)
C: ...Bragança, Clube, aí tinha "Clube Bragança", "Transatlântico", aí era "Pamber"...
E: Histórias Maravilhosas da Sher...da, da, da... (Fala paralela)
C: ...aí qual mais que tinha?
E: ...Benex, lá com a Shirley Temple, né?
(Risos)
C: Aé e aí fora o coral do Lyra tamém na época...
(O entrevistado Ralph continua rindo)
C: ...não sei se ainda hoje é famoso, né, na época "Coral do Lyra". (Fala com ênfase)

Então era apresentações em cada sociedade. Então essa, essa andança.

(A professora Olga ri)
E: `Ceis são zigue-zague de desenhos?
C: Ai credo, que horror.
O: "O Sítio do Pica-Pau Amarelo".
(Muitas falas paralelas)
C: É recente.
D: É, eu assistia.
(Muitas falas paralelas)
T: Eu cheguei a assisti. Não faz tanto tempo.
C: Então a gente sempre...
E: Em casa também, uma vez eu assisti na casa do vizinho.
S: Televisinho.
E: No televisinho. (Ri)
J: Olha essa daqui, ó._

(A entrevistada Carla ri)
C: Então realmente, eles faziam muita coisa pros jovens, né?

O: Ham, ham.
C: Então sempre tinha alguma coisa. E continua ainda, né? Hoje...
O: Tudo bem.
C: Hoje com esse negócio da gente mexê com, nossa, quanto tempo eu não frequento mais a sociedade em São Paulo.
E: Desde (bocejando de sono), desde que `cê me conheceu.
C: É, 17 anos...
E: Foi me levando pro mal caminho, né? (Falas paralelas)
C: ...começamos agora de novo, né? Enquanto a gente `tava em Taubaté num tinha.

E: Agora tô pagando os meus pecados.(Ri)
O: Hum, hum.
E: ...então eu afastei. E agora com o negócio do grupo de dança, agora a gente começa a, a matá a saudades, né? Então vem, "ah mãe, lembra daquele", "ah, lá do clube tal". Na reunião que nós fomos lá no clube Helvetia de São Paulo, onde se reuniram todos lá "tem uma cara na outra mesa, eu conheço aquele cara".
O: Só que engordô, encarecô.
C: Ai.
(Risos)
E: "Era tão lindo!"
C: Engordô, encarecô, não cresceu, continuô do mesmo tamanho.

(Risos)
E: `Tá parecendo a Maria Emília na noite alemã lá, né?
C: Em Indaiatuba ela falô: "Carla...
T: Ela ficô chateada que...
C: ...eu encontrei um ex-namorado."
(Risos)
C: Comé que ele `tá? "Horrível."
(Risos)
E: Gordo, careca. (Ri)
C: "Horrível."
J: Nessa hora `cê tinha que falá prá ela assim: "Valeu a troca então?"
(Risos)
C: E o pior, eu acho que ela olhô uma 100 vezes pro Wanderley aquela noite Schatz, meu Schatz, meu Schatz(Fala em alemão; Schatz: tesouro em alemão)

(Risos)
O: E o pior, eu e o Dettlof, nós fomos colegas de classe no "Porto Seguro", e os únicos que se casaram da turma, né? Então quando tem as reuniões depois de 20, 25 anos de formados, quando a gente chega, todo mundo reconhece porque os dois chegam juntos, dá prá reconhecê. E o resto? A gente não conhece, eu não consigo lembrá.
(Risos)
O: Um `tá que não tem nem o cabelo, outro engordô muito: "A Olga, como vai?", não sei o que, e eu não conheço "Ah, tudo bem".

(Risos)
C: Aí quando eles se afastam `ce pergunta: "Quem é, hein?"
(Falas paralelas e risos)
O: E o pior não é isso. Ele é pior do que eu. Que rótulo que a gente vai colocá agora, hein?
(Risos)
E: Não, a minha família que vai tomá chopp todo ano a gente conhece mais ou menos, né?
C: Mas pass daquela turma acab. (Ri) Mas , verdade, viu? A gente fica...
O: Os anos vão, né?

C: ...mas realmente quando `tava na reunião eu falei: "Eu conheço aquele cara eu não

sei da onde." (Ri)

(Risos)

C: Ai, e o Ernst não pode me ajudá porque ele num, num...

O: Num freqüentava.

C: ...num freqüentava tudo. Então eu falei "Meu Deus", dois dias, três dias depois "ah, eu lembro da onde que era". Orra, demorô três dias prá descobri quem era o homem.

(Risos)

E: Uma vez já viu, `tá tudo espalhado e, um `tá em Fortaleza.

C: Ah bom, voçeis era do "Deutsch Pagentte", qué dizê que a turminha dele era completamente diferente, né? (Ri) É...

E: Acho que casado, esse pessoal `tá um ano...

(A pesquisadora Olga ri)

E: ...tá tudo...

(Ri novamente)

E: ...separado...

O: Segundo, na terceira.

(Risos)

E: E u...ultimamente o que eu `tô, o que eu `tô encontrando de ex-namorada minha assim que...

(Risos)

T: Ih. Tá avulsa, tá avulsa.

O: Ó. (Ri)

E: Não, desquitada assim, divorciada, né?

T: É, é?

(Risos)

C: Aqui em Campinas de repente encheu a cidade, viu?

(Risos)

J: É que `cê sai, se encontra a Carla e pergunta "Cadê o Ernst", ela fala "Tá lá!"

(Risos)

E: Há tre...há três anos atrás...

O: Com qual deles, com qual delas? (Fala paralela)

E: ...sem querê eu encontrei aqui num leilão, no Helvétia aqui, encontrei uma de 20 anos atrás assim, né. (Ri)

T: "Mas olha, `cê `tá casado ainda, né?"

J: A turca?

T: A turca. (Ri)

C: É, a turca `tá casada ainda.

T: `Tá casada.

E: Não `tá em, `tá em "pé-de-guerra".

(A entrevistada Carla ri)

E: Num `tá casada, `tá em "pé-de-guerra".

(Ernst ri)

C: Mas é isso. É isso aí.

O: Quando nós, quando nós viemos prá primeira festa de Friburgo. Foi quaren...noventa e dois.

C: Orra, `cê já ia falá 40?

O: 42. Até falamo -----?

(Risos)

O: A turma `tava querendo achá um jeito de trazê os jovens. Eles já falavam que `tavam querendo fazê uma piscina, mas que era muito caro.

(Falas paralelas ao fundo)

O: Eles pensaram em colocá, em arrumá dinheiro prá fazê a piscina, porque eles sentiam a necessidade de, de trazê e num sabiam como.

E: Fazê piscina aonde? Só se for em cima do salão, ali.

O: Não, do lado do campo de futebol ali.

C: Só que aquela terra não , deles.

E: Aquele campo lá atrás não é deles. (Falas paralelas)

O: Ah é? Não é deles?

E: Aquela terra onde tem o estacionamento lá é do Schäfer.

O: Mas vai vê que o Schäffer `ta...`tava concordante, não? (Ri)

T: É, vai vê, quem sabe assim, a sociedade investindo na piscina. Ô, loco.

C: É um dos grandes problemas em Friburgo, que ele não tem terreno.

E: É. Não temos espaço.

C: E o terreno que tem é acidentado.

O: É.

E: Talvez seja...

C: Então... (Falas paralelas)

E: ...seja, o caso talvez de tentá comprá aquele terreno do Schäffer e anexá, né?

O: Anexa, é.

C: Então nós até...

E: Recorremos.

C: ...`tamo sentindo, eles `tão sentindo realmente necessidade...

E: `Tá com coceira no dedo? (Fala paralela)

C: ...em aumentá pelo menos a, a pista de dança.

(Falas paralelas ao fundo)

O: Hum, hum.

C: Mas já tem problemas, não pode aumentá prá frente, assim do lado da estrada.

(Continuam as falas paralelas so fundo)

C: Então não tem como.

E: Ah, mas você tem dinheiro lá guardado. (Fala paralela)

C: Não tem como aumentá.

O: Do lado da Igreja tamém vai invadi a Igreja?

C: Então fica mui...é...mui...os...terreno lá é...

O: Limita, né?

(Falas paralelas ao fundo)

C: É uma coisa horrível. Então uma forma é tirá a escolinha ali de dentro. E, porque a escola também usa aquilo a semana inteira.

O: É, tamém quando chega a hora de fazê as festas tem que re...rearrumá todo o espaço.

C: Então eu já...

J: Não. (Fala paralela)

C: ...tentei bolá uma forma de...

J: Tatiana.

C: ...talvez fazê duas salas do lado da bocha, como são só duas salas de aula mesmo, então fazê duas salas do lado da bocha e colocá a escolinha lá, e finalmente montá o prédio como uma sociedade mesmo...

O: Como um clube mesmo. (Fala paralela)

C: ...passá a chave, fim de papo. Aí começa, que realmente nã tem, porque o...é..o pouco que tem é o que vem de eventos.

O: É.

C: Patrocínio, difícil.

O: É.

C: Muito difícil patrocínio. Prá, agora a gente `tá querendo mexê realmente, vê se a

gente aproveita o que tem e não fazê coisas novas, porque tem muita coisa lá dentro que dá prá aproveitá, que dá prá restaurá, da prá aproveitá.

O: Hum, hum.

C: E não tentá ficá gastando.

O: É.

C: Que nem essa semana já fiz uma limpeza lá dos pratos de, do centenário lá...

D: Hum, hum.

C: ...tanto , que agora, quando foi prá São Bento eu, o Ernst já fez pesquisa prá mim.

Então, com, com a quantia que eles ganharam de lucro, que não foi muito, porque a festa junina foi boa apesar do tempo, mas se o tempo não tivesse tão ruim com chuva e frio...

O: Teria sido melhor.

C: ...teria sido ótima.

O: É.

C: E com esse lucro...

O: `Tava tão animados, eu fiquei com dó.

C: É, esse lucro vai fi...assim mesmo foi bom.

J: Encheu o salão.

C: Qué dizê, teve que fazê, transferi toda...

O: Prá dentro.

C: ...festa prá dentro. Né?

O: É.

C: Então já fica uma coisa que...

O: É, festa junina tem que sê fora mesmo, né?

C: Então todo material que você qué colocá lá dentro, você precisa tomá cuidado prá escola não estragá.

O: Hum, hum.

C: Então muitas coisas a gente gostaria de por, mas `tá limitado. "Não, num põe por causa da escola. Num pode modificá por causa da escola."

O: É, e a escola , na verdade a, a...

D: Origem, né?

O: ...forma original como que o prédio foi construído, né?

C: Entendeu?

O: A função principal.

C: Então, hã, com o lucro da festa junina agora vão comprá louça, que a louça já , do centenário. Então tem prato você olha lá e fala "p, não lavaram esse prato?"

(A professora Olga ri)

C: Quando `cê vai vê é uma mancha no prato que não há meio de saí, ou prato todo torto. Mas esse prato por que? Porque foi o pastor de num sei quando que arrematô isso não sei da onde, então trouxe tudo prá Friburgo. Então...

(Alguém mexe em uma vasília)

C: ...pedi pro Ernst "faça pesquisa", então queria comprá os pratos aqui. Com o dinheiro que eles têm do lucro, eles só iam consegui comprá 300 pratos rasos. Quando pelo que o Ernst ligô prá Oxford, em São Bento, com que eles têm, dá prá comprá 300 rasos, fundos, mais sobremesa e mais xícaras de pires.

(A professora Olga ri novamente)

O: Faz o jogo completo.

C: E precisa porque pro, tem a, tem o Kaffe mit Kuchen pros de terceira idade em setembro, o próximo evento. E precisava xícara.

O: É. Fica grande...

C: O que tem...

O: Hã.

C: ...não tem...
O: Não tem mais alça?
C: Ou não tem uma parte aqui, uma parte ali. Entendeu?
O: É, teve uma bagunça.
C: Então montá Friburgo agora tem que sê desde o começo.
O: É.
C: Desde o começo.

(Silêncio)

C: Eu sinto um pouco de dificuldade. Sinto, eu sinto dificuldade porque é como o Ernst falô, de repente vem um lá no meio "Ai, você `tá querendo tomá espaço, você `tá querendo isso, `tá querendo aquilo", quando que na verdade não , isso.

FIM DO LADO 2-A

INÍCIO DO LADO 2-B

(O entrevistado Ernst ri)

C: Hã...

(Falas paralelas ao fundo)

C: ...pelo que você paga por ano...

O: É irrisório.

C: É ri...ridículo...

E: Mas vai fazê onde? Aqui ou em... (Falas paralelas)

C: ...aquilo você não consegue pagá...

J: Vô tentá em casa. (Falas paralelas)

C: ...a luz que a bomba usa, que puxa de água, `cê num paga, com aquilo ali. Então, hã, outro dia eu falei "vamo fazê uma vaquinha, vamo colocá..."

T: O desenho. (Fala paralela; fala rindo)

C: ...uma pessoa prá pelo menos fazê uma faxina uma vez por me...semana, prá quando a gente vem em sábado e domingo aquilo `tá limpo.

O: Hum, hum.

(Falas paralelas ao fundo)

C: Aí o, puxa daqui, puxa de lá, puxa daqui, não tem lugar, num sei o que. Eu falei "viu, o preço de uma cerveja que vocês gastam por mês, dá prá gente pagá uma faxineira assim, porque, `cê vai fechá sua continha no final do mês no ba...no bar que você tomô a cerveja, tranqüilamente, se cada um pagá um pouquinho daquilo dá prá pagá uma

faxineira". Aí, bom, aí fica aquela enrolação. Aí outro dia eu fui prá feijoada, eu fui lavá banheiro. Aí a Tatiana ainda ficô brava: "ô, mãe, `cê vem lavá banheiro aqui?" Eu falei: "Olha, em primeiro lugar, num cai meu braço."

(Tatiana ri)

C: "Em segundo lugar, eu tô lavando esse banheiro por que? Porque primeiro lugar você usa e é minha filha, em segundo lugar, eu uso, e em terceiro lugar tem todas as meninas do grupo que usam...

O: Hum, hum.

C: ...e eu me preocupo com elas." Então enfiei o saco do Sé no meu braço eu vamo que

vamo. Falei que se todo mundo pensá "ah, não vô limpá o banheiro..."

O: É, isso , uma função menor...

E: Aí teve uma que falô: "Eu não lavo banheiro em casa, vô lavá aqui?"

(Risos)

C: Entende? Então...

E: É.

C: ...por que não? Eu falei "já que a gente, que eu entrei na chuva...

O: É prá me, se molhá. (Ri)

C: ...então vamo." Como realmente pro aniversário deles, que nós fizemos a festa de aniversário "muito bem", eu falei "voceis, já que nós não conseguimos nada, então vamos

nós." Ajuntei os meninos "Ceis me ajudam? Vamo fazê faxinão?" "Vamo". E foi até gostoso porque enquanto um dançava com a vassoura o outro foi esfregando...

J: Oh. (Ri)

C: ...o outro foi limpando. Qué dizê, isso, este aí no ventilador lá em cima dançando na escada, sonzinho lá, limparam e deixaram tudo limpinho.

J: Corneta do Baile (Fala incompreensível) na hora do almoço.

(Risos)

J: Prendemo a faixa da Bosch lá. (Ri)

T: Ficô bonita!

E: Ficô bonita!

C: Então, qué dizê, eu acho que...assim a gente...

O: É lógico. E é uma forma de aprendê também, né, que não existem trabalho que é indigno, pois é...

E: Uma só. (Fala paralela)

O: ...que quando vê que a coisa funciona tem que juntá...

(Risos ao fundo)

O: ...os esforços, senão não funciona.

E: Né?

O: É muito mais fácil pagá, mas também você num, num valoriza aquilo que voceis podem.

S: Uma cerveja e uma _____? anima qualquer um. (Fala paralela)

C: Então é assim que eu tenho...

E: _____? (Fala incompreensível)

S: Depois dessa da, da dança aí elas ganharam uma furadeira, né?

E: É.

D: Hum, hum.

J: Aí eu tentei, isso porque eu tentei dinheiro mesmo, né? Só que aí...

E: É mais difícil. (Fala paralela)

J: ...num consegui. Aí, "uma máquina serve?"

(A professora Olga ri)

J: Claro, né?

E: Ô.

J: Tudo que vim é lucro. Aí eles doaram a máquina...

T: Quem?

J: Fiore.

E: Fiore.

J: Chegando a, a ,poca da festa tal, né, eu avisei o pessoal, ainda na época o Ricardo era responsável pela área de, pela parte de marketing lá, ele fe...e ele mandô, fez faixa e

eu levei.

(A pesquisadora Denise ri)

D: O João ligô em casa...

(Muitas falas paralelas)

D: ..."comé que escreve Tanzgruppe que vão fazê uma faixa".

J: Aí ele falô assim: "É uma faixa discreta, quatro metros". Eu falei: "Quatro metros?"

"É". "Ah".

(Tatiana ri)

J: No dia seguinte ele fala: "Não é quatro, é oito."

(Risos)

T: Olha.

E: Agora bri...brinde e, e objetos assim é mais fácil, né?

(Muitas falas paralelas)

C: O Ernst também. Tenta na Mercedes.

E: Um faz isso, outro faz não sei o que, né?

T: Lá pro lado do -----?

C: E...

O: `Tá com frio, Dê?

(Risos e falas paralelas)

D: Ah, depois de Limeira eu `tô, vacinada.

O: É, também, né? (Ri) Onze graus.

D: Congelei.

O: Você, você sem agasalho.

C: Pega um, um blusão...

O: Ai.

D: Não.

C: ...teu lá. Dá prá Denise.

J: Pega aquele azul.

C: Prá ela...

(Falas paralelas ao fundo)

C: ...pelo menos jogá nas pernas aqui, bom, pelo menos acabô os mosquito agora.

T: Denise, vem experimentá um aqui.

C: Hã...

O: Ai, ai.

C: Mas Olga, não é fácil não.

O: Não, não ,.

E: Sentido São Bernardo, São Herbas que desce o...

(Falas paralelas ao fundo)

C: Prá você querê tê um pouco de requinte...

O: Outro dia nós `távamos mexendo com a documentação toda que eu trouxe da Alemanha..

E: Ele falô assim: "Se você quisé eu faço até no, `cê voc^ quisé eu arrumo até... (Falas paralelas)

O: ...que eu reuni sobre São Paulo e tudo mais, e as meninas falavam...

E: ...mando fazê -----? (Falas paralelas)

O: ..."mas como tem sociedade alemã com o nome de `Concórdia', né?" Eu falei: "`Ceis num desconfiam porque eles põem o nome de `Concórdia'?" "Não, professora". "Porque a discórdia é muito grande dentro, é a esperança que botando o nome de Concórdia que a coisa funcione um pouco melhor".

J: É, "Concórdia" de, mas é uma...

O: E "Concória", olha, `cê pega pelo Brasil inteiro e `tá cheio de co...ou "Concórdia" em português, ou "Concórdia" em alemão.

(Risos)

C: Mas realmente, viu, mas é, num é fácil.

O: "Concórdia" é normal todo lugat tem.

(Muitas falas paralelas)

C: Sim, diretamente...

E: ...vamo supor, né... (Falas paralelas)

C: ...é a primeira vez que eu `tô, em Helvétia eu fazia parte tudo, mas era só a parte do

folclore, então...

O: É, `cê não `tava na direção organizando tudo.

C: Num `tava. Aqui eu não `tô diretamente organizando, e eu também sozinha num faria nada. Qué dizê, eu preciso da ajuda deles também.

O: Lógico.

C: Só que a...até você colocá e prová que focinho de porco não é tomada, puxa vida,

desgasta, viu? Porque às vezes eu chego em casa e falo "bom, eu devo sê masoquista, não é possível." (Ri)

(Risos)

C: Realmente a gente, bom, aí...

E: Escuta, vamo sentá prá dentro?

C: Tatiana, sim. Tatiana veio prá Friburgo...

E: Dá prá pará um pouquinho?

S: Agora que `tá começando a ficá bom.

C: ...aí uns quatro meses depois...

J: Agora que `tá ficando bom.

C: ...a presidência veio em casa.

J: Vamo que vamo.(Falas paralelas)

C: De Helvétia.

J: Vamo que vamo.

C: Elas vieram e a Mari veio. E perguntô: "Escuta, o que que `tá acontecendo mesmo ou o que que aconteceu mesmo?" Falei: "`Tá bom...

E: Quando a Mari veio aqui?

C: ...então senta." Aí eu falei o porquê realmente ti...nós tínhamos nos afastado de Helvetia e também o porquê que nós...

O: Tinham resolvido...

C: ...tínhamos ido prá...

O: ...ajudá Friburgo.

C: ...Friburgo. E falei, Tatiana falô a parte dela, a Mari ouviu, falô: "Então, `cê tem razão, `cê tem razão." "Tudo bem?" "Tudo bem." Só que depois com o fu...com o decorrer

do tempo em Friburgo, aí aquela fofoca assim da sociedade geral, e a que, que, que, hã, como se fala? Achar o porquê que nós saímos, que na verdade não era bem aquilo, hã, caíu no ouvido de Friburgo.

O: Hum, hum.

E: Te...teve até uma virada de mesa que nós demos...

C: Aí...

E: ...na diretoria.

C: ...Friburgo ficô meio assim. Não todos, lógico, porque a Maria Emília, o Ricardo eles sabiam desde o início, eles convidaram, eles sabiam do que `tava acontecendo tudo,

mas os outros não. Não `tavam sabendo que Wanderley e Emília vieram em casa, nos convidaram, pediram prá ir. Qué dizê, isso a maioria não sabe.

E: Porque a, né, a fofoca em Friburgo que nem, nós tínhamos, nós saímos de, de Helvetia porque nós tínhamos arrumado encrenca lá.

O: Tinham brigado em Helvetia e vieram se...

E: É.

O: ...se escondê em Friburgo.

J: É.

E: Porque a, né, a fofoca em Friburgo que nem, nós tínhamos, nós saímos de, de Ovéssia porque nós tínhamos arrumado encrenca lá.

O: Tinham brigado em Ovéssia e vieram se...

E: É.

O: ...se escondê em Friburgo.
J: É, você qué uma opinião daqueles indivíduos eu desconsidero.
E: Sim, mas, olha, o peixe morre pela boca.
C: Aí, tanto é que nós colocamos Maria Emília e Wanderley como padrinhos do...
E: É o, o convinte de Helvetia...
O: Ham, ham.
C: Foram realmente eles...
E: ...prá voceis dançarem. (Falas paralelas)
O: Eles que te convidaram.
C: ...que vieram e procuraram...
O: Ham, ham.

C: ...e foram, né?
O: A idéia de...
C: De começá o grupo.
O: ...de criá o grupo, de começá foi lá.

(Falas paralelas ao fundo)

C: Aí eu, eu deu a idéia eu falei prá Sil: "Olha, o que a gente pode fazê. Estas que estão todo domingo aqui, todo domingo sentado, a gente poderia começá com trabalhos manuais prá que a gente, mas trabalhos típicos manu...né?"
O: É.
C: Prá, u...uma vez por ano que seja, fazê um bazar anual...
O: Hum, hum.
C: ...que isso dê uma renda à elas...

(Falas paralelas e incompreensíveis ao fundo)

C: ...prá que possa sê colocado, vamo dizer, no que elas precisam na cozinha.
O: Hum, hum.
C: `Cê conseguiu? Eu não.
T: (Ri) Não é, não é osso. (Fala paralela)
O: Não querem fazê trabalho manual.
T: É um pedaço de raiz. (Ri)
E: Ah, quando foi prá colocá toalha de, de pano...
C: E aí prá com, prá.. (Falas paralelas)
E: ...qual foi o papo?
C: Quando o quê?
E: Quando `cê queria comprá as toalhas de mesa, de pano.

C: Hum.
J: É, trocá as toalhas lá.
E: "Ah, eu não vô lavá."

(Denise ri)

E: "Eu não quero lavá."
C: Não...
D: Toalha.
C: ...o problema foi, hã, aqueles plásticos, eu acho que você já deve tê visto.
O: Hum, hum.
C: Pelo o que eu vi no verso, porque eu agora tenho virado do lado branco...
O: Hum, hum.
C: ...porque o colorido como diz um deles lá "Bom, se a gente fizé um baile havaiano isso vai dá certo."

(Risos)

C: Está marcado 1987.
(A professora Olga ri)

C: E eu, eu particularmente não gosto de plástico.

O: É.
C: Ah não sô que seja assim uma coisa, nem mesmo prá criança eu não gosto, eu acho que aí entra a parte germânica. Mesmo tendo criança tem que sabê comê na mesa.
O: Hum, hum.
E: Criança é criança, não é bicho.
C: É, e...
(O entrevistado Ralph ri)
C: ...aí entra um pouquinho o negócio germânico, né, e...
O: É, fora que fica ensebado.
C: É, entende? A gente, fica aquele negócio.
T: Acho que num limpa, num limpa nunca, né?

O: Aquele cheiro também, né?
D: É.
C: Então eu falei "Bom, vamos colocar pano. Tecido." "Ah, mas nós já tivemos tecido, o que acontece? Fura com, com, com...
O: Cigarro.
C: ...com palito...
E: É.
C: ...queima com cigarro, hã, dá trabalho prá lavá, prá passá e, ninguém `tá com saco de lavá, passá." Falei: "Bom, em primeiro lugar eu não perguntei quem lavá, quem vai passá. Segundo lugar, o tecido plástico pode ser igualmente furado com palito e queimado com cigarro, do mesmo jeito."
E: É pena, é pena que `cê num foi na Noite Suíço-Alemã.
C: Bom, ah bom.
E: Precisa vê as mesas lá. As toalhada da Mari...
C: Aí...
E: ...um fundo branco e re...re...
D: Em cima vermelho.
E: ...e rendinha por cima.
C: É uma toalha redonda, e rendada, né?
E: Só o, só o que ela faz quando você, tem evento...
T: E no encosto das cadeiras tamém tinha.
E: ...lá em Helvetia, né?
C: Então, hã, eu falei: "Olha, a gente num, num..."

E: Num precisa chegá a tal ponto...
D: Requite.
O: Sofisticação.
E: ...sofisticação, né, mas nesse ponto, a Mari...
C: É.
E: ...dô a mão à palmatória...
C: Ai eu falei: "Olha gente...
E: ...é impecável.
C: ...não são só quatro, cinco famílias que freqüentam isso aqui. É uma sociedade, pelo que eu sei são 200 famílias." Então, que eu sei é quanto mais bonito, pode sê uma porcaria a feijoada, mas se você põe uma coisa boninha na mesa, você vai comê aquela feijoada...

E: E depois você...
C: ...meio engasgado mais vai porque `tá bonito. É ou não é?
E: E uma feijoada é aberta pro público.
C: Sim.
E: Então você tem que vendê uma imagem da sociedade, então `cê tem que vendê uma imagem impecável.
O: Eu acho. É o cartão de visita.

(Denise ri)

E: Cartão de visita. O cara chega lá: "Puxa vida, alemãozada aqui é caprichosa." Ao passo que se você não tem nada disso o cara chega: Ôrra, os cara aí são meio, né, meio...

O: Relaxados.

C: É.

O: Relaxados.

C: E foi, foi. E olha, foi, foi a impressão que eu tive quando, a primeira vez que eu fui lá.

O: Hum, hum.

C: E eu realmente falei pro Ernst, eu falei: "Olha, pode sê tudo menos u...menos alemão." Pelo o que eu aprendi, pelo o que eu conheci, ele pode tê, sei lá, na casa dele uma confusão que ninguém se entende, mas isso é na casa dele.

E: Prá dentro de casa cada um tem o direito de fazê o que qué.

C: Certo, mas eu acho que pr'uma sociedade tem que estar em ordem. E, a; Mari, no

mesmo dia que ela teve aqui em casa ela falô: "Tatiana, você volta prá Helvétia e vai dançá no bordô." O bordô é o grupo mais velho e...

E: É o, a elite.

C: ...prá eles lá é o...a elite. É o grupo que tem mais dinheiro.

O: Hum.

C: Tatiana falô: "Olha, se eu realmente pudé ir eu vô."

T: Qué dizê, eu não posso simplesmente chegando: "Olha, dá licença, voltei, eu quero um parceiro."

C: Tanto é que a Tatiana falô: "Mas você já conversô com a coordenadora dos grupos."

E: Era a Silvana, não é, na época?

C: "Não." Então, a Tati falô: "Então, primeiro você conversa com a coordenadora, vê se a coordenadora concorda, e a monitora do grupo, e depois manda me avisá." E realmente, veio convite prá ela, ela entrô no bordô. Só que não dava tempo, porque os ensaios ali são justamente quando tem ensaio em Friburgo. E lá já tá formado, já tá bonitinho, já tá tudo organizado. Eles não precisam mais empurrões.

O: Hum, hum.

C: Mari conseguiu porque o ano retrasado eu falei, eu cheguei prá Mari, eu falei: "Mari,

você tá usando o folclore alemão. Você tá fazendo papel de palhaça, porque você tá indo, levando o teu grupo suíço prá apresentá, dentro de uma colônia alemã, folclore alemão. Eles sabem disso. Então não, justo você mostrá isso. Eles vão dizê: "Pomba...

O: Num pega bem, né?

C: ...grupo suíço e tá dançando folclore alemão? Como é isso?"

E: Uma apresentação em geral, em qualquer lugar assim...

O: Ninguém, ninguém percebe.

C: É, ninguém percebe.

E: Mas se tivé um alemão no meio, ou um suíço...

C: Tanto é, Olga, que pura, pela região eles eram mais conhecidos como alemão do que suíço.

O: É, né? Quando eu falo que tô estudando alemão aqui em Campinas eles falam:

"Helvetia" (Ri)

C: É.

E: É.

C: Bom agora espera. Consegui fazê a cabeça da Mari, falei: "Mari, precisa folclore suíço. Não é justo o que cê tá fazendo com os meninos." Ela conseguiu, via consulado, um casal.

O: Hum, hum.

E: Da Suíça...

C: O consulado pagô todas as despesas. (Falas paralelas)

E: ...o pessoal veio, ficô hospedado aí e trouxe o folclore suíço.

C: Eles vieram prá cá duas semanas. Aí a Mari: "Tá lindo, beleza, que eles chegaram. Só que eu não falo alemão."

O: "Comé que eu vô me entendê com eles?"

C: "Aí você vai." Então Dona Carla pegô Dona Tatiana debaixo do braço: "Vamo, né, minha filha?" "Vamo, mãe."

O: E aí é o, é o "Suíço-Deutsch". (Ri) Não é mesmo?

C: Não, Deutsh.

E: É

C: Olga, olha, o casal, de tirá o chapéu.

E: Do Swit...Swittch, porque...

(A professora Olga ri)

E: ...é só eles mesmos que falam.

C: É só mesmo Helvétia.

E: Porque eles lá hoje não falam mais o...

C: Não falam mais dialeto.

E: ...grande parte dos dialetos deles.

O: Mas tem dialeto sim ainda lá.

E: Tem.

O: Eu vi a televisão suíça lá era dialeto forte prá burro.

(Risos)

O: Eu tinha que fazê um esforço prá entendê. (Ri)

C: Mas o casal, tivemos sorte, que eles falavam um alemão!

E: Não, eles falam.

O: Deviam tê, deviam tê pego Universidade...

C: É, ele é professor... (Falas paralelas)

E: Eles falam alemão e falam...

C: ...lá na Suíça.

O: Falam outra.

E: ...o dialeto suíço.

C: E falam também. Um casal de meia idade, muito simpáticos e pé-de-valsas os dois.

T: Ah, o Seu Martin tinha assim cara de, de rei, não, segundo o Bernhard de, duende.

(Ri)

(Risos)

C: É, mas ele é, ele...

T: Mas era tão simpático, ele tinha só barba embaixo.

C: ...ele dança e todos que dançam também precisam tocar algum instrumento.

E: Pois é.

C: E ele é, tem um grupo dele, folclórico, mas, a, da meia idade, da idade dele, que é danças medievais.

O: Hum, hum.

C: Então ele veio...

E: É, trouxeram o... (Falas paralelas)

C: ...com todo material...

E: ...todas as coisas.

C: ...prá dois anos...

E: Via consulado.

C: ...todo mastigado, disco, hã, hã...

D: Vídeo.

E: C.Ds. de festas.

C: C.Ds., tudo, veio tudo mastigadinho.

E: E literatura tudo.
C: Livro, ele mandô fazê um livro, com todas as danças, tudo, com figuras, tudo

certinho, mastigado prá Helvétia. "Muito bem, Martin e Ana, quantos grupos são?" "Seis."

E: É, e quando eles vieram.
C: Aí já caíram de costas.
E: Então, quando eles vieram eles achavam que eles vinham prá formar monitores.
O: Que não existia. Que não e...
E: Não, formá, não, formar monitores.
O: Monitores prá depois formá o grupo.
C: Ele só dá aula prá monitores.
O: É.
T: E, é.
E: Ele não sabia que ele tinha que vim aqui prá formar grupos assim, ens...ensaiá

grupos.

D: Ensiá grupos.
O: Grupos.
E: Ele achava que ele ia formar monitores.
S: Que fria!

(Risos)

J: Imagine.
E: É.
C: O que ele xingô você não imagina.

(Ernst ri)

C: E eu escutei tudo.

(Risos)

C: Ele vinha no meu ouvido...
T: E traduzia belas palavras. (Fala paralela)
C: ...e, e "tsssss", depois ele falava: "Traduza." Eu falava: "Mart, eu não posso."
T: Minha mãe: "Que lindo! Que maravilhoso!", ela falava.

(Risos)

C: Eu não posso traduzir (Ri). Que era, realmente porque ele falô: "Eu num trabalho

com grupo direto. Eu só trabalho com monitores." Tudo bem, das nove das manhã às onze da noite trabalhamos duas semanas direto, sem sábado, sem domingo. Ele deu só 37 danças... divididas nesses seis grupos. Aí ele veio: "Carla, vamo sentá, vamo sentá." Depois com a Renata que é a coordenadora e, dos outros grupos. "Agora vamos traduzir tudo, vamos colocar, aqui tá o que você vai pelos próximos dois anos, tá bom?"

O: E nenhuma das, das coordenadoras num falam, falam "não"?

C: Ninguém.
E: O Renato, a, hã, ele até entende...
O: Entende...
D: Ham, ham.
E: ...mas não tem...
O: Fluência.
E: Hã, assim, fluência.
C: E eles ficaram hospedados numa casa aqui no Helvétia, mas eles tinham que almoçá e jantá na casa de cada um dos integrantes.
D: Aaahhh.
T: Mas era tão gostoso nos, nos ensaios de dança. Eles ensinaram dança prá gente. Pouca coisa a mama traduziu em, prá português, mas a ma...a gente dava prá entendê o que eles falavam, né, com os gestos, com, aí eu falava...

O: A linguagem do corpo fala mais forte.

C: É.
T: ...a linguagem da dança, sabe?
C: Dança. Olha, Olga...
E: O mais engraçado foi que nessa de, ele almoçava na casa do um, jantava na casa do outro, né?
C: De vez em quando esqueciam de buscá prá jantá.
T: Ué?
E: Aí um dia eu falei: "E ai, Mart, `tá tudo bem aí, não sei o que?" "Ah `tá, tudo jóia, o pessoal é muito amável tudo, mas eu não agüento mais comê arroz, feijão e salada de tomate."
(Risos)
E: Eu falei assim: "`Tá bom, então amanhã você descarta tudo que nós vamo, nós vamo

jantá fora", né?

O: Ham, ham.

E: Aí enfiamos eles no carro, levei eles lá no "Espeto de Prata."

(A professora Olga ri)

E: Primeiro eu perguntei: "Que, que `ceis querem? `Ceis querem comida italiana, querem comida, sei lá, japonesa, querem, hã, ou voceis querem churrasco?" "Comé que é churrasco?" "Ah, churrasco , assim, assim, assim." "Ah, nós vamo nesse, vamo nesse."

(A professora Olga ri novamente)

E: "Comida italiana nós temo lá...

O: Carne, carne é o, caríssimo, né?

C: Coitado.

E: Nossa.

C: Ele com a maquininha filmadora dele embaixo...

E: E...

C: ...punha o tripé lá e aí a gente jantava...

E: Enquanto a gente jantava o, a filmadora lá, o, correndo, né, que ele foi filmá o, o, a churrasqueira lá...

(Denise ri)

E: ...as carnes tudo, né, o, adoraram, né?

S: Se ele mostra isso na Suíça o pessoal vai achá que ele é milionário.

E: É.

D: É.

C: Mas realmente, ele, voceis vão tê oportunidade de conhecê-los porque ele man...depois de um ano, eles mandaram uma carta agora prá nós,

contando, né...

E: É.

C: ...re...relatando a aventura deles aqui, que no Bra...daqui eles eram tê ido prá Argentina...

E: É, eram prá...

C: ...numa colônia lá. (Falas paralelas)

E: ...prá uma colônia suíça lá, né?

C: Não deu certo, aí...

E: Mas eles deram uma voltinha.

C: ...eles foram...

E: Foram pro Rio, Foz de Iguaçú, né?

C: Não, eles subiram, eles foram prá, Salvador?

O: Salvador talvez.

C: Foi prá Salvador.

T: Foi, tanto é que `cê falô prá eles tomarem cuidado.

E: Ah, quando `tava problema de cólera, né?

C: Foi na época da cólera, tudo então.

E: Pessoal falava toma só água...
O: Mineral.
C: Mineral e tudo mais.
E: Mineral de garrafa tudo, né, e aí...
C: Depois de um ano agora...
E: Frutos do mar e peixe só se tivé assim, cozido...
O: Bem cozido.
E: ...etc, né, num, num coma nada cru, né?
C: `Magina, é...
O: Cuidado com o azeite de dendê.
(Risos)
C: Ai, ele cu...curioso do jeito que ele era, olha, não sei não.

(Risos)
C: E aí ele...
E: Bom, `tão vivos ainda.
C: É.
(Risos)
O: Sobreviveram.
E: Sobreviveram.
C: Aí ele escreveu uma carta prá nós, perguntando se eles perguntando se eles poderiam vir prá Agosto do ano que vem, prá alguns, algum...
E: Ah, eu tinha...
C: ...um ou dois meses.
E: ...convidado prá eles, depois comentei sobre... Não, ele falô sobre, falô algo sobre o Pantanal, não sei o que, eu falei: "Bom, se ele quisé conhecê o Pantanal então minha

a...me comunica com antecedência, a gente, aí eu programo minhas férias também, aí nós vamo juntos, aí nós vamo lá pro meio do mato `ceis conhecem, né? Então ele agora escreveu, né, que ele `tá querendo prá 95 programá as férias dele, né, pedi a licença dele tudo, né. Então, nós vamo vê se eles vêm, né, e nós vamo...

O: Prá conhecê o Pantanal.
E: ...pro Pantanal, né?
S: Agosto, né?
E. e C.: É.
S: Em Agosto, né?
O: É o calor.
E: Agosto, Setembro é a melhor época, né.

C: Então eles querem vim, então eles vão ficá aqui em casa. É um casal muito divertido. E foi. Aí finalmente a Mari trouxe o material, né? O, aí foi aquela despedida, né, os grupos dançaram as danças que eles ensinaram, todo de traje. Aí veio o cõsul, aí a Dona Mari: "Fala, Carla."

(Risos)
C: No meio de tudo aquela suíçada. Falô "Fala, Carla", o que que a Carla vai falá
T: A mãe falô
(Risos)
C: Aí realmente eu agradei, e finalmente eles tinham um, um material prá mostrá prá

juventudo suíça aqui, pros descendentes e tudo mais, e por tabela eu virei pro cõsul e falei assim: "Espero que...

T: `Cê acha? (Ri)
C: ...não pare por aí. Que o senhor traga cada vez mais material prá eles aqui, né?
(Risos)
E: Disseram pro cõsul.
T: A emoção...

C: Só que na hora num dei nem "tchun", eu fui falando, né?
(Ernst ri)

C: Depois eu cheguei em casa "Carla, o que que `cê falô, Carla?"
T: Nada...
O: Muito bem.
T: Falô direitinho. (Falas paralelas). Mari, adorô.

E: Ah, essa aí tem conversa tanta coisa, né? É assim...
T: Lógico.
E: Ih, o departamento cultural `tá assim de dinheiro, não é, Ernst.
C: Ah, mais olha só.
E: Prá trazê um casazinho, deixá 15 dias em Helvetia prá eles é, é migalha, não é mesmo?
O: Só pagam a passagem...
C: Não, agora... (Falas paralelas)
O: ...porque o resto é Helvétia que co...cobriu.
E: É, exatamente, eu falei "só a passagem".
C: Agora...
S: No mínimo, mínimo a passagem... (Falas paralelas)

C: ...Olga...
S: ...`tá por cortesia da Suíça, da...
O: Da Suíça, é?
(Risos)
O: Bem bolado.
C: Agora, Olga, eu `tô assim...
(Alguém mexe nas garrafas)
C: ...eu não sei onde enfiá minha cabeça. O "Grupo Fribrugo" `tá dando muito certo.
O: Hum, hum.
C: E `tá tomando espaço.
J: Hum, aí vem bomba.
(Risos)
J: Aí vem bomba.
D: Essa a gente não deve `tá sabendo ainda. (Ri) Novidade.
C: São Paulo já sabe, da existência deles.
O: Hum, hum.
C: Tanto é que já...

O: O consulado lá em São Paulo.
E: Não, não, as comunidades.
C. e O.: As comunidades...
C.: ...lá em São Paulo. (Falas paralelas)
O: Sei.
E: Não, não, não, não me oponho que... (Ri)
C: Aí a primeira jogadinha deles...
S: É que eu não sei como andam as coisas lá em São Paulo. (Falas paralelas)
C: ...nessa reunião que nós estivemos lá...
O: 120 anos?
C: ...que inclusive, é, que inclusive veio aquela moça do governo...
O: Ham, ham.
C: ...que...
(Risos)

C: ...implorô prá eles, pelo amor de Deus, material, fotografias que `tão engavetadas...
(Falas paralelas ao fundo)
E: Tá bom sem espuma?

C: ...tragam prá gente por lá. E eles na moita.
S: Isso, `tá bom, `brigado.
C: Bom, você já sabe como é o nível do pessoal em São Paulo. Eu ainda le...eu quis levar o Jair.
O: Hum, hum.
C: "Ai, eu não vô, eu não vô. Vai, Ricardo." "Ah, mas eu vô pela, prá Ribeirão, não, Rio Preto, não sei o que, eu me encontro com vocês em São Paulo." Eu falei: "Nada feito.

Eu preciso alguém da diretoria que responda pela diretoria."

E: "Manda o Elias lá."
C: "Manda o Elias". Eu falei: "O Elias não apita nada, ele `tá no mesmo tempo tempo como nós aqui. Se fizeram pergunta sobra a comunidade prá mim, eu não vô sabê respondê, eu preciso alguém que saiba alguma coisa daqui." Enrolô, enrolô, enrolô, o Wanderley vai. Vai de terno: "Ôrra meu tem que ir de terno?" Eu falei: "Tem que ir de terno."

O: E gravata.

C: E gravata.

(Risos)

O: Terno e gravata, camisa em ordem.

C: A gente em São Paulo, a gente já sabe com, que é a coisa, né.

E: É.

J: Arrumado, passadinho, né? Calça jeans.

C: Já é o normal lá, é isso.

(Falas paralelas)

J: Tem que tomá banho, né?

(Risos)

C: É, esconde o chinelo...

E: Ou é o uniforme ou é... (Fala paralela - Ri)

C: ...de dedo no carro e bota o sapato, né? Conclusão, fomos lá foi "Clube Helvetia", cõsul suíço, represetante da Áustria, representanto do Tirol, representantes de todas as

sociedades lá de São Paulo, tá, tá, tá, tudo bem. A coitada, bom, eu achei aquela reunião assim um absurdo, né?

E: Bom, deram uma gafi tremenda...

C: Tremenda.

E: ...no lugar lá, no...

C: Essa da, da, do museu, não falava absolutamente em alemão.

E: Ela era representante do governo do estado lá que `tava, aquilo lá na Bienal...

O: É o museu, o museu que é, que a esposa do vice-governador quer criar. (Ri)

E: Não, lá descobriram o mo...fizeram uma reforma lá, descobriram uma, uma área lá

em baixo da Bienal, né?

O: Mais mil metros. É.

E: É.

O: Mas na época eles não sabiam que existia.

E: Ou sabia que existia num...

D: Num sabia o que colocá. (Fala paralela)

E: ...sabe porque que aquilo `tava fechado, né, na, na reforma sem querê descobriram aquilo lá, né, bom.

C: Bom, começô a reunião em alemão.

O: E a fulana dançô.

C: A coitada sentada com mais duas companheiras lá, na ponta da mesa...

(Risos)

C: Eu `tava me sentindo mal. Wanderley entende alemão e fala um pouquinho, né, qué

dizê, prá ele tudo bem. Nós falamos e vi...entendê tudo bem. E a coitada lá.

(Ernst ri)

C: Depois de uma hora lembraram que a coitada `tava lá: "Bom, a fulana qué falá alguma coisa."

E: Já tinham falado trocentos outros assuntos, né?

C: Tudo menos do que a moça, bom já que, eu acho que já tem uma pessoa que não fala o idioma...

O: Por delicadeza...

C: Ou fala inglês...

O: É. Ou por delicadeza...

E: Por educação, né?

C: Ou por delicadeza coloca o po...a pauta dela em primeiro.

O: Lógico.

C: Terminô? Tchau, pode ir embora.

O: Libera, e ela vai.

C: Libera e vai embora. Não, depois de, acho que mais de uma hora a coitada conseguiu falá.

E: Aí todo mundo falando em português.

C: Ela mal terminô de falá o que ela queria...

E: É, aí o cara `tava continuando a reunião, aí de repente ele parô e falô: "Vamo continuá a reunião..."

C: Eu acho que não tem cheiro, oh. (Fala paralela)

E: ...em português ou em alemão?" "Alemão, alemão, alemão", o outro falô, né, aí

falaram, "lalalala"... (Ri)

C: Na barba da moça. Eu achei aquilo uma grosseria!

J: Mas é Tipisch.

C: "Tipisch."

O: "Pippes."

E: É. (Ri)

C: Mas deu vontade, olha...

(A professora Olga ri)

C: ...dá-lhe uma debaixo da mesa, viu? Que eu, aí eu fiquei cozinhando. E aí...

E: E era uma reunião de paz, né? (Ri)

T: É.

(Tatiana ri)

C: E aí se discute do, do, do, duma sociedade, bom, com, que é daquela senhora que `tava sentanda na minha frente? O museusinho lá.

E: Do Hans Staden ou do...

C: Do Hans Staden. Eu acho que ela `tava devendo não sei quanto ali prá aquela sociedade: -----? (fala em alemão), e não sei o que?

(A professora Olga ri)

C: Então era ca...problema de finança.

O: Era concórdia geral. (Ri)

C: Da, por problemas financeiros.

(Risos)

C: É nós três topeira lá.

O: Ai, ai.

C: Tá bom.

J: Nós não temos problemas de finanças porque nós não temos finanças.

(Risos)

C: Não temos, não ainda, já pensô quando tivé problema de finança?

E: É no caso de Friburgo é -----?(Fala em alemão)

C: -----?(idem) É.

(Risos)

C: Bom, aí o que que aconteceu? E cozinhando lá. Nós tínhamos vindo de Cam...daqui prá lá, à noite, durante a semana. Todo mundo no dia seguinte tem que trabalhá, e eu cozinhando. Aí uma hora eu cotoquei o Ernst, eu falei: "Escuta, eles vão falá sobre o, por que nos chamaram aqui ou comé que fica." Aí o Ernste deu uma cotucadinha no quem nos convidô.

E: Eu falei: "Escuta, sobre o assunto que nós viemo aqui...

(Tatiana ri)

E: ...no...nós ainda temos duas horas de viagenzinha pela frente, né, vamo...

O: Acelerá um pouquinho? (Ri)

E: ...não dá prá adiantá o assunto, o caixa aí no meio, não?" Aí ele -----? né, aí o véio já corta tudo, né, e...

(Risos)

E: ...corta tudo.

C: Entra de sola lá dentro, qué dizê, tudo aquilo que ele devia fazê que era dá um, uma -----?

E: Mas, eles eram de casa, né, mas eu não.

(Muitas falas paralelas)

D: `Cê não podia fazê nada

C: `Tava de fora, né.

(Ernst ri)

C: Então e o cõsul só olhava "rã, rã, rã, rã" (imitando alguém que ri constrangido). E eu (dá nova risada constrangida)

(Ernst ri)

C: E eu, vontade que eu tinha de falá "vamo embora" (Ri) Conclusão...

E: Muito assunto que não tinha a mínima ligação...

C: Eles agora, como já descobriram... (Falas paralelas)

E: ...com o jogo.

C: ...Friburgo, só que não tem idéia como é Friburgo, começô essa histórinha, "vamo começá a fazê encontros de grupos folclóricos", em Outubro, "Vamo".

E: Não, esse encontro já, já exis...já existe. O ano passado...

C: Mas este foi...

E: ...acho que foi no, no "Bragança", só que o "Bragança", pequeno e o negócio `tá tomando o, aumentando, então esse ano o Helvétia, lá do Jabaquãra, lá eles...

O: Indianópolis.

C: Indianópolis.

E: Indianópolis, é...

C: É Indianópolis...

E: ...São Judas Tadeu lá em cima.

O: É, até São Judas.

C: É.

E: Eles dão, vai ce...vai cedê o clube...

O: Lá é grande.

E: ...prá esse encontro, lá é grande, né?

C: Só que este...

E: Então convidaram o, o "Grupo do Friburgo" também prá ir.

O: Hum, hum.

C: Agora, convidaram, né?

E: É.

C: Aí Friburgo...

E: A única coisa certa é que...

- C: ...e entra na corrente.
 E: ...alimentação grátis prá eles, mas e aí? Transporte tudo.
 C: Aí Friburgo entra na corrente.
 E: É, a hora que entra na corrente é convite prá cá, prá lá, prá lá.
 C: Pro grupo tudo bem.
 (A professora Olga espirra)
 O: Não, é bom pro grupo sê reconhecido, mas precisa tê como, como subsidiá essa...
 E: Mas eu, é, mas eu não posso dá uma facada na, na sociedade que de...
 D: É.
 E: ...250, 300 reais prá...

FIM DO LADO 2-B E DA ENTREVISTA

... nós entramos em Curitiba. Aí nós cursamos os quatro anos... O Ricardo sempre mantendo mais ligação com a colônia que eu... Não a colônia em si, mas a nível da Igreja. Ele sempre foi muito amigo do pastor, então ele tava sempre em contato com juventude, essas coisas. Ele foi viajar muitas vezes para o Rio Grande do Sul, mas... eu parti pro outro lado que era o futebol pra brincar... era completamente diferente do que ele participava...

(Entrevista com Júlio Gübel, realizada pela equipe do projeto em 13/01/96 - p.7)

...meu irmão sempre jogava futebol de salão, umas 1 ou 2 vezes por semana ele ia pra cidade [Jaboticabal], eles vinham buscar ele pra jogar futebol então ele se integrou dessa maneira...

(Entrevista com Ricardo Gübel Jr., realizada pela equipe do projeto em 05/01/96 - p.13)

.... Eu entrei numa firma, a firma chamava ICM: Indústria e Comércio de Máquinas, era máquina pra madeira. Mas o chefe era alemão, quem me levou lá era filho de alemão, era alemão, mêmô, veio da Alemanha, só que ele veio pequenininho - tenho amizade com a família até hoje; o chefe era alemão, o engenheiro era alemão, o encarregado era alemão, o vendedor era alemão. Então a gente fica dentro daquele ritmo, que o alemão é difícil ele escorregar... Eu acho que... não vamos dizer assim certinho, certinho, mas o sistema que a gente tem já é mais certinho..

(Entrevista com Udo Böhn, realizada pela equipe do projeto em 25/01/96 - p.36)

TABELA DE DADOS REFERENTES AOS ENTREVISTADOS DA FAMÍLIA STEFFEN GÜBEL

Nome	Nasc. (data e local)	Religião	Nível educacional	Profissão	Participação na comunidade de Friburgo	Participação na sociedade mais ampla	Casamento/ religião/etnia do cônjuge
Marta Steffen Gübel	1907/ Friburgo-SP	luterana	Primário	Professora Primária	Professora na escola de Friburgo	_____ 1945/ Ricardo Gustavo Emílio Gübel / luterana/ descend. de alemães	
Júlio Gübel	1947/ Campinas- SP	luterana	Universitário/..	Universidade Federal do Paraná- medicina veterinária	Médico Veterinário do Lara (Ministério da Agricultura)		Membro da

Associação Escolar de Friburgo Membro do Conselho de profissionais de sua área profissional
 1976/ Terezinha Rosetto/ Católica/ descend. Italianos Campinas - SP

Ricardo Gübel Jr. 1947/ Campinas- SP luterana Universitário/ Universidade Federal do Paraná-
 medicina veterinária Médico Veterinário da CATI- Campinas Presidente da Associação Escolar de
 Friburgo (2a gestão) Membro do Lyons, Rotary 1975/ Marlene von Ah/ católica / descen. de
 suíços Indaiatuba- SP

Juliana Gübel 1976/ São Paulo católica Cursando o 3o grau - Engenharia de Alimentos-Unicamp
 solteira Campinas- SP

Fábio Gübel 1979/ São Paulo católico Cursando 2o grau Membro do Grupo Folclórico
 de Friburgo solteiro Campinas- SP

Melina Gübel 1983/ Belo Horizonte/ MG católica Cursando 1o grau Membro do
 Grupo Folclórico Infantil de Friburgo solteira Campinas- SP

Moema Cristina Gübel 1977/ Campinas luterana Cursando a Faculdade de Engenharia Mecânica
 (Unimep) Secretária contábil na Filtors Mahn (Indaiatuba) Membro do Grupo Folclórico de
 Friburgo solteira Indaiatuba- SP

TABELA DE DADOS REFERENTES AOS ENTREVISTADOS DA FAMÍLIA STEFFEN BÖHN

Nome	Nasc. (data e local)	Religião	Nível Educacional	Profissão	Participação atual na comunidade de Friburgo	Participação atual na sociedade mais ampla	Casamento/ religião/etnia do cônjuge	Residência atual
Ernestina Steffen Böhn	1909/ Friburgo-SP	luterana	Primário					
	1929/Eugênio Böhn /	luterano/						Friburgo Campinas- SP
Udo Böhn	1933/ Friburgo-SP	luterana	Técnico em Tornearia	Mecânica	Agropecuária			
	1955/ Cristina Rink/	Luterana						Friburgo - Campinas - SP
João Daniel Böhn	1971/ Campinas-SP	luterana	Universitário/	P.U.C.C. - Economia				
(desempregado)			membro do Grupo Folclórico	Immer Zusammen				de Indaiatuba
	solteiro Friburgo -							Campinas - SP

TABELA DE DADOS REFERENTES AOS ENTREVISTADOS DA FAMÍLIA (STEFFEN JÜRS) SCHÄFER

Nome	Nasc. (data e local)	Religião	Nível Educacional	Profissão	Participação atual na comunidade de Friburgo	Participação atual na sociedade mais ampla	Casamento	Residência atual
Werner Schäfer	1928/ Friburgo-SP	luterana	Primário	Agropecuária - político	ex-inspetor de			
					quarteirão/ex-presidente da Associação Escolar de Friburgo e presidente da Associação do Cemitério de Friburgo	Administrador regional do bairro Ouro Verde em Campinas- SP	1948/Naíde Jürs/ luterana	
								Campinas- SP
Odair Augusto Schäfer	1949/ Friburgo-SP	luterana	Universitário/	Medicina na Faculdade Particular de Mogi das Cruzes	Médico e político			
								Sub-Prefeito de Sousas (foi presidente da Sociedade Amigos de Sousas e Vereador)
								1974/ Gudrum Fiorini Distrito de Souza - SP
Walkíria Schäfer)	1980/ Campinas-SP	luterana	Cursando 2o grau	técnico em Publicidade -				
Sousas				Modelo Fotográfico da Ford Models				solteira Distrito de Souza - SP
Mariane Schäfer	1982/ Campinas-SP	luterana	Cursando 2o grau					
								Membro do Grupo Folclórico de Friburgo
								solteira Campinas- SP

notas

- 1 DAVATZ, Thomas - Memórias de um colono no Brasil (1850) Tradução, prefácio e notas de Sérgio Buarque de Holanda - B. Horizonte, Ed. Itatiaia / S. Paulo EDUSP - 1980, pag. 38
- 2 Para maiores informações sobre a saga da comunidade de Friburgo ver: VON SIMSON, Olga - Diversidade sócio-cultural, reconstituição da tradição e globalização: os teuto-brasileiros de Friburgo/Campinas. in FAMÍLIA EM SÃO PAULO: vivências na diferença., S.Paulo: CERU/Humanista, 1997 (Coleção Textos Série 2, nº 7) pag, 63 a 75.
- 3 MAGALHÃES, Marionilde Dias B. - Os imigrantes alemães e a questão da cidadania in Textos de História v. 1, nº 2 - 1993 pag, 56 e Seyferth, Giraldo - Identidade Etnica, assimilação e cidadania in Revista Brasileira de ciências Sociais, nº 26, ano 9, outubro 1994, pag 103 a 122
- 4 MAGALHÃES, Marionilde Dias B. - idem, pag 57
- 5 MAGALHÃES, M. - op. cit., pag 66
- 6 KAHLE, Maria - Deutsch Heimat in Brasilien Berlin, Verlag Grenze und Ausland, 1937
- 7 Para maiores dados consultar: VON SIMSON, Olga - Imagem e Memória in SAMAIN, Etinne - Do Fotográfico (no prelo)
- 8 MIRA, Maria Celeste - o global e o local: mídia, identidades e usos da cultura in Revista MARGEM, nº 3, S.Paulo, EDUC, 1994, pag 133
- 9 Entrevista com Udo Böhn, realizada pela equipe do projeto em 25/01/96 - p.36
- 10 MIRA, Maria Celeste - op. cit., pag 133
- 11 GIDDENS, Anthony - As consequências da Modernidade. S. Paulo, UNESP, 1991, apud MIRA, M. Celeste ap. cit., pag 133.

Olga Rodrigues de Moraes von Simson
F.E. / UNICAMP
Centro de Memória / NAP - CERU - USP - CNPq

XXI Encontro Anual da ANPOCS